

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
MIRIAN BARTELS**

**AS VERSÕES DE *NUMA E A NINFA*
E O INTERMEDIÁRIO
AVENTURAS DO DR. BOGÓLOFF:
PALCO DE EXIBIÇÃO LITERÁRIA
DO ESCRITOR
AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO**

Juiz de Fora
2012

MIRIAN BARTELS

**AS VERSÕES DE *NUMA E A NINFA*
E O INTERMEDIÁRIO
AVENTURAS DO DR. BOGÓLOFF:
PALCO DE EXIBIÇÃO LITERÁRIA
DO ESCRITOR
AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira, tradição e ruptura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Moema Rodrigues Brandão Mendes.

Juiz de Fora
2012

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF

Bartels, Mirian

As versões de Numa e a ninfa e o intermediário
Aventuras do Dr. Bogóloff: palco de exibição literária
do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto / Mirian
Bartels – 2012.

109 f.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de
Ensino Superior de Juiz de Fora, 2012.

Bibliografia: f. 102-106

1. Crítica literária. 2. Barreto, Lima, 1881-1922. I.
Centro de Ensino Superior. II.Título.

CDD – 801.959

FOLHA DE APROVAÇÃO

BARTELS, Mirian. *As versões de Numa e a ninfa e o intermediário Aventuras do Dr. Bogóloff: palco de exibição literária do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto*. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito à conclusão do curso de Mestrado em Letras, realizada no 2º semestre de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Moema Rodrigues Brandão Mendes
Orientadora Acadêmica CES/JF

Prof^ª. Dr^ª. Maria Andréia de Paula Silva
Membro convidado CES/JF

Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva
Membro convidado EPCAR

Examinada em: ___/___/___.

A Deus, autor da minha vida.
A meus familiares, incentivadores incondicionais.
Aos mestres e doutores, orientadores incansáveis; e aos amigos, presenças importantes.

AGRADECIMENTOS

Em um fragmento bíblico, Deus revelou que “tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (ECLESIASTES, 3, 1). Na continuidade da leitura do texto citado, são elencados termos positivos e negativos, uns ao lado dos outros, demonstrando que há exclusão entre os opostos, ocorrendo o certo ou a bênção, em detrimento do errado ou da maldição.

Parafraseando o autor das Sagradas Escrituras, há tempo de ler e há tempo de redigir; há tempo de ausentar-se da família e tempo de festejar a conclusão da dissertação; há tempo de suplicar forças e tempo de agradecer. E, ao concluir a referência ao texto selecionado, parece que há tempo para várias ações no mesmo instante, basta que cada um as escolha de acordo com suas necessidades e/ou objetivos.

Os agradecimentos são devidos a inúmeras pessoas. Primeiramente, ao doador da vida, que me criou com propósitos de adorá-Lo e servi-Lo, pois sempre me capacitou a oferecer o melhor.

Aos familiares, que sentiram somente a minha presença física, quando estava absorta em leituras individuais, as quais exigiam um distanciamento do convívio afetivo e, muitas vezes, festivo.

Aos colegas que se tornaram amigos e aos amigos que se tornaram confidentes, agradeço a companhia e disposição em me incentivar constantemente, dispondo-se no auxílio de encorajamento e apoio. Muitos foram essenciais com o ânimo para todo o período de decisões, de escolhas, da escrita e de encaminhamentos, nunca abandonando a fraternidade explícita.

Ao escritor Lima Barreto, que, inconformado com a situação dos literatos de sua época, ousou romper com o *modus operandi* e publicou textos sobre temas considerados marginais, tornando sua leitura prazerosa e instigante. Ele, em sua literatura, pôde mostrar a capital federal e apontar para o subúrbio e, com sua linguagem acessível, apresentou personagens distantes da elite, utilizando a publicação popular em periódicos para divulgar sua escritura.

Aos dedicados professores doutores do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), pela doação de tempo e orientação às pretensões pessoais a cada mestrando. Sobre a orientação, inicialmente, fui acompanhada pela Prof^a. Dr^a. Eliane Vasconcellos, que apoiou minha decisão em trabalhar com a obra **Numa e a ninfa**, de Lima Barreto. Para a apresentação do Projeto de Pesquisa, passei pelo acompanhamento do Prof. Dr. William Valentine Redmond.

Em 2012, a Coordenadora do Mestrado definiu que eu seria orientada pela Prof^a. Dr^a. Moema Rodrigues Brandão Mendes. Além de enveredar-me pela crítica textual em **Numa e a ninfa**, em versões e aventura intermediária bogoloffiana, ingressei no Grupo de Pesquisa “O resgate das escrituras: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico”, participando de leitura e levantamento de dados da correspondência pessoal dos escritores mineiros Cosette de Alencar e Gilberto de Alencar, que se encontra sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Agradeço ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, que acolheu uma grande turma de mestrandos e deu apoio para que todos os interessados tivessem oportunidade de cursar e concluir o Mestrado em Letras.

A política, por esse tempo, mais do que nunca, constituía um jogo de interesses estritamente pecuniários, representados pelos proventos dos cargos e o que se arranja com auxílio deles. Mais atroz e feroz esse jogo aparecia à vista da temporariedade dos cargos e da falta de uma base fixa e forte em que os detentores atuais se apoiassem pela bajulação, ou pelo talento, ou pelo sangue, como acontecia se estivéssemos sob um Império ou numa monarquia qualquer.

Lima Barreto

RESUMO

BARTELS, Mirian. **As versões de *Numa e a ninfa* e o intermediário *Aventuras do Dr. Bogóloff***. palco de exibição literária do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

Numa e a ninfa, obra do escritor pré-modernista Afonso Henriques de Lima Barreto, foi publicada em 1915, tendo como alicerces o conto homônimo “Numa e a ninfa” e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, publicados em 1911 e 1912, respectivamente. Esta dissertação foi desenvolvida sob distintos olhares, que, entretanto, inter-relacionam-se: o primeiro olhar, fundamento desta pesquisa, volta-se para a teoria da transtextualidade de Gérard Genette: **Numa e a ninfa**, o romance, é hipertexto, enquanto os demais “Numa e a ninfa”, o conto, e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, a crônica, são hipotextos. Tanto os textos de partida quanto o texto de chegada permitiram o aproveitamento do contexto sociopolítico do início da República, que tem o caráter de denúncia no palco da exibição literária. Um outro olhar, não menos importante, contemplou a teoria da Nova Crítica, que avalia os elementos da narrativa, confirmando a importância de se pesquisar um texto literário sob a ótica da sua estrutura. Ambas as análises são complementares e expõem a escritura genuína de Lima Barreto nos primórdios do século XX.

Palavras-chave: Lima Barreto. *Numa e a ninfa*. *Aventuras do Dr. Bogóloff*. Transtextualidade. Nova Crítica.

ABSTRACT

Numa e a ninfa, a novel from the pre-modernist writer Afonso Henriques de Lima Barreto, was published in 1915, and its basis was the namesake short story “Numa e a ninfa” and **Aventuras do Dr. Bogóloff**, published in 1911 and 1912, respectively. This thesis was developed under different views that, however, interrelate with each other: the first view, this research’s basis, is related to the transtextuality theory by Gérard Genette: **Numa e a ninfa**, the novel, is a hypertext, and the others “Numa e a ninfa”, the short story, and **Aventuras do Dr. Bogóloff**, the chronicle, are both hypotexts. Both the source texts and the target text allowed the use of the social-political context in the beginning of the Republic, which has the nature of complaint in the stage of the literary display. Another view, not the least, has beheld the New Criticism theory, which evaluates the narrative factors, confirming the importance of researching a literary text beneath the perspective of its structure. Both analysis are additional and show Lima Barreto's genuine writing in the beginning of the twentieth century.

Key-words: Lima Barreto. *Numa e a ninfa*. *Aventuras do Dr. Bogóloff*. Transtextuality. New Criticism.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Ponto comum no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	17
QUADRO 2	“Cópia” e “recópia” dos textos.....	22
QUADRO 3	Obras de Lima Barreto publicadas em 1956.....	32
QUADRO 4	Fechamento do Conto e do Romance.....	41
QUADRO 5	As ninfas de Numa Pompílio de Castro.....	50
QUADRO 6	Numa Pompílio de Castro nos textos de Lima Barreto.....	50
QUADRO 7	A personagem plana no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	92
QUADRO 8	A personagem redonda no Conto e no Romance.....	92
QUADRO 9	O espaço no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	94
QUADRO 10	O tempo no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	95
QUADRO 11	A analepse no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	96
QUADRO 12	O narrador no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	98
QUADRO 13	A linguagem no Conto, nas Aventuras e no Romance.....	99
QUADRO 14	A proximidade com a linguagem oral nas Aventuras e no Romance.....	99

LISTA DE SIGLAS

CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
2 NUANCES DA CONCEPÇÃO AUTORAL	19
2.1 RADIOGRAFIA TEXTUAL.....	19
2.2 GARIMPO NAS MEMÓRIAS BARRETIANAS.....	24
2.3 RELÍQUIAS DAS ENTRELINHAS.....	25
3 AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO	29
3.1 BIOGRAFIA.....	29
3.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	32
3.3 PANORAMA DA ÉPOCA.....	38
4 COMPOSIÇÃO DOS TEXTOS	40
4.1 ENREDOS EM DESFILE.....	40
4.1.1 Os textos homônimos Numa e a ninfa	40
4.1.2 Aventuras do Dr. Bogóloff	42
4.2 EXIBIÇÃO LITERÁRIA EM TEORIA: ROMANCE, CONTO E CRÔNICA.....	44
4.3 SIMBOLOGIA DOS NOMES.....	49
4.4 A CONSOLIDAÇÃO DO HIPERTEXTO PERPASSANDO DENÚNCIAS.....	51
4.4.1 O subúrbio ou guetos pobres.....	56
4.4.2 A situação da mulher.....	60
4.4.3 A mentalidade do alto funcionalismo.....	68
4.4.4 A falsidade dos doutores.....	72
4.4.5 As mazelas do governo.....	77
4.5 ELEMENTOS DA NARRATIVA SOB O OLHAR DA NOVA CRÍTICA.....	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	107

APRESENTAÇÃO

Sou Mirian Bartels, com sobrenome apenas paterno, obedecendo-se à tradição familiar alemã no Brasil, desde a segunda metade do século XIX, quando colonos e artífices imigraram para o Brasil Império com a finalidade de construir a “Estrada União Indústria”, ligando a cidade do Rio de Janeiro às Minas Gerais.

Muitas gerações com ascendência germânica trabalharam para melhor instruir seus filhos e, em meu histórico familiar, há presença de: lenhador, ourives, lavadeira de roupas, pessoas dedicadas à indústria e ao comércio, entre muitas outras atividades. Decidi estudar para ter possibilidades diversas e continuar, também, no ensinamento bíblico às crianças da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Juiz de Fora.

Graduada em Letras (1983), com habilitação em Língua e Literatura Portuguesa e Latina, e Bacharel em Administração (1994), ambos os cursos concluídos na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Isto abriu horizontes para além das atividades que envolviam os MUNCK e BARTELS.

Durante a primeira graduação, fui monitora na disciplina Língua Latina, em 1983. E, antes mesmo da conclusão da Licenciatura, fui admitida como professora em duas escolas: Instituto Granbery da Igreja Metodista e Escola da Comunidade São Vicente de Paulo, esta pertencente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Na primeira, escola confessional, fui contratada como professora de Ensino Religioso e passei pela experiência de ser “contadora de histórias”, compartilhando os relatos e as personagens bíblicas na linguagem acessível aos alunos de diferentes faixas etárias, por um período de cinco anos. Na segunda, como professora de Língua e Literatura Portuguesa, trabalhei por um período de nove anos.

A conclusão da Licenciatura em Letras fez com que surgisse oportunidade de trabalho em outras instituições de ensino, inclusive a Escola Estadual São Vicente de Paulo até o ano de 1991.

Após concurso público, desde 1991, sou servidora na Pró-Reitoria de Infraestrutura da UFJF, e, como não havia a possibilidade de acúmulo de funções públicas, não pude continuar trabalhando em sala de aula.

O segundo curso superior foi possível em função de a Universidade Federal de Juiz de Fora flexibilizar o horário de trabalho e possibilitar, inclusive, a conclusão de Curso de Pós-Graduação – Especialização em Administração de Recursos Humanos (1998), pela Fundação Educacional Machado Sobrinho. Atualmente, curso o Mestrado em Letras no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

Durante a vida acadêmica, apesar da inexistência de apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, ainda, poucos ou raros meios de publicação em periódicos destinados aos alunos em graduação, muito se produzia em disciplinas cursadas para o alcance de notas e aprovação. Em especial, a disciplina Literatura Brasileira desafiou-me a apresentar um seminário sobre o escritor Lima Barreto e sua produção literária. Então, foram realizadas muitas buscas em bibliotecas, livrarias, leituras e pesquisas, sem a utilização de computador e/ou Internet. Assim, a partir dos estudos e descobertas, das análises e conclusões, a escrita de Afonso Henriques de Lima Barreto passou a ser minha leitura favorita e, atualmente, apesar de trabalhar na área administrativa, continuo com predileção por esse autor pré-modernista.

Em 2011, participei da seleção ao Mestrado e inscrevi-me com o anteprojeto de pesquisa intitulado “Contos do autor Lima Barreto – uma análise das características modernistas”. Aprovada para cursar o Mestrado em Letras no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, permaneci com o autor antecipadamente definido – Lima Barreto, porém, necessitando delimitar a(s) obra(s) a ser(em) trabalhada(s). Decidi enveredar-me pela análise dos textos homônimos, ou seja, do conto “Numa e a ninfa” ao romance **Numa e a ninfa**, do hipotexto ao hipertexto.

No ano de ingresso no Mestrado, houve a coincidência de ser o centenário de publicação do conto “Numa e a ninfa” e, em 2012, é também centenário de **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Ambos os textos alicerçam o romance **Numa e a ninfa**.

2011/2012... Muitas horas dedicadas às disciplinas obrigatórias e eletivas, às definições de projetos e leituras, à orientação e ao convívio de toda a turma. Momentos de estudos, de apresentações em seminários e colóquio, de aperto, de quase desespero, mas também momentos de confraternização, de afagos, de consolo e de incentivo.

Enfim, de acordo com o texto bíblico, o Salmo 91, 11 – “Porque aos seus anjos (Deus) dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos”, percebe-se que trilhamos caminhos variados e em quantidade diferente do único. A caminhada é longa, mas não é solitária, ou seja, temos “anjos” que nos acompanham: família, amigos, mestres, doutores, orientadores, colegas e muitos outros que nos apoiam e torcem para que o sucesso seja alcançado.

Agradeço ao Senhor pela companhia e condução de múltiplos anjos na minha caminhada e vida.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procura conhecer, explorar e analisar os textos homônimos **Numa e a ninfa** – o conto e o romance – e, ainda, as **Aventuras do Dr. Bogóloff**, que é um texto intermediário e se faz presente também no romance. As produções em estudo são obras do autor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922).

A cronologia da escritura de Lima Barreto que envolve os textos em estudo e análise é a seguinte: em 1911, publicação do conto “Numa e a ninfa”, no jornal carioca **Gazeta da Tarde**; em 1912, publicação de **Aventuras do Dr. Bogóloff**, que é obra mais explicitamente humorística e dotada de caráter crítico; e, em 1915, publicação do romance **Numa e a ninfa**, em folhetins no jornal **A Noite**, Rio de Janeiro.

Diante da impossibilidade de investigação nos manuscritos do escritor, bem como o acesso às publicações ocorridas nos jornais cariocas **Gazeta da Tarde** e **A Noite** e na revista **O Riso**, do início do século XX, o *corpus* que sustenta as análises e as transcrições textuais, constituindo um verdadeiro dossiê da escrita do literato Lima Barreto, é: “Numa e a ninfa”, o conto, publicado na obra **Contos completos de Lima Barreto**, da Editora Cia. das Letras, em 2010, organizada por Lilia Moritz Schwarcz; **Aventuras do Dr. Bogóloff**, publicação da Expressão e Cultura, em 2001, Coleção Páginas Amarelas; e, **Numa e a ninfa**, o romance, publicado pela Editora Garnier, em 1989. Nesta publicação, foi realizado o estabelecimento do texto por Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss. Informação testificada no fragmento transcrito a seguir:

Este livro **Numa e a Ninfa**, de Lima Barreto, é o volume número 3 da “Coleção dos Autores Modernos da Literatura Brasileira”. Teve sua primeira edição em livro em 1915. Antes publicado em folhetins de **A Noite**, Rio de Janeiro 1915. Coordenador geral desta edição das Obras de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa. O texto foi estabelecido pelos Acadêmicos Francisco de Assis Barbosa e Antônio Houaiss (BARRETO, 1989, p. 225).

O objetivo geral desta pesquisa é cotejar os textos elencados – o conto, as aventuras e o romance –, a fim de se verificar a transtextualidade divulgada pela teoria de Gérard Genette (1982).

As menções ao Conto, às Aventuras e ao Romance grafadas com inicial maiúscula constituirão um critério. As menções podem vir acompanhadas ou não do complemento do nome dos textos: **Numa e a ninfa** ou **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Todos os fragmentos transcritos, quer sejam do *corpus* em estudo, quer sejam de qualquer outro teórico mencionado, respeitarão a grafia fidedigna à escritura de cada autor, contida na sua publicação utilizada, não se atualizando, portanto, a ortografia das palavras. Fora das transcrições diretas, todavia, as regras do Novo Acordo Ortográfico serão validadas.

Os objetivos específicos pretendem analisar os gêneros literários da narrativa envolvidos nos textos – o Conto, as Aventuras e o Romance; observar o processo de composição da escrita do autor e sua divulgação e verificar a construção do Romance alicerçada por dois textos preexistentes, para então, e nesta ordem, incursionar pela teoria da Nova Crítica, analisando os textos do *corpus*.

Mesmo considerando que a Nova Crítica abdica da análise literária a partir de contextos sociais ou culturais, não se pôde deixar de levantar os temas recorrentes à escritura de Lima Barreto. Assim, tornou-se também um objetivo expor uma análise temática pertinente às versões de **Numa e a ninfa** e **Aventuras do Dr. Bogóloff**.

Para que seja confortável a leitura das comparações textuais de Lima Barreto que envolvem as três obras citadas, a pesquisadora estabeleceu um critério de identificação sincopada, quando inseridas colunas para transcrição dos textos, obedecendo à cronologia barretiana, da seguinte maneira:

CONTO – constitui-se de citações do Conto “Numa e a ninfa”;

AVENTURAS – constitui-se por citações da obra **Aventuras do Dr. Bogóloff**;

ROMANCE – constitui-se de citações do Romance **Numa e a ninfa**.

Como exemplo, registra-se o ponto comum nas três produções, por meio das transcrições apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1: Ponto comum no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
Esse Numa , que ficou, daí em diante, considerado parlamentar consumado e ilustrado, fora eleito deputado , graças à influência do seu sogro, o senador Neves Cogominho , chefe da dinastia dos Cogominhos que, desde a fundação da República, desfrutava empregos, rendas, representações, tudo o que aquela mansa satrapia possuía de governamental e administrativo (BARRETO, 2010, p. 295).	Ao entrar, encontrei já sentado a uma mesa o deputado Numa que me chamou para junto de si. [...] Como nesse ponto, era assim em tudo o mais – acrescentava Numa . Sempre tivera a visão nítida da vida social, jamais a vira pelo lado épico ou lírico. Concebera a existência chãmente e, graças a essa concepção, estava seguro na vida, rico pela fortuna da mulher e deputado pelo estado de Sernambi, onde morava seu sogro, o senador Neves Cogominho (BARRETO, 2001, p. 124-126).	Pouco depois de eleito deputado estadual, Numa Pompílio de Castro casara-se com a filha de Neves Cogominho sem surpresa para ninguém, nem mesmo para Flores, que apadrinhara o antigo chefe de polícia. Quando se fizeram as eleições federais, o genro do presidente foi eleito deputado federal e, como tal, partiu para o Rio, apressado em tomar assento na Câmara Federal (BARRETO, 1989, p. 23).

Fonte: Do Autor (2012).

Observa-se, nesta leitura comparativa, que a personagem **Numa** Pompílio de Castro está presente nas três obras em análise. Em todas as transcrições, ele é **deputado** e genro do senador **Neves Cogominho**.

Para facilitar o cotejo, também serão utilizadas cores nas transcrições, com a finalidade de constatar a transtextualidade presente na construção do Romance.

A base teórica que orienta a extração dos fragmentos ilustrativos será explicitada em cada capítulo separadamente, obedecendo à dinâmica de exposição da abordagem.

Na primeira seção, serão apresentados e discutidos os conceitos de transtextualidade, com base nos estudos de Gérard Genette (1982), a fim de que atuem como argumentos teóricos para a análise das versões de **Numa e a ninfa** (Conto e Romance) e o intermediário bogoloffiano.

Na segunda seção, serão apresentados o autor Lima Barreto, o panorama da época, bem como sua produção literária: contos, crônicas e romances.

Na terceira seção, serão consideradas as versões de **Numa e a ninfa** (Conto e Romance) e o intermediário **Aventuras do Dr. Bogóloff**, observando as relações intertextuais apresentadas e o aproveitamento das denúncias no contexto sociopolítico do início da República. Este capítulo será concluído com uma apreciação baseada na teoria da Nova Crítica.

Neste momento, torna-se necessário comentar alguns aspectos das versões **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), com o intuito de tecer uma rede de significações inicial: o deputado Numa Pompílio de Castro recebia de sua mulher – Gilberta, no Conto, ou Edgarda, no Romance – os discursos para obter triunfo em sua carreira política. Em ambos os textos, o produtor dos discursos era o primo da esposa de Numa, que recebeu o nome de Benevenuto apenas no Romance. Numa Pompílio, contudo, não denunciou o adultério da esposa com o primo por conveniência, ou seja, sacrificou-se pelo gozo dos privilégios.

Em relação às **Aventuras do Dr. Bogóloff**, a personagem principal é um anarquista russo, que se envolve em várias aventuras pelo Brasil, sempre se admirando dos curiosos hábitos locais e da sociedade de valores tão deturpados e estranhos.

Após as análises teóricas e comprovações textuais desenvolvidas por Afonso Henriques de Lima Barreto nessas produções, serão apresentadas as Considerações Finais sobre os textos homônimos propostos: **Numa e a ninfa**, o Conto e o Romance, aliados às **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Também será apresentada uma seção de Anexos, contendo a caricatura de Seth e uma correspondência de Lima Barreto a João Ribeiro.

2 NUANCES DA CONCEPÇÃO AUTORAL

Os pressupostos teóricos, que permitiram a exposição nesta seção, contemplam diversos autores, começando por Gérard Genette (1982) e seus tradutores, Luciene Guimarães (2010) e Ricardo Jorge de Lucena Lucas (2001); Eliana Maria Severino Dono Ruiz e Melissa Bortoloto Faria (2012) no que se refere à transtextualidade e todos os demais conceitos; seguido por Francisco de Assis Barbosa (1988), por ser o biógrafo do escritor em estudo, sequenciado por Jöel Schimidt (2011) para explicitar os conceitos advindos da lenda romana.

2.1 RADIOGRAFIA TEXTUAL

Um dos objetos de estudo de Genette (1982) é a construção do conceito de transtextualidade, mais amplo do que intertextualidade, definido por Mikhail Bakhtin e resgatado por Julia Kristeva. A preocupação dele não é com o texto em si, mas com o modo pelo qual o leitor percebe o texto e como o relaciona em uma rede que lhe é maior.

Com base nos registros da equipe que produziu **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão (BRAGA et al., 2010, p. 165), Gérard Genette é um teórico literário francês, nascido em Paris em 1930, que se formou professor de Literatura Francesa na Sorbonne, em 1967. Como crítico, Genette desempenha uma função fundamental no avanço dos estudos formais sobre a literariedade e é um dos representantes mais destacáveis da *Nouvelle Critique*¹. Ele é o grande responsável pela reintrodução de um vocabulário retórico na crítica literária.

Lucas (2001, p. 117) conclui parte dos estudos do teórico literário e crítico francês com o seguinte fragmento:

¹ *Nouvelle Critique*, em francês; *New Criticism*, em inglês; Nova Crítica, em português, é “denominação de uma escola de crítica literária que insiste sobretudo na autonomia do relato com relação a seu autor, a seu contexto originário e a seus primeiros leitores. Como consequência segue que um texto literário deve ser lido segundo métodos literários, e não somente históricos, sociológicos, psicológicos, etc.” (SIMIAN-YOFRE, 2000, p. 196-197).

Genette nos faz lembrar que existem hierarquias e relações de poder nas articulações desses textos, o que de certo modo nos remete mais uma vez às teorias bakhtinianas segundo as quais não há discursos e palavras “neutros”, mas sim considerados em termos de sua situação de enunciação e interação, das posições sociais dos agentes enunciadore e das convergências ou divergências ideológicas daí decorrentes.

Segundo Genette (1982), os textos sempre se inserem em uma rede de relações textuais ora visíveis, ora invisíveis, que influenciam a leitura. A competência do leitor está no fato de conseguir, entre outros aspectos inerentes ao ato de leitura, perceber se, e como, um texto está relacionado com algum outro. A percepção ou não dessa ligação transtextual proporciona uma leitura diferente.

Numa e a ninfa, o Romance, pode ser uma ampliação, expansão ou acréscimo do texto inicial “Numa e a ninfa”, o Conto. Este aumento pode ser verificado com base na teoria de Genette em Palimpsestes² que, de acordo com a tradução de Lucas (2001), define a transtextualidade por meio de cinco tipos, quais sejam:

[...] existem cinco tipos de relações distintas entre os textos:

- a) intertextualidade: relação de presença de um texto em outro, em forma de citação, alusão ou plágio;
- b) hipertextualidade: relação de derivação de um texto (hipertexto) a outro texto (hipotexto), em forma de paródia, pastiche, imitação, etc;
- c) metatextualidade: relação na qual um texto comenta ou explica outros (crítica, explicação, comentário, etc);
- d) paratextualidade: relação de acompanhamento de um texto em relação a outro. É o caso dos títulos, nome do autor, prefácio, posfácio, epígrafe, dedicatória, etc;
- e) arquitextualidade: estruturação ou forma de enunciação específica de um dado estilo ou gênero discursivo e/ou narrativo, que faz com que percebamos, através de sua “arquitetura”, a sua categoria (romance, poesia, texto jornalístico), sem levar em conta o seu conteúdo (LUCAS, 2001, p. 117).

² “Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: *hipertextos*) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. [...] Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos” (BRAGA et al., 2010, p. 5).

A partir da conceituação das relações distintas entre os textos, a que pode se aplicar às versões de **Numa e a ninfa** é a hipertextualidade, ou seja, é a relação de derivação que une um texto (texto B – hipertexto) a outro texto (texto A – hipotexto), em forma de paródia, pastiche, imitação ou outra composição de reescrita. Assim, **Numa e a ninfa**, o Romance, é hipertexto alicerçado por “Numa e a ninfa”, o Conto, que é hipotexto.

Guimarães (2010, p. 16), em extrato de Genette, traduziu o termo “hipertextualidade” com as seguintes palavras:

Entendo por “hipertextualidade” toda relação que une um texto B (que chamarei “hipertexto”) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei “hipotexto”) do qual ele “brota” de uma forma que não é a do comentário. Como se vê na metáfora “brota” e no uso da negativa, esta definição é bastante provisória. Dizendo de outra forma, consideremos uma noção geral de texto de segunda mão [...] ou texto derivado de outro texto preexistente. Esta derivação pode ser de ordem descritiva e intelectual, em que um metatexto ‘fala’ de um texto.

Assim, hipertextos são todas as obras derivadas de uma obra anterior, que foi transformada, porém, estender, aumentar ou ampliar um texto não afeta unicamente a sua extensão, mas também, e, ao mesmo tempo, sua estrutura. Aumentar, portanto, um texto é produzir outro texto mais longo a partir do texto inicial.

Quanto aos textos homônimos **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), Barbosa (1988, p. 190-191), biógrafo oficial de Lima Barreto, registrou, em sua obra intitulada **A vida de Lima Barreto 1881-1922**, as seguintes palavras:

Retomando o tema de um conto publicado três anos antes, aproveitando na quase totalidade os capítulos das **Aventuras do Doutor Bogóloff**, o certo é que Lima Barreto escreveu **Numa e a Ninfa** em apenas vinte e cinco dias, conforme deixou consignado no **Diário Íntimo**, sem deixar de registrar esse detalhe: “Não copiei nem recopiei sequer um capítulo”.

A partir da informação transcrita, pode-se observar a presença da hipertextualidade nos textos em análise, pois Lima Barreto valeu-se de um Conto,

“Numa e a ninfa” (texto A – hipotexto), para publicar o Romance homônimo (texto B – hipertexto). No Romance, todavia, há fragmentos substanciais, e por vezes extensos, de **Aventuras do Dr. Bogóloff**, configurando-se a transtextualidade definida por Genette (1982).

Aproveitando o uso dos prefixos na formação de novas palavras para identificar a ocorrência de marcas da transtextualidade, Ruiz e Faria (2012, p. 111) (grifo das autoras), divulgaram “a categoria de *autotextualidade*, atribuída ao caso de um autor ou compositor inserir em seu texto trechos de outras obras de sua autoria”. Este novo vocábulo foi definido por Koch, Bentes e Cavalcante (2007) na obra **Intertextualidade: diálogos possíveis**.

Cumprindo assinalar que, nesta dissertação, continuará sendo adotada a nomenclatura de Genette (1982), ou seja, transtextualidade para as inferências textuais de Aventuras no Romance – ambas do mesmo autor.

Retomando o grifo de Barbosa (1988, p. 190-191), “sem deixar de registrar esse detalhe: ‘Não copiei nem recopiei sequer um capítulo’”, pode-se afirmar que esta é uma confissão de Lima Barreto parcialmente verdadeira. Os hipotextos “Numa e a ninfa”, o Conto, e as **Aventuras do Dr. Bogóloff** podem comprovar a declaração do autor de não ter copiado um capítulo sequer, pois, na íntegra, não existe cópia ou recópia; contudo, a inverdade ou imprecisão do autor pode ser aferida em relação às **Aventuras do Dr. Bogóloff**, pois há fragmentos com transcrição *ipsis litteris*, às vezes, fazendo-se adaptação da narração de Aventuras – 1ª pessoa – para o Romance – 3ª pessoa.

As transcrições apresentadas no Quadro 2 confirmam a “cópia” ou “recópia” do próprio autor Lima Barreto, podendo, ainda, considerar esta relação entre os textos cotejados como transtextualidade:

Quadro 2: “Cópia” e “recópia” dos textos.

AVENTURAS	ROMANCE
<p>Havia poucos passageiros na tolda e entre eles não se estabelecera conversa. Todos se tinham mergulhado no insondável mistério daquela noite de trevas sobre o oceano imenso. De repente, um grito quebrou aquele augusto silêncio:</p> <p>- Meu binóculo! Ó comandante! Pare! Pare!</p> <p>Todos nós acudimos para ver o que era e topamos com um senhor envolto em roupas de dormir que gesticulava possesso e gritava</p>	<p>Havia poucos passageiros na tolda e, entre eles, não se estabeleceram conversas. Todos se tinham mergulhado no insondável mistério daquela noite de trevas sobre o oceano imenso.</p> <p>De repente, um grito quebrou aquele augusto silêncio:</p> <p>- Meu binóculo! Ó comandante! Pare! Pare!</p> <p>Todos acudiram para ver o que era e toparam com um senhor envolvido em roupas de dormir</p>

<p>furiosamente: - Ó comandante! Meu binóculo! Pare! Pare! A todas as nossas perguntas de explicação, ele se limitava a responder: - Onde está o comandante? Vindo o capitão, entre o tom de pedido e o de ordem, ele disse: - “Seu” comandante, é preciso voltarmos ao Rio. Esqueci-me do meu binóculo. O comandante fez-lhe ver que isso era impossível e tal coisa iria causar prejuízos à companhia e aos passageiros. O homem enfureceu-se e gritou: - Sabe com quem está falando? O comandante disse que não sabia, mas que não havia de sabê-lo, pois se tratava de medida de suas atribuições, sendo a sua autoridade em tudo soberana. - Pois bem – disse-lhe o homem. – Tenho imunidades, sou o senador Carrapatoso. O comandante retorquiu no mesmo tom de voz: - V. Exa. Há de perdoar-me, Sr. Senador, mas não posso voltar (BARRETO, 2001, p. 59-60).</p>	<p>que gesticulava possesso e gritava furiosamente: - Ó comandante! Meu binóculo! Pare! Pare! Às perguntas de explicação, ele se limitava a responder: - Onde está o comandante? Vendo o capitão, entre o tom de pedido e o de ordem, ele disse: - “Seu” comandante, é preciso voltarmos ao Rio. Esqueci-me do meu binóculo. Fez-lhe ver o comandante que isso era impossível e tal coisa iria causar graves prejuízos à companhia e aos passageiros. O homem enfureceu-se e gritou: - Sabe com quem está falando? O comandante disse que não sabia, mas que não havia necessidade de sabê-lo, pois se tratava de medida de suas atribuições, sendo ali a sua autoridade em tudo soberana. - Pois bem, disse o homem, tenho imunidades, sou o Senador Leiva, amigo de Bastos. Retorquiu o comandante no mesmo tom de voz: - Vossa Excelência há de perdoar-me, senhor senador, mas não posso voltar (BARRETO, 1989, p. 203-204).</p>
--	---

Fonte: Do Autor (2012).

A etimologia da palavra considera que intertextualidade é a criação de um texto a partir de outro texto. Pode-se perceber a intertextualidade como a influência direta ou indireta de um ou mais textos preexistentes na elaboração de um novo texto, ou seja, há interação entre textos.

O tradutor de Genette, Lucas (2001, p. 117), definiu que intertextualidade é a “relação de presença de um texto em outro, em forma de citação, alusão ou plágio”. Enfim, toda a conceituação de transtextualidade menciona que o texto final é uma nova produção que sofreu influência de outros textos anteriores.

Assim, pode-se concluir que há uma variedade de achados na obra de Lima Barreto no que se refere a **Numa e a ninfa**, o Romance, a partir dos textos anteriores “Numa e a ninfa”, o Conto, e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, que alicerçam a sua escritura.

2.2 GARIMPO NAS MEMÓRIAS BARRETIANAS

Lima Barreto, além de escrever e publicar suas obras, manteve a escritura de suas memórias e, em datas próximas aos eventos, registrava algo sobre os acontecimentos marcantes de sua vida pessoal e produtiva.

Cronologicamente, em 1911 não há qualquer registro em suas memórias sobre o Conto “Numa e a ninfa”. Todavia, em 1912 e 1915, o próprio escritor registrou em **Diário íntimo** (1961b) as transcrições da imprensa sobre as **Aventuras do Dr. Bogóloff** e, ainda, suas justificativas para a publicação de **Numa e a ninfa**, o Romance.

Em relação às **Aventuras do Dr. Bogóloff**, o que há de registro em **Diário íntimo** (1961b) é a transcrição que se segue:

Imprensa, de fins de 1912:

Aventuras do Doutor Bogóloff

“Lima Barreto está publicando em fascículos, que sairão sempre às terças-feiras, umas narrativas humorísticas às quais chamou: Episódios da vida de um pseudo-revolucionário russo, dando-lhe aquele título acima.

As **Aventuras do Doutor Bogóloff** não são apenas páginas de boa literatura, são na realidade capítulos e capítulos trabalhados com sadio humorismo, visando claramente criticar os nossos costumes, sem preocupações inferiores de agressão a quem quer.

O primeiro fascículo traz uma linda capa colorida (***)”

(***)³ Das **Aventuras do Doutor Bogóloff** saíram apenas dois fascículos: “Fiz-me, então, diretor da Pecuária Nacional” e “Como escapei, de ‘salvar’ o Estado de Carapicus”. Edições de A. Reis & Cia., Rua do Rosário n.º 99 – sobrado (BARRETO, 1961b, p. 167-168).

Relativamente ao Romance **Numa e a ninfa**, um estudo da vida social e política do Brasil, Lima Barreto, grande historiador e crítico da sociedade de sua época, registrou também na obra **Diário íntimo** os seguintes fragmentos, que se assemelham a um desabafo do escritor:

³ A obra **Diário íntimo**, do autor Lima Barreto (1961b), é estruturado com recortes colecionados pelo próprio autor, contendo, inclusive, interferência do editor, exibida através de comentários que podem ser explicativos. Esta transcrição exemplifica a explicação editorial no uso dos asteriscos.

O **Numa e a Ninfa** foi escrito em vinte e cinco dias, logo que saí do hospício. Não copiei nem recopiei sequer um capítulo. Eu tinha pressa de entregá-lo, para ver se o Marinho^(*) me pagava logo, mas não foi assim e recebi o dinheiro aos poucos. Escrevi-o em outubro de 1914. O Marinho era diretor de **A Noite**.

^{(*)4} Irineu Marinho, a quem **Numa e a Ninfa** foi depois dedicado, em sua forma definitiva (BARRETO, 1961b, p. 182).

A Noite começou a publicar o meu livro **Numa e a Ninfa**, em 20 de março de 1915^(**)

^(**)5 Engano do memorialista. **Numa e a Ninfa** foi publicado por **A Noite**, de 15 de março a 26 de julho de 1915. Apareceu depois em fascículo, composição em duas colunas. **Numa e a Ninfa**, romance da vida contemporânea... Rio de Janeiro, Oficinas d'**A Noite**, Rua Júlio César, 29 e 31, 1917. 73p. 27x18cm. Na verdade, o livrinho só veio a circular em 1917 (BARRETO, 1961b, p. 175-176).

As memórias de Lima Barreto, em **Diário íntimo** (1961b), contribuíram para algumas finalidades, a saber: guardaram informações pessoais; testificaram a veracidade de fatos; funcionaram como um confessionário; mostraram sua preocupação com a recepção de sua obra e, acima de tudo, mostraram que o autor mantinha o hábito de registrar sua própria vida e/ou colecionar as impressões de terceiros.

2.3 RELÍQUIAS DAS ENTRELINHAS

Historicamente, Numa Pompilius (754 a.C. – 673 a.C.) foi escolhido como o segundo rei de Roma, tendo sido precedido por Rômulo e sucedido por Túlio Hostílio. Seu reinado ocorreu no período de 715 a.C. a 673 a.C. e Numa foi o primeiro legislador romano. Politicamente, o rei era a maior autoridade religiosa e militar da cidade de Roma. Seu poder, no entanto, era limitado pelo Senado (órgão dominado por patrícios, ou seja, membros das famílias mais ricas e os únicos com direitos políticos). Além dos patrícios, a sociedade romana era composta por plebeus (pequenos agricultores, artesãos ou comerciantes sem direitos políticos com possibilidade de serem escravos por dívida), clientes

⁴ Os comentários transcritos através dos asteriscos são interferências do editor da obra **Diário íntimo**, do autor Lima Barreto (1961b).

⁵ Idem à referência 4.

(prestadores de serviços aos patrícios em troca de proteção, alimentação, vestuário e moradia) e escravos (pessoas capturadas em guerras ou reduzidas à escravidão por dívidas) (BOULOS JÚNIOR, 2011).

Com *status* de autoridade aferido pelo nome da personagem, Numa Pompílio de Castro está intrinsecamente aliado à sua ninfa ou musa, que lhe dá bons conselhos.

Em **Dicionário da mitologia grega e romana**, Schimidt (2011, p. 201-202) conceitua o vocábulo “ninfa” com a seguinte transcrição:

Sob este nome muito genérico, os Gregos agrupam todas as divindades femininas da natureza que povoam os mares, as águas, os bosques, as árvores, as florestas, as montanhas, os vales férteis, as nascentes, os arvoredos, os rochedos e as grutas. Jovens de rara beleza, representadas nuas ou seminuas, elas eram filhas de Zeus e do Céu. A chuva que o deus fazia cair brotava de novo em nascentes e dava-lhes então origem. Do mesmo modo, os Antigos atribuíam às Ninfas um poder fertilizante e alimentador, que elas exerciam enquanto misturadas com a umidade do ar, da água e das florestas. Mas a sua ação não dizia apenas respeito à natureza. Os seres humanos, por seu lado, também beneficiavam da terna solicitude desses seres. Elas protegem os noivos, que mergulham na água de certas nascentes ou fontes para aí obterem a purificação indispensável a uma fecundidade feliz. A este caráter regenerador, particularmente apreciado pelos Gregos, juntavam-se dois atributos: as Ninfas gostam de profetizar e são mesmo capazes de inspirar, aos homens que provam da água sagrada das suas nascentes, pensamentos nobres e o desejo de realizar grandes feitos. Elas revelam-lhes também o desenlace, favorável ou nefasto, das suas doenças. Chegam até a curar os homens de seus males por ação de algumas das suas águas. [...] As inumeráveis lendas onde as Ninfas intervêm mostram-nas, não só apaixonadas pelos deuses, mas também por simples mortais. Da sua união com estes últimos nasceram os heróis, os semideuses, os antepassados das primeiras raças humanas. Indolentes, a fiar e a cantar sobre as ondas e nas árvores, apesar de mortais, elas vivem milhares de anos. São as fadas da Antiguidade.

Em relação à mitológica ninfa Egéria, dizia-se que Numa Pompílio recebia seus conselhos numa caverna, local, normalmente de difícil acesso, cercado de pouca luminosidade, mas que traduz a clarividência na resposta acertada do oráculo, exclusivamente para o soberano. O vocábulo “Egéria” é assim definido por Schimidt (2011, p. 97):

Célebre camena da mitologia romana, Egéria foi talvez a esposa do rei Numa Pompílio, que ela convidava muitas vezes para encontros secretos numa gruta situada perto da nascente que lhe foi mais tarde consagrada. À morte de Numa, Egéria, desvairada com a tristeza, retirou-se para Arícia, junto do santuário de Diana e, aí, chorou tanto que foi transformada em fonte.

De acordo com a lenda, a aplicação do projeto e reforma político-religiosa de Roma foi ditada a Numa Pompilius pela ninfa Egéria com a qual, já viúvo, costumava passear no bosque. Segundo a tradição antiga, as decisões mais difíceis eram frutos dos conselhos dados ao rei pela ninfa, ressaltando o caráter sagrado das decisões e, possivelmente, fazendo-se uma crítica ao seu governo (PLUTARCO, 2012).

A partir de Schimidt e Plutarco, pode-se verificar e apontar contradição entre realidade e mitologia. Enquanto Schimidt (2010, p. 97) revela que “Egéria foi talvez a esposa do rei Numa Pompílio”, portanto, apenas uma mulher envolvida em nebulosa visão de sua competência; Plutarco (2012) admite que a segunda esposa do soberano era uma divindade feminina, uma ninfa que tinha excelentes poderes de orientar o rei.

Por se tratar de lenda, há implicações dos conceitos de verdade e de mito. A verossimilhança transita entre ambos, apontando a possibilidade de um soberano viúvo apaixonar-se por uma ninfa, com quem poderia acertadamente realizar sua marcante trajetória de rei romano.

Ao final do último capítulo do Romance, o próprio Numa pediu a palavra para uma explicação pessoal e recebeu do também deputado Pieterzoon sua menção ao Numa romano: “– Vocês admiram-se! Não é cousa do outro mundo. O Numa lá de Roma acertava quando consultava a Ninfa; com este dá-se a mesma cousa” (BARRETO, 1989, p. 222).

Muito antes desse registro final no Romance, o mesmo Pieterzoon externou seu conhecimento da fama do deputado Numa Pompílio em relação à mitologia, que ouvia os conselhos da ninfa. Este foi apresentado no início da narrativa com as seguintes palavras: “O Deputado Pieterzoon, um gordo descendente de holandês, mas cuja malícia não tinha nem o peso do seu corpo, nem o da sua raça, disse certa vez: – O Numa ainda não ouviu a Ninfa; quando o fizer – ai de nós!” (BARRETO, 1989, p. 13).

Poucas personagens têm a percepção do deputado Pieterzoon, nem mesmo a vivacidade de relacionar Numa com a ninfa e reconhecer que toda a produção de Numa se deve ao fato de ouvir e obedecer aos comandos daquela.

3 AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO

Vários estudiosos escreveram textos a respeito de Lima Barreto, bem como sobre sua produção literária, e definiram o panorama de sua época. Eles são de diferentes formações e especialidades, compondo os pressupostos teóricos defendidos por: Agrippino Grieco (1947), Alceu Amoroso Lima (1956), Alice Áurea Penteado Martha (1988), Austregésilo de Ataíde (1974), Francisco de Assis Barbosa (1988), Gilberto Mendonça Teles (1996), João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (2001), Nicolau Sevcenko (1983) e Zélia Nolasco Freire (2005), dentre outros; para citar apenas alguns.

3.1 BIOGRAFIA

Muito se poderia escrever sobre a biografia do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, mas Sevcenko (1983, p. 120) resumiu parte dela com a seguinte transcrição:

Lima Barreto, filho de um almoxarife, nascido em Laranjeiras mas criado no cenário roceiro da Ilha do Governador, precocemente órfão de mãe, apresentando acentuada mestiçagem de negro, fez os estudos colegiais na cidade do Rio, ingressando no curso de engenharia da Escola Politécnica, do qual não passou das matérias do segundo ano, abandonando-a em seguida, por falta de recursos, para assumir um cargo de amanuense.

Lima Barreto – nome pelo qual é conhecido – é filho de João Henriques de Lima Barreto e de Amália Augusta Barreto, foi o primogênito do casal que teve quatro filhos.

O nome Afonso pode ser uma homenagem ao padrinho, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto, que foi correligionário de seu pai e conseguiu, inclusive, o emprego dele na **Imprensa Nacional**⁶.

Com a morte da mãe, quando Lima Barreto tinha apenas sete anos de idade, a família passou por dificuldades financeiras, mas o padrinho custeou os estudos do afilhado. Posteriormente, com os problemas mentais do pai, Afonso Henriques assumiu a responsabilidade por sua família.

No período de 1903 a 1918, trabalhou na Secretaria da Guerra, quando foi aposentado após inúmeros afastamentos do trabalho, resultado do alcoolismo e de duas internações psiquiátricas. Relativamente à sua aposentadoria, Lima Barreto (1961b, p. 204) registrou, em **Diário íntimo**, as seguintes palavras: “Fui aposentado por decreto de 26-12-1918. Presidente da República, vice em exercício, Delfim Moreira e ministro da Guerra, Alberto Cardoso de Aguiar”.

Grande cronista de costumes da capital federal, Lima Barreto, ainda acadêmico, passou a publicar seus textos em pequenos jornais e revistas estudantis e/ou literárias. Seu primeiro romance, intitulado **Recordações do escrivão Isaiás Caminha** foi parcialmente publicado em 1909, na revista **Floreal**, que ele mesmo havia fundado. Em 1911, Lima Barreto publicou o seu romance mais conhecido, **Triste fim de Policarpo Quaresma**.

Militou na imprensa, lutando contra as injustiças sociais e os preconceitos de raça, de que ele próprio era vítima. Passou por internações no Hospital Nacional dos Alienados para tratamento do alcoolismo, contudo sua produção literária não foi interrompida.

O escritor, que nasceu com o Realismo/Naturalismo brasileiros, viveu também o Simbolismo e morreu nove meses depois da realização da Semana de Arte Moderna (1922). Não foi realista, nem naturalista, tampouco simbolista. Foi um precursor do Modernismo, produzindo literatura brasileira, fundamentalmente voltada para os problemas do indivíduo em face da sociedade. Seu desprezo ao artificialismo e à retórica parnasiana levou-o a utilizar em sua produção uma linguagem simples, criando e recriando situações da existência humana.

⁶ A **Imprensa Nacional** nasceu por decreto de D. João VI, em 13 de maio de 1808, com o nome de Impressão Régia. Recebeu, no decorrer dos anos, os nomes de Real Officina Typographica, Tipographia Nacional, Tipographia Imperial, Imprensa Nacional, Departamento de Imprensa Nacional, e, novamente Imprensa Nacional. A missão fundamental da **Imprensa Nacional** é publicar os atos oficiais do Governo.

Sobre o escritor Lima Barreto e sua obra, muitos estudiosos deixaram comentários. Alguns relatos serão transcritos a partir do próximo parágrafo, a fim de que seja ressaltada a sua importância. Lima (1956, p. 63), assim se expressa a respeito do escritor sob análise:

Achamos interessante observar a coincidência assinalada por Tristão de Athayde de que quando o mundo literário, em 1908, perdia Machado de Assis, no outro extremo da cidade vinha nascendo uma obra que ia prolongar a tradição interrompida com a morte do grande e irônico escritor. Nesse ano, escrevia Lima Barreto as **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Não se improvisava escritor, nem tentava o romance sem ter ensaiado o conto e a sátira. Já vinha escrevendo de alguns anos atrás, no limiar do século.

Teles (1996, p. 144), em uma visão da narrativa no início do século XX, que incluía Lima Barreto, afirma:

Nos primeiros anos deste século, a nossa literatura alcançava na ficção e no teatro uma espécie de plenitude de temas, técnicas e formas até então conhecidas e possíveis nos quadros mentais da inteligência brasileira. As duas margens da linguagem literária – a erudita e a popular – haviam atingido, nos seus gêneros e níveis, a melhor expressão que se podia exigir das concepções literárias da época.

A vertente erudita e universal teve o seu ponto culminante com a narrativa de Machado de Assis; e a popular, mais ostensivamente nacional, encontrou na vasta obra teatral de Arthur Azevedo a condição de se abrir para um público maior, divertindo-o ao mesmo tempo que lhe passava o conteúdo de uma crítica social que marcou profundamente a maioria de suas peças.

Com Machado de Assis e Arthur Azevedo, mortos em 1908, morre também um certo modo de ser da nossa tradição literária. Depois deles, só mesmo o silêncio... Ou, então, o nascimento de uma nova dicção com Lima Barreto que, estreando um ano depois, conseguiu fundir os dois níveis de linguagem e abrir possibilidades para a narrativa e para o teatro dos modernistas.

Grieco (1947, p. 86) menciona que o autor dessa obra foi “nosso primeiro criador de almas no romance”, conforme o que se segue:

Escusado é dizer que a Academia não se honrou incluindo o maior dos nossos romancistas entre os seus médicos e os seus generais. Também não recebeu Lima Barreto condecorações de Montenegro ou da Coréia.

Limitou-se a ter muitíssimo talento, a ser o primeiro talento da sua geração e – [...] – o nosso primeiro criador de almas no romance. Sim, Lima Barreto, no romance, o nosso primeiro criador de almas. Êle sentiu, como nenhum outro escritor brasileiro, a tristeza e o humor que cabem na vida do pobre.

Ao contrário de seus contemporâneos, Lima Barreto procurou nas classes populares, bem como na vida cotidiana da pequena burguesia, a matéria de seus romances e contos. Sua escrita sempre esteve em favor dos oprimidos, dos humilhados, dos esquecidos pela sociedade. Ironizou, como poucos, os políticos e literatos de sua época.

A sua posição sempre favorável à liberdade do escritor e à necessidade de aproximá-lo das camadas marginalizadas repercutiu intensamente no surgimento de uma literatura de contestação, apropriada a um novo clima social que caracterizava, no começo do século XX, os grandes aglomerados urbanos, sobretudo na capital federal, Rio de Janeiro.

3.2 PRODUÇÃO LITERÁRIA

Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, organizou e publicou **Obras completas** do autor Lima Barreto, em 17 volumes, pela Editora Brasiliense, em 1956. O Quadro 3 contém a descrição dos títulos, distribuídos nos volumes publicados:

Quadro 3: Obras de Lima Barreto publicadas em 1956.

VOLUME DA PUBLICAÇÃO	TÍTULOS DAS OBRAS
I	Recordações do escrivão Isaías Caminha
II	Triste fim de Policarpo Quaresma
III	Numa e a ninfa
IV	Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá
V	Clara dos Anjos
VI	Histórias e sonhos
VII	Os Bruzundangas
VIII	Coisas do Reino Jambom

IX	Bagatelas
X	Feiras e mafuás
XI	Vida urbana
XII	Marginália
XIII	Impressões de leitura
XIV	Diário íntimo
XV	O cemitério dos vivos
XVI	Correspondência ativa e passiva – 1º Tomo
XVII	Correspondência ativa e passiva – 2º Tomo

Fonte: Do Autor (2012).

Interessante verificar que o título **Aventuras do Dr. Bogóloff** não está relacionado na listagem apresentada, mas é parte integrante do volume VII – **Os Bruzundangas**. As Aventuras estão transcritas nas páginas 198 a 284, compondo uma obra explicitamente humorística e dotada de caráter crítico e satírico.

A respeito da produção literária de Lima Barreto, Sevcenko (1983, p. 164) registrou o seguinte fragmento:

A literatura de Lima Barreto se distribui por cinco gêneros: romance, sátira, conto, crônica, epistolografia e memórias. Os processos literários com que desenvolve esses gêneros correspondem à narrativa caracterizada pela combinação simultânea de gêneros, estéticas e estilos, à refeição de artifícios retóricos, à linguagem comum e descuidada, à ironia tendente à sátira e à paródia. Desde muito cedo, no início mesmo de sua carreira de escritor, fixou como objetivo: “escapar às injunções dos mandarinatos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte”. E conduziu à prática admiravelmente essa proposta, buscando nas mais variadas experiências literárias os padrões de que comporia sua arte, dosando-os com criatividade. Esses modelos estão no romance francês, na ficção russa, na novela humorística inglesa, nas parábolas do classicismo, no teatro escandinavo; de todos sorveria algo, sem prender-se a nenhum.

Lima Barreto, em vida, teve poucas obras publicadas por editoras, sendo que sua produção mais conhecida é **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Inicialmente, o próprio autor pagou pela publicação de seu livro, conforme se pode verificar nos fragmentos presentes em **Diário íntimo**:

O **Policarpo Quaresma** foi escrito em dois meses e pouco, depois publicado em folhetins no **Jornal do Comércio** da tarde, em 1911. Quem o publicou foi o José Félix Pacheco. Emendei-o como pude e nunca encontrei quem o quisesse editar em livro. Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cisme em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive do Santos (Antônio Noronha Santos), que me emprestou trezentos mil-réis, e o Benedito (Benedito de Sousa) imprimiu-o.

[...]

Devo unicamente ao Lima, pela impressão do **Policarpo** a quantia de quatrocentos e quarenta e dois mil-réis.^(*)

(*) Foi o próprio autor quem pagou a edição do seu livro. Obteve o dinheiro mediante um empréstimo a agiotas, sendo descontado em fôlha dos seus vencimentos de funcionário da Secretaria da Guerra. Ao aposentar-se, em 1918, estava Lima Barreto endividado, recebendo apenas 171\$400, pelo desconto aos credores. (BARRETO, 1961b, p. 181-195)

Freire (2005, p. 83) apresenta estudos a respeito de algumas obras de Lima Barreto, apontando locais onde foram publicadas e as datas:

Primeiramente, as obras de Lima Barreto – a grande maioria – são lançadas em folhetins: **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, apenas dois capítulos e metade do terceiro, na Revista **Floreal** (1907); **Triste fim de Policarpo Quaresma** se inicia a 11 de agosto de 1911, no **Jornal do Comércio** (edição da tarde); **Aventuras do doutor Bogóloff** – narrativas humorísticas – em junho de 1912, n' **O Riso**, uma sátira aos nossos costumes que é mais tarde reaproveitada no romance **Numa e a Ninfa**. Consta, também, a publicação de dois romances: **O Chamisco** ou **O querido das mulheres**, em 27 de junho de 1912, n' **O Riso** e **Entra, Senhórr!**, em setembro de 1912. [...] E, por último, o romance **Numa e a Ninfa** é anunciado a 27 de junho de 1912, na primeira página de **A Noite**, juntamente com as caricaturas sobre os personagens.

Daí o fato de muito a obra barretiana apresentar a influência do caráter ligeiro, próprio das atividades de jornalista e, automaticamente, do folhetinista.

Fernandes (2001, p. 33), para além de apresentar a obra **Numa e a ninfa**, o Romance, fez algumas observações relativas à divulgação da escrita de Lima Barreto, afirmando:

É assim o livro deste romancista, um dos melhores da nossa geração. Entretanto, há um defeito grave, neste, como em outros romances de Lima Barreto. Não há razoável acabamento; falta sempre a chave da abóbada que ele carpenteja excelentemente. Todos os personagens desaparecem quase subitamente; a vida do próprio Numa tem apenas

um desenlace, insignificante para um cínico daquela espécie. Estou que uma cena do *Bel Ami*, de Maupassant, inspirou aquele desfecho.

[...] Todos os arabescos, toda a decoração é esplêndida, mas a arquitetura é falha.

Isto provém, talvez, de que escreva para os jornais, e deixe para os azares dos dias a inspiração final do seu trabalho. O jornalismo é sempre uma arte apressada e imperfeita que não deixa amadurecer e compor-se a congruência de obras mais complexas e que reclamam delongas de meditação e de estudo.

Resgatando um pouco sobre publicações dos escritores, que incluem Lima Barreto, a história da imprensa brasileira data do século XIX e teve crescimento no começo do século seguinte. Nas duas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, despontaram vários periódicos nos quais era possível a publicação de textos voltados para o humor e a sátira política como **Careta** (1908), **Fon-Fon** (1907) e **O malho** (1902).

A expansão da imprensa permitiu publicações em revistas e jornais, e Lima Barreto, aproveitando esse veículo de divulgação, publicou sua produção literária em folhetins – espaços em tiras localizados no rodapé da primeira página de jornais, destinados ao público consumidor, ou seja, leitores comuns e não críticos literários. Essa maneira de publicação, fasciculada em periódicos de grande circulação, era mais utilizada do que a edição de livros devido às restrições financeiras e econômicas que envolviam o autor e sua produção. Lima Barreto, portanto, utilizou-se desse meio de comunicação de ampla abrangência, não negligenciando, sequer, a necessidade de manter o interesse dos leitores e, conseqüentemente, garantir a vendagem dos periódicos.

Martha (1988, p. 98) ponderou que a publicação do Romance **Numa e a ninfa** ocorrera em folhetins pela imprensa, conferindo “ao texto um caráter panfletário”:

A modalidade de publicação – folhetins – espelha-se na composição dos capítulos, pois estes não apresentam encadeamento seqüencial, não exigem sequer linearidade de leitura [...] Se a ação não é fundamental neste capítulo, como em todos os outros, o modo de narrar, sim.

Tomando-se do **Dicionário Caldas Aulete**⁷ (2012) os significados de panfletário – “que se vale da ironia e da sátira para criticar ou atacar algo ou alguém; de discurso crítico, irônico, satírico e mordaz” ou panfleto “pequeno texto polêmico, às vezes satírico, de caráter sensacionalista e combativo, geralmente sobre temas políticos”, – **Numa e a ninfa** pode ser considerada uma obra panfletária.

Barbosa (1988, p. 192), sobre a publicação dos textos de Lima Barreto por meio de folhetins, registrou que **Numa e a ninfa**, o Romance, “nesse novo *roman à clef* acentuam-se os pendores do panfletário, cuja atuação será, doravante, permanente e ativa na imprensa” e completou seu pensamento com a seguinte transcrição:

O lançamento espetacular do romance, como folhetim sensacionalista de um jornal da tarde, mostra que o funcionário já não possui as mesmas reservas de antigamente. Os figurões da política, que tomou para personagens, são apresentados ao público em caricaturas de Seth⁸, no alto da primeira página d'**A Noite**. [...]

As caricaturas de Seth sobre os personagens de **Numa e a Ninfa** foram publicadas na primeira página de **A Noite**, em 12-3-1915, anunciando o folhetim (BARBOSA, 1988, p. 193).

A expressão *roman à clef*, ou romance com chave, designa a utilização de pessoas reais através de personagens fictícias. O autor registrou que houve a divulgação de nomes de políticos contemporâneos ligados às personagens no hipertexto **Numa e a ninfa**, o Romance. Assim, foi apresentada a observação de Barbosa (1988, p. 161) com a seguinte transcrição, que contém as identificações:

Com a morte de Afonso Pena, a situação mudaria por completo. É ainda o próprio Lima Barreto quem a descreve no seu romance **Numa e a Ninfa**, sátira terrível dos bastidores da política, de que a carta a Antônio Noronha Santos fora simples antecipação. Ali todos aparecem^(*).

(*) Segundo Antônio Noronha Santos, em carta que escreveu ao livreiro Carlos Ribeiro, e que pertence hoje ao arquivo do escritor Gondim da Fonseca, a chave de **Numa e a Ninfa** é a seguinte: “Dr. Bastos, Pinheiro Machado; General Bentes, Hermes; Xisto, Davi Campista (?); Fuas

⁷ **Dicionário Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/panfleto>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

⁸ Álvaro Marins, Seth (1891-1949): ilustrador e caricaturista brasileiro da primeira metade do século XX. Disponível em: <<http://alvaromarinsseth.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2012.

Bandeira, João Laje; o Deputado Pieterzoon, ‘um gordo descendente de holandês, mas cuja malícia não tinha nem o peso do seu corpo, nem da sua raça’, Germano Hasslocher; ‘o velho’, Afonso Pena; Senador Carlos Gernes, parece o Azeredo, mas há traços do mesmo Azeredo no Senador Macieira; Senador Martinho, Joaquim Murtinho; J. F. Brochado, deve ser o J. J. Seabra; o seu secretário, ‘múmia peruana untada de pinturas’ é, fora de qualquer dúvida, o Pelino Guedes; Sarmiento Heltz, ‘raposa polar’, o Lauro Müller; D. Florinda Seixas é a professora Daltro, D. Leolinda Daltro, que teve a sua época de notoriedade e ridículo; Benevenuto, sou eu (Benevenuto não fazia versos nem coisa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada... e tudo o que se segue); a Sociedade Comemorativa do Falecimento de Almirante Constâncio é em cima da grei florianista” (BARBOSA, 1988, p. 161)

A menção de Barbosa à caricatura de Seth gerou busca à informação mais precisa, obtida na obra de João Antônio (1977), intitulada **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. A página 68 contém uma reprodução da charge publicada com o título “Um romance que vae causar sucesso”, com a seguinte legenda: “Charge publicada na 1ª página de **A Noite** de 12 de março de 1915”. Esta informação encontra-se no Anexo A.

Barbosa (1988, p. 256) afirma que: “A voz do romancista, abafada nos jornais da época, de pouca circulação – nos jornais onde ele podia dizer toda a verdade aos poderosos (a sua verdade, pelo menos) – hoje repercute como um grito de angústia e de revolta”. E ainda concluiu seu pensamento com as seguintes palavras:

Ora, Lima Barreto havia decidido romper com o figurino dos donos da literatura. Era diferente. O seu estilo simples, direto e objetivo nada tem a ver com a pompa, o floreio, o brilho da retórica usual. É ele o anticonvencional. É o antiacadêmico. É ainda mais do que isso: é o revolucionário (BARBOSA, 1988, p. 197).

O autor revolucionário rompeu paradigmas e deixou seu legado como comprovação de ousadia, denúncia e inclusão. A partir de 1992, portanto, 70 anos após a sua morte, Lima Barreto tornou-se escritor de domínio público, permitindo que sua obra possa ser distribuída e comercializada livremente, desde que se atribua o crédito ao autor.

3.3 PANORAMA DA ÉPOCA

Alguns acontecimentos da vida social e política do Brasil marcaram a infância de Lima Barreto: a Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação da República (1889), a instalação da Assembleia Nacional Constituinte (1890) e o fechamento do Congresso pelo Marechal Deodoro da Fonseca em 1891.

Literariamente, Lima Barreto representou o Pré-Modernismo, período entre 1900 e 1922. Essa denominação, contudo, não constituiu uma “escola literária”, que caracterizou-se pela convivência de várias correntes e estilos. Embora poucos, alguns escritores procuravam interpretar a realidade brasileira, revelar suas tensões e posicionar-se diante dos problemas sociopolíticos da época, antecipando elementos do Modernismo.

Durante a República, coincidindo com o período de vida de Lima Barreto, o Brasil foi governado pelos seguintes presidentes: Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891), Marechal Floriano Peixoto (1891-1894), Prudente de Moraes (1894-1898), Campos Sales (1898-1902), Rodrigues Alves (1902-1906), Afonso Pena (1906-1909), Nilo Peçanha (1909-1910), Hermes da Fonseca (1910-1914), Venceslau Brás (1914-1918), Delfim Moreira (1918-1919) e Epitácio Pessoa (1919-1922).

Alguns presidentes foram militares e ditadores, outros eram ligados às oligarquias rurais, constituídas pela República do café com leite. Muitos foram displicentes e coniventes com as desigualdades entre as regiões e entre as pessoas na sociedade, fato que causou muitas revoltas e lutas armadas no período denominado República Velha. Como exemplos de revolta e luta armada, são citadas: Guerra de Canudos (1896-1897), na Bahia; Revolta da Vacina (1903) e Revolta da Chibata (1910), ambas no Rio de Janeiro; Guerra do Contestado (1912-1916), em Santa Catarina, e inúmeras greves operárias (1917), em São Paulo.

Apesar do quadro histórico descrito, poucos foram os literatos que se envolveram com a situação do país e criticaram a realidade de sua época. Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato estão entre os que construíram uma obra renovadora.

De acordo com Sevcenko (1983, p. 119), Lima Barreto e Euclides da Cunha “apesar de viverem na mesma cidade e circularem nos seus poucos núcleos literários, esses intelectuais eram estranhos entre si [...] Pertenciam a gerações diferentes, é fato”. Relativamente a Lima Barreto, o historiador assevera:

O próprio advento da República fora uma experiência que marcara de forma antagônica os dois autores. [...] Já para Lima Barreto, desde a exoneração do pai do seu emprego público, logo nos dias que se seguiram ao desfile de Deodoro, ela só lhe trouxera uma série inapelável de desgraças familiares e pessoais. E o autor nunca ocultou o seu profundo desgosto com a nova ordem, que considerava como a fonte de todos os infortúnios que acometiam a nação (SEVCENKO, 1983, p. 125).

Se a análise de Sevcenko apontou responsabilidade de infortúnio para a vida de Lima Barreto com o advento da República, Ataíde (1974), no artigo intitulado “O moderno conto brasileiro” esclarece que houve independência no resultado de sua escritura. O seguinte fragmento comprova a informação:

Creio que há aqui distinção a ser feita entre os que ficaram na linha de evolução de Lima Barreto, Adelino Magalhães e Monteiro Lobato, escrevendo com independência em face das escolas européias, num idioma brasileiro, atualizados no fundo e na forma, no gesto e na maneira, e os que deliberadamente romperam com o passado, exprimindo essa ruptura pela completa insubordinação a qualquer disciplina, arrastados pela idéia puramente revolucionária e anarquista de destruir o que foi, sem apontar nenhum rumo para o futuro (ATAÍDE, 1974, p. 36).

As considerações apresentadas por Sevcenko e Ataíde confirmam que o escritor Lima Barreto produziu ruptura com a tradição em sua época e ousou construir uma nova literatura, voltada para a contestação e denúncia.

4 COMPOSIÇÃO DOS TEXTOS

Em um palco, pode-se evidenciar a evolução do enredo por meio do discurso das personagens e também observar os elementos físicos que compõem todo o cenário. De maneira análoga, as denúncias podem compor o enredo de **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), enquanto a Nova Crítica pode ater-se à observação dos elementos cênicos.

Os dispositivos ou elementos do texto e a aplicabilidade das denúncias são análises complementares e não contraditórias, pois avaliam o texto e o contexto, respectivamente. Após a exposição dos enredos do *corpus* – Conto, Aventuras e Romance, serão apresentadas as abordagens textuais e de denúncia das injustiças apontadas por Lima Barreto.

4.1 ENREDOS EM DESFILE

Os enredos serão descortinados e expostos a fim de que sejam conhecidas estas obras de ficção. Enredos ou intrigas das versões de **Numa e a ninfa**, Conto e Romance, são coincidentes, uma vez que o Conto pode ser considerado um extrato do Romance. Com relação às Aventuras, cada capítulo será exposto separadamente. Assim, o desfile dos enredos será uma exibição concisa de parte da literatura do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto.

4.1.1 Os textos homônimos **Numa e a ninfa**

Numa Pompílio de Castro, filho de pequeno empregado de hospital militar, formou-se Bacharel em Direito para obter cargos e proventos. Tentou advogar e tornou-se promotor de justiça e juiz de direito, tendo sido escolhido para a Chefatura de polícia, mas sonhava com a Câmara e prestígio.

O senador Neves Cogominho trouxe sua família para a capital, e Numa conheceu sua filha. Então, namoraram, casaram-se e, já como genro de Neves Cogominho, Numa Pompílio foi eleito deputado por duas legislaturas.

A filha do senador – Gilberta, no Conto, e Edgarda, no Romance – descobriu que o marido simulava talento. Ela queria ser mulher de deputado notável, que falasse, fizesse lindos discursos e fosse apontado nas ruas. A partir disso, Numa solicitava à esposa que providenciasse seus discursos e recebia elogios. Seus sucessos continuavam, e Numa Pompílio já estava apontado como futuro ministro.

Certa vez, Numa evitou debate com um orador da oposição, alegando doença, e solicitou à esposa novo discurso a ser decorado e proferido por ele na Câmara no dia seguinte. A mulher concordou em prepará-lo e foi para a biblioteca elaborar o discurso enquanto o marido dormia. Pela manhã, Numa foi à biblioteca e viu que o primo dela é quem elaborava os discursos em troca de favores sexuais de sua esposa. O deputado, por razões estritamente políticas, não se importou com o adultério de sua esposa, pois almejava a Câmara, o Ministério e a Presidência da República. Numa Pompílio de Castro voltou, pé ante pé, para o quarto e continuou obtendo triunfo. Os fragmentos transcritos no Quadro 2 apresentam a decisão de Numa Pompílio no fechamento do Conto e do Romance:

Quadro 4: Fechamento do Conto e do Romance.

CONTO	ROMANCE
<p>[...] foi pé ante pé até ao compartimento que servia de biblioteca. [...] Quem era? Aquele tipo... Ah! Era o tal primo... Então, era ele, aquele valdevinos, vagabundo, sem eira nem beira, poeta sem poesias, frequentador de chopes; então, era ele quem lhe fazia os discursos? Por que preço?</p> <p>Olhou ainda um instante e viu que os dois acabavam de beijar-se. A vista se lhe turvou; quis arrombar a porta; mas logo veio a ideia do escândalo e refletiu. Se o fizesse vinha a coisa a público; todos saberiam do segredo da sua 'inteligência' e adeus câmara, ministério e – quem sabe? – a presidência da República. Que é que se jogava ali? A sua honra? Era pouco. Que se jogava ali eram a sua inteligência, a sua carreira; era tudo! Não, pensou ele de si para si, vou deitar-me.</p> <p>No dia seguinte, teve mais um triunfo (BARRETO, 2010, p. 299).</p>	<p>[...] O deputado foi dormir e a mulher trancou-se na biblioteca trabalhando na oração do marido.</p> <p>[...]</p> <p>Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!</p> <p>E Numa voltou, vagorosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente (BARRETO, 1989, p. 223-224).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

4.1.2 Aventuras do Dr. Bogóloff

A personagem Gregory Petrovitch Bogoloff – grafia assim apresentada em Aventuras (BARRETO, 2001, p. 26) – teve, no Romance, a adição de acentos gráficos no nome Grégory Petróvitch Bogóloff (BARRETO, 1989, p. 73) –, um russo anarquista, narra, em primeira pessoa, as suas aventuras no Brasil. Os quatro títulos dos capítulos são nominados também em primeira pessoa e o enredo é o que se segue:

1º capítulo – “Fiz-me, então, Diretor da Pecuária Nacional”

Bogóloff, russo anarquista, formado pela Faculdade de Letras Orientais, vem para o Brasil e desembarca no Rio de Janeiro. Dedicar-se à cultura da batata-doce, aipim, abóbora e resolve também viver de expedientes⁹, pois desistira da vida honesta. Amigo de Lucrécio Costa, o Barba-de-Bode, consegue ser recebido no Ministério da Agricultura com carta do Senador Sofonias e expôs seus planos charlatanescos de transformar porcos do tamanho de bois e bois do tamanho de elefantes com processo bioquímico, além de criar peixes a seco. Assim, com sua lábia, tornou-se Diretor da Pecuária Nacional.

2º capítulo – “Como escapei de salvar o Estado dos Carapicus”

Bogóloff resolveu visitar os Estados com a finalidade de verificar o funcionamento político do Brasil. O primeiro a ser visitado foi o dos Caranguejos. Ele viajou em um vapor. Chegou à capital Tatuí, cidade quase sem calçamento e transportes, sem esgotos, com pouca iluminação, sem água encanada, mas “construía-se um teatro majestoso, num estilo compósito e abracadabrante” (BARRETO, 2001, p. 63).

O Presidente do Estado, General Contreras, acompanhava as sessões legislativas de corpo presente e interferia para garantir a independência dos

⁹ Viver de expedientes: “usar de meios improvisados, alternativos, às vezes ilícitos, como recurso para ganhar a vida”. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/expediente#ixzz2C12f52kX>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

poderes. Concedeu audiência a Bogóloff e indagou sobre o Senador Sofonias e a imprensa no Rio de Janeiro, uma vez que fechara o jornal de oposição em seu Estado.

Bogóloff viajou para Carapicus e, na capital Vista Alegre, apresentou-se com nome falso, nome idêntico ao da pessoa que o povo esperava para ser empossado como governador naquele Estado. O original Dr. Manuel da Silva era desconhecido no Estado de Carapicus, mas era indicação de pessoa ligada ao Presidente. No dia do evento, o verdadeiro Dr. Manuel da Silva chegou a Carapicus e tomou posse em cargo político. O governador empossado propôs a morte do farsante, visto que Bogóloff fez passar-se por outra pessoa, contudo a maioria o protegeu, por isso pôde sair do Estado sem punição.

3º capítulo – “Dei alguns planos e pinte a Batalha de Salamina¹⁰”

Por causa da confusão em Carapicus, Bogóloff foi demitido do cargo de Diretor da Pecuária Nacional por ordem do Presidente Bonifácio. Ele tentou reverter a situação, publicando em jornal a justificativa da troca de nomes naquele Estado, porém, não conseguiu seu posto novamente. Sem reservas financeiras, passou a fazer trambiques e tentou enveredar-se na crítica de arte. Publicou, ainda, artigo sobre as artes plásticas no norte da Europa, assunto que não dominava, bem como sua argumentação de como pintar a Batalha de Salamina. Desafiado a pintar, foi elogiado pela concepção ousada, teve relevada a sua técnica de pintura e foi um sucesso. Sua tela de 5mX2,5m foi adquirida pelo Presidente Bonifácio para a Pinacoteca Nacional.

4º capítulo – “Fui um momento Sherlock Holmes”

Bogóloff conheceu Numa Pompílio, que o convidou para uma festa na casa do senador Sofonias, data que coincidia com o aniversário desse senador. Lucrécio Barba-de-Bode, encarregado dos “vivas” e “aclamações”, bebeu tanto

¹⁰ Batalha naval que se opôs à frota persa, liderada por Xerxes, à grega, comandada por Temístocles. O confronto deu-se no estreito que separa Salamina da Ática, no mês de setembro de 480 a.C. A frota grega venceu a armada persa e esta vitória sobre os persas criou as bases para o florescimento da Grécia e da Europa. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$batalha-de-salamina](http://www.infopedia.pt/$batalha-de-salamina)>. Acesso em: 28 mar. 2012.

que, ao conseguir, após várias tentativas, obter a palavra “veio-lhe um forte vômito e, antes que pudesse correr à janela, despejou-o ali mesmo, borrifando o peitilho do famoso senador e a barra das saias daquelas grandes damas” (BARRETO, 2001, p. 151). Por causa do acontecido, o chefe de polícia, Dr. Chaveco, queria recolher Lucrécio à prisão, mas foi impedido por Sofonias. Bogóloff, então, saiu da festa, tendo pegado carona com o chefe de polícia e ficaram amigos.

Um crime aconteceu, e Bogóloff elaborou um relatório baseado nos métodos do londrino Dr. Sherlock Holmes, fazendo recair as suspeitas sobre o finlandês Gustav Kordenjold, proprietário da arma do crime. Este se defendeu dos indícios, afirmando não ter vindo a terra, todavia, um marinheiro denunciou-o, dizendo que ele havia saído da embarcação, disfarçado de estivador, voltando mais tarde para a galera Selma. Assim, Gustav foi pronunciado e absolvido. Pelo relatório detalhado, Bogóloff recebeu 10 contos e, com a saída de Kordenjold da cadeia, a quantia foi dividida entre os dois, conforme acordo previamente definido entre eles. Bogóloff ficou com a menor parte do prêmio. Gustav lhe confessou ter sido o verdadeiro assassino, contribuindo para que Bogóloff se sentisse efetivamente um Sherlock Holmes. Essas Aventuras mostram que o “viver de expedientes” do russo em terras brasileiras estava em plena prática.

4.2 EXIBIÇÃO LITERÁRIA EM TEORIA: ROMANCE, CONTO E CRÔNICA

Os pressupostos teóricos, neste item, contemplam diversos autores como Cândida Vilares Gancho (2011), Nádya Battella Gotlib (2006), Lilia M. Schwarcz (2010), Massaud Moisés (2006) e Osman Lins (1976).

A literatura é a arte que usa a linguagem como meio de expressão, isto é, manifesta-se pela palavra, seja ela falada ou escrita. Em sentido amplo, literatura é o conjunto da produção escrita de um país ou de uma época e, em sentido restrito, literatura é a ficção, que contém história inventada, imaginada, fictícia.

Quanto ao gênero narrativo, apresenta-se por meio de texto em prosa que, dependendo da estrutura, da forma e da extensão, pode ser denominado como romance, novela, conto ou crônica. Em qualquer das modalidades mencionadas,

há representações da vida comum, de um mundo mais individualizado e particularizado, ao contrário da universalidade das narrativas épicas, marcadas pela representação de um mundo maravilhoso, povoado de heróis e deuses.

Relativamente ao conto, Gancho (2011, p. 6), na obra **Como analisar narrativas**, define-o como:

[...] uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo.

Resumidamente, o conto é um gênero da narrativa em prosa que aproveita o texto de extensão breve para informar ao leitor a mensagem central, desprezando-se as tramas secundárias, estas presentes no romance.

Gotlib (2006, p. 46), em **Teoria do conto**, afirma que “Ora, o encanto do conto está no modo aparentemente fácil de conduzir a intriga, com início, meio e fim. Os episódios fluem e são eles que fazem o conto”. A autora concluiu sua obra com o fragmento a seguir:

Porque cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recurso, tensão das fibras do narrar (GOTLIB, 2006, p. 82).

A brevidade do conto, não havendo medida padrão que a estabeleça, faz com que a acumulação da intensidade seja exibida no clímax da ação. A novela e o romance, por possuírem maior extensão, podem exibir vários momentos de muita intensidade.

Schwarcz (2010), na introdução da obra **Contos completos de Lima Barreto**, esclarece que, para além de toda a obra, os contos contêm as

características que configuram a literatura de Lima Barreto, podendo-se verificar essa afirmativa a partir das seguintes palavras da autora:

[...] se essas características fazem parte da obra de Lima Barreto de modo geral, elas ficam ainda mais evidentes nos contos. É certo que temos aí material literário, mas não por acaso os contos exponenciam¹¹ também um diálogo entre a história do país e a vida pessoal de Lima Barreto. Neles, vemos surgir personagens da política portando outros nomes mas facilmente reconhecíveis; referências a costumes da elite da corte, prontamente ironizados; alfinetadas nas teorias raciais; ironias dirigidas da polícia ou a outras instituições do Estado; alusões a hábitos da população local (alguns pouco elogiados, a maioria não); ou mesmo passagens inteiras acerca dos subúrbios do Rio de Janeiro. Lima Barreto explora bem os diversos tipos do cenário carioca: malandros, ingênuos, espertos, empresários, boêmios, beberrões, mulheres de vida fácil, mães que são arrimos de família ou meninas que descobrem as mazelas do amor. Uma galeria de personagens parece conviver com a literatura consagrada de Machado de Assis, autor que descreveu um período um pouco anterior ao de Lima Barreto, assim como selecionou um Rio de Janeiro de certa maneira diferente; tanto em sua geografia (afetiva, real e simbólica) como em sua vida e cotidiano (SCHWARCZ, 2010, p. 20-21).

O Conto “Numa e a ninfa” foi escrito em um único capítulo com aproximadamente 6 (seis) páginas, podendo ser considerado o extrato ou resumo do Romance homônimo.

De acordo Schwarcz (2010, p. 683), “o conto foi publicado originalmente e conferido a partir do periódico **Gazeta da Tarde**, ano III, n. 658, p. 2, 3 de junho de 1911”. Mais tarde, houve uma ampliação do conteúdo para a forma de romance, também publicado em folhetins no jornal **A Noite**, Rio de Janeiro, no período entre 15 de março e 26 de julho de 1915.

Para definição de romance, Gancho (2011, p. 5) descreve esse gênero textual também como uma narrativa literária em prosa, com as seguintes palavras:

É uma narrativa longa, que envolve um número considerável de personagens (em relação à novela e ao conto), maior número de conflitos, tempo e espaço mais dilatados. Embora haja romances que datem do século XVI (**D. Quijote de La Mancha**, de Cervantes, por

¹¹ O verbo “exponenciar” está transcrito no subjuntivo, mantendo-se a grafia original da autora, conforme publicação utilizada.

exemplo), este tipo de narrativa consagrou-se sobretudo no século XIX, assumindo o papel de refletir a sociedade burguesa.

Moisés (2006, p. 165), para além de informar a origem da palavra, histórico, conceito e estrutura, afirma:

O romance pode, mais do que o conto, a novela e a poesia (mesmo a de carácter épico, segundo o nosso entendimento da matéria), apresentar uma visão global do mundo. Sua faculdade essencial consiste em recriar a realidade: não a fotografa, recompõe-na; não demonstra ou reduplica, reconstrói o fluxo da existência com meios próprios, de acordo com uma concepção peculiar, única, original. Por ser o romance a recriação da realidade é que os ficcionistas se têm mostrado sensíveis ao tema da sociedade em decadência: quando tudo parece desmoronar é que mais se faz necessária a tarefa do romancista. Coletando os escombros numa unidade imaginária ou dando forma à procura de soluções para a crise, o romance cumpre sua missão de restaurar o conhecimento e a fé. Em tempos amenos, aliena-se, tornando-se passatempo, ou atribui-se o papel de subversor da ordem, transformando-se em arma de combate e de ação social.

Lima Barreto valeu-se desse e de outros gêneros literários para divulgar sua literatura, que produzia denúncia sobre a sociedade, a economia e, principalmente, a política de sua época.

Lins (1976, p. 32-33), no capítulo intitulado “Lima Barreto: o romancista”, apresenta estudos sobre a narrativa, principalmente o que afeta os romances na escritura de Lima Barreto:

A elasticidade do gênero romance permite a concentração das variadas tendências e aptidões que formam a personalidade literária de Lima Barreto. Encontramos nos seus livros, entremeados à narrativa ou à maneira de engaste, a crônica, o ensaio, expansões líricas e até o documento. Este, um dos motivos pelos quais tal fração da sua obra sobreexcede as demais em interesse quando a examinamos. Mas o romance não é apenas um gênero maleável, proteico, aberto, capaz de abrigar e de conciliar outros gêneros mais simples. Vê-lo assim seria desconhecer a sua faculdade de iluminar zonas dissimuladas. Tarefa absorvente, na qual se empenha o ser total do escritor, vai o romance desmontando as armaduras que o autor constrói para si mesmo e refletindo, cifrado, o seu rosto autêntico, por mais oculto que esteja [...] O romance é um desvelador de segredos, uma armadilha de espectros. Insinuando-se por entre personagens, observações e fábulas cujo sentido é evidente, entrevemos, na obra romanesca de Lima Barreto,

linhas meio ocultas, que conferem ambiguidade ao perfil do escritor e nos convidam à investigação.

O romance é uma narrativa longa e, no caso de **Numa e a ninfa**, possui 10 (dez) capítulos, sem títulos nominados, apenas numerados com algarismos romanos, chegando a aproximadamente 230 (duzentas e trinta) páginas.

Para além de definir a extensão textual em conto, novela ou romance, Gancho (2011, p. 6) ainda define outras expressões da narrativa como, por exemplo, crônica, registrando-a com as seguintes palavras:

Por se tratar de um texto híbrido, nem sempre apresenta uma narrativa completa; uma crônica pode contar, comentar, descrever, analisar. De qualquer forma, as características distintivas da crônica são: texto curto, leve, que geralmente aborda temas do cotidiano.

A narrativa **Aventuras do Dr. Bogóloff** possui 4 (quatro) capítulos com títulos em 1ª pessoa. Essas Aventuras serão tratadas como crônicas, pois há crítica explícita da vida política, social e comportamental do Brasil do século passado.

Em relação à política, característica muito marcante nas obras escritas por Lima Barreto e evidenciada no hipertexto **Numa e a ninfa**, o Romance, pode-se observar um denso discurso nos seguintes fragmentos das Aventuras:

O estado é o mais forte desmoralizador do caráter. Mais que os vícios, o álcool, o jogo, a morfina, a cocaína, o tabaco, ele nos tira toda a nossa dignidade, todo o nosso amor-próprio, todo o sentimento da realeza de nós mesmos (BARRETO, 1989, p. 95).

A simulação eleitoral nos estados não bastava, pois havia ainda o reconhecimento nas Câmaras, onde uma maioria audaz e desavergonhada podia tudo fazer e desfazer com o monte de atas falsas que chegavam.

De forma que todo o trabalho dos feudatários estaduais estava em ter sempre a seu lado essa maioria, para que os descontentes de todos os matizes não se servissem dela para alcançarem os postos de governo.

A grande habilidade dos chefes estava em manobrar com essa maioria no Senado, tendo para isso um grande império na Câmara.

Se houvesse algum chefe estadual recalcitrante, a entrada do seu representante no Senado seria cortada; e, como todos queriam essa

entrada, faziam os seus homens na Câmara obedecer aos ditames dos chefes coligados (BARRETO, 2001, p. 131).

O fragmento transcrito não faz parte das intertextualidades de *Aventuras no Romance*, mas o conteúdo alude ao mesmo assunto abordado em **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), justificando, portanto, a intertextualidade temática.

Nas narrativas – conto, crônica e romance – não há intenção pessoal de privilegiar uma em detrimento das demais composições, senão apresentá-las através de vozes didáticas que as expressam de acordo com a sua extensão.

A intensidade e a extensão dos textos são igualmente importantes para que o leitor opte pela leitura mais cômoda ou atrativa, estabelecendo-se a recepção da escritura autoral.

4.3 SIMBOLOGIA DOS NOMES

A base teórica, que explicita os significados dos nomes e sua origem, advém das seguintes obras: **Dicionário de nomes**, de Nelson Oliver (2010); **Dicionário latino português**, de Francisco Torrinha (1982), e, ainda, dos *sites* devidamente elencados nas Referências.

Os nomes das personagens de uma obra de ficção, provavelmente, não são escolhidos aleatoriamente e parece que têm uma finalidade. Pode-se observar que a etimologia auxilia no batismo das personagens e, nos textos **Numa e a ninfa**, Conto e Romance, serão analisados os nomes dos protagonistas, a saber, Edgarda, Gilberta e Numa Pompílio.

O nome Edgarda, esposa de Numa Pompílio no Romance, tem origem latina e significa “próspera, rica”. Este significado do nome define parte de seu caráter em obter vantagens para manutenção de seu *status*.

Em relação ao nome Gilberta, esposa de Numa Pompílio no Conto, Oliver (2010, p. 156) assevera que tem origem germânica e significa “ilustre refém” e, aparentemente, é refém de uma situação com pompa que denotava apenas comodismo. Ambas ninfas foram descritas pelo escritor Lima Barreto, conforme o Quadro 5.

Quadro 5: As ninfas de Numa Pompílio de Castro.

CONTO	ROMANCE
<p>Gilberta, moça de pouco mais de vinte anos, cheia de prosápias de nobreza, que as irmãs de caridade de um colégio de Petrópolis lhe havia metido na cabeça. [...] Ela lhe havia descoberto a simulação do talento e o seu desgosto foi imenso porque contava com um verdadeiro sábio, para que o marido lhe desse realce na sociedade e no mundo. Ser mulher de deputado não lhe bastava; queria ser mulher de um deputado notável, que falasse fizesse lindos discursos, fosse apontado nas ruas (BARRETO, 2010, p. 296).</p>	<p>Edgarda era ainda bem moça, mas já tinha passado dos vinte anos e viera para Itioca cheia de uma curiosidade constrangida. Nascida e criada no Rio, tendo vivido sempre nas rodas senatoriais e burguesas, tinha ilusões de nobreza (BARRETO, 1989, p. 21-22).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

Tanto no Conto como no Romance, ambos os nomes da esposa do protagonista são mais utilizados no masculino, provavelmente para definir a força que ela demonstra em sustentar todas as situações e as aparências de sucesso do marido.

O nome Numa tem origem hebraica e significa “peixe”. O Numa barretiano aproxima-se de ser pecilotérmico, característica do peixe, ou seja, sua temperatura corpórea varia conforme a temperatura ambiente e nada por águas rasas e/ou profundas. Essas características estão presentes na personagem que convence seus afins dos saberes superficiais e/ou com embasamento, dependendo da produção de outrem. Torrinha (1982, p. 563 e 659) registra os seguintes vocábulos: “Numa, ae: Numa Pompílio, rei de Roma” e “Pompilius, i: Pompílio, nome de homem”, respectivamente. Oliver (2010, p. 244) esclarece que Pompílio tem origem latina, é uma variação de Pompeu, significando o “quinto filho”. Numa Pompílio foi apresentado nas produções homônimas **Numa e a ninfa**, o Conto e o Romance, e ainda nas **Aventuras do Dr. Bogóloff**. O Quadro 6 apresenta transcrições de Numa Pompílio no Conto, nas Aventuras e no Romance.

Quadro 6: Numa Pompílio de Castro nos textos de Lima Barreto.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Numa viu logo que o caminho mais fácil para chegar a seu fim era casar-se com a filha do dono daquela ‘comarca’ longínqua do desmedido</p>	<p>Numa, que estava a meu lado, ouvia-o atentamente e como que senti que havia nele uma ponta de inveja pela facúndia do orador.</p>	<p>Foi, portanto, com extraordinária surpresa que se viu o Deputado Numa tomar a palavra e fazer um discurso valioso. Parecia um milagre</p>

império do Brasil (BARRETO, 2010, p. 296).	Era conhecido como 'silencioso' e, tendo recebido aquela intimação do chefe para discursar, não era difícil adivinhar o seu estado d'alma. Havia no seu olhar muito espanto, muita admiração pela torrente de banalidades que Castro Ribeiro berrava; e, de onde em onde, como se adivinhava que Numa dizia com seus botões: Ah! Se eu fosse como ele! (BARRETO, 2001, p. 146).	ver aquele sujeito tão mudo, tão esquivo, tão aparentemente sem idéias, lidar com as palavras, organizá-las convenientemente, exprimindo-se com bastante lógica (BARRETO, 1989, p. 13-14).
--	---	--

Fonte: Do Autor (2012).

No hipertexto **Numa e a ninfa**, o Romance, há uma informação de Numa Pompílio que o aproxima de um peixe ornamental que vive em aquário, com limitação de espaço a explorar. Isso demonstra a previsibilidade de sua atuação na Câmara, em obediência à “dinastia dos Cogominhos”. A transcrição que se segue comprova essa observação: “Apesar de nome tão auspicioso para o ofício de legislador [...] ‘o genro do Cogominho’ era o deputado ideal; já se sabia de antemão a sua opinião, o seu voto, e a sua presença era fatal” (BARRETO, 1989, p. 13).

4.4 A CONSOLIDAÇÃO DO HIPERTEXTO PERPASSANDO DENÚNCIAS

O hipertexto **Numa e a ninfa**, o Romance, descortinado contundentemente, via abordagem de denúncia, em crítica velada à situação política do Brasil, confirma a temática do *corpus* deste trabalho. As análises serão sustentadas por estudos de diversos autores como: Francisco de Assis Barbosa (1997, 2001), Maria Zilda Ferreira Cury (1981), João Ribeiro (2001), Alfredo Bosi (1994), Afrânio Coutinho (2004) e Maria do Carmo Lanna Figueiredo (1995).

Quanto aos temas detalhados nos subitens, Beatriz Resende (1988) é base para subúrbios; Ribeiro (2001), Eliane Vasconcellos (1999), Cury (1981) e Barbosa (2001) são base para a situação da mulher; Paula Beiguelman (1981) e Nicolau Sevcenko (1983) para a mentalidade do alto funcionalismo; Sevcenko (1983), Cury (1981) e Astrojildo Pereira (2001) para a falsidade dos doutores,

enquanto Tristão de Ataíde (2001), Sevcenko (1983), Lilia Schwarcz (2010), Mariana Ellen Seixas (2012), Carlos Henrique Gileno (2003), Francisco Barbosa (1988) e Paula Beiguelman (1981) são base para as mazelas do governo.

Na obra **Os melhores contos de Lima Barreto**, de Lima Barreto (1997, p. 7), Barbosa, autor que fez uma seleção dos melhores contos do escritor, salienta que a ficção em Lima Barreto reflete “quase sempre a sua permanente inclinação para a denúncia contra as injustiças e as mazelas do sistema político e da organização da sociedade, seja com disfarçada ironia, seja com ostensivo escárnio”.

Cury (1981, p. 112), sobre o posicionamento do escritor em seus romances, afirma: “Coerente com essa concepção de literatura enquanto denúncia, Lima Barreto empreende em sua obra a crítica da sociedade, em todos os seus aspectos, fazendo uma opção de defesa dos marginalizados”.

Lima Barreto produziu seus textos no início do século XX e, de maneira particular, ousou ser diferente dos outros literatos contemporâneos. Seus romances, contos e crônicas tornaram-se marcos definitivos na literatura brasileira, assumindo, conseqüentemente, os riscos decorrentes da liberdade de sua escritura. Para comprovar o fato, apresenta-se uma transcrição de Barbosa, presente na obra **Os melhores contos de Lima Barreto**, a respeito dos temas preferidos de Lima Barreto em sua obra ficcional:

[...] romances e artigos de jornal constituem um vasto painel, que se desdobra em sucessivos quadros da nossa Primeira República. É amplo o espectro da obra do ficcionista e do jornalista, na verdade um impressionante documento das mudanças sociais e políticas da sociedade escravista, no entanto bem mais liberal, sob certos aspectos, para um sistema de falsa democracia, o qual desponta uma oligarquia de caráter bem mais aristocrático e intolerante que a do parlamentarismo imperial. Pode parecer um paradoxo, mas não é. A essa curiosa forma de governo de fazendeiros de café, capitalistas, arrivistas e bacharéis, muitos dos quais eram advogados dos interesses daqueles grupos privilegiados, Lima Barreto chamou de plutocracia, talvez com certo exagero, mas sem falsear a verdade. O observador via longe até demais na sua crítica áspera e contundente aos políticos e aos donos da vida, de um modo geral, à mania de ostentação, ao vazio intelectual, à corrupção e à incompetência, própria da “democracia relativa” da República Velha. A expressão é do antigo presidente Geisel. Que se dirá do que veio depois?

Mas fiquemos em Lima Barreto, que viu e registrou todo o avesso do regime, o fundo podre, com olhos que nada tinham de falsamente brasileiros, como os da maioria dos escritores seus contemporâneos. E o fez sempre com sinceridade e com coragem. Retratou certos políticos e

certos literatos como o eram de fato: caricaturas de líderes e caricaturas de escritores. Através desses personagens-símbolos, ressurgem sem retoques e sem distorções toda a mentalidade de uma época, com as duas fraquezas e alienações que predominou no Brasil nos primeiros quarenta anos de nossa vida republicana (BARRETO, 1997, p. 7).

Além do biógrafo de Lima Barreto, o leitor de suas obras pode verificar que, em toda a obra, predomina a denúncia e, delimitando-se na consolidação do hipertexto **Numa e a ninfa**, serão apresentados comentários contidos nas publicações ou sobre os próprios textos.

O editor da publicação **Numa e a ninfa** de 1950, que contém o Romance e as **Aventuras do Dr. Bogóloff**, elaborou a seguinte informação preliminar ao leitor:

A edição de **Numa e a Ninfa**, em sua forma definitiva, revista e aumentada pelo autor, que ora apresentamos ao público, juntamos os dois capítulos conhecidos e mais dois inéditos das **Aventuras do Doutor Bogóloff** (BARRETO, 1950, p. 5).

Na 2ª edição do romance **Numa e a ninfa** (1961d), há informações, em nota prévia, a respeito da publicação e dos manuscritos que, hoje, estão na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, conforme a transcrição que se segue:

O romance **Numa e a Ninfa** foi publicado pela primeira vez em folhetins do Jornal **A Noite**, do Rio de Janeiro, de 15 de março a 26 de julho de 1915. Essa composição serviu para a feitura de um folheto, em páginas de duas colunas, com data de 1915, mas vindo à circulação somente em 1917.

Os manuscritos que teriam sido entregues às oficinas de **A Noite** perderam-se, ao que parece, irremediavelmente. Esse mal chega a ser grande, se se tem em conta o fato de que Lima Barreto costumava alterar, nas provas, o texto manuscrito. Isso de um lado, e, de outro, porque ficaram as provas do folheto, preparadas para nova impressão, com correções e acréscimos autógrafos que se encontram hoje na Coleção Lima Barreto, Seção de Manuscritos, da Biblioteca Nacional (BARRETO, 1961d, p. 15).

Para além de informações preliminares nas publicações de Lima Barreto, Ribeiro (2001, p. 31) apresenta o Romance da seguinte maneira: “**Numa e a Ninfa** é um estudo da vida social e política do nosso tempo. É realmente um dos raros livros que espelham, com verossimilhança, senão com fidelidade, os vícios e costumes da sociedade política”.

Outros estudiosos opinaram sobre a obra **Numa e a ninfa**, entre eles, Bosi (1994) e Coutinho (2004) registraram as seguintes palavras:

Numa e a Ninfa, sátira política, tende à caricatura. O deputado Numa Pompílio de Castro, fina flor da burguesia dominante, jovem bacharel que sobe graças à sua diplomacia, no fundo cínica e capaz de sacrificar a honra pelo gozo dos privilégios (BOSI, 1994, p. 320).

A novela **Numa e a Ninfa**, extraída de um conto deste título publicada inicialmente em folhetins, no jornal **A Noite**, foi escrita em vinte e poucos dias, confessa o romancista, acrescentando menos decerto por empáfia do que para justificar as suas deficiências: ‘Não copiei nem recopiei sequer um capítulo.’ Trata-se de uma *charge* destinada a produzir efeito em determinada fase de efervescência política, na qual é submetido a ridículo a personagem Numa, um deputado medíocre, genro de certo chefe influente que o maneja à vontade, enquanto a mulher (Ninfa) o trai com um primo a quem faz escrever os discursos que o marido profere na Câmara. Nesse crivo de ironias e sarcasmos entram outros tipos característicos da época: Fuão Bandeira, português, metido em coisas de jornal; o General Manuel Forfaible; Lucrécio Barba-de-Bode, um cafuso da Cidade Nova, cabo eleitoral, com grande prestígio em várias repartições; o russo Dr. Bogoloff que depois de algumas peripécias de vida, até o extremo de ir morar em casa do cafuso, adquire grande notoriedade por causa de um plano de reforma que o leva à direção do Departamento de Pecuária Nacional. Esse Bogoloff, que é um tipo caricatural, prolonga-se em outros trabalhos de Lima Barreto, e como o jornalista Gregoroff, em outro sentido, serviu-lhe de máscara para instalar em mais de um de seus romances ou contos uma idéia pessimista sobre o desenvolvimento agrário do Brasil. Novela simplesmente circunstancial, elaborada esbaforidamente. **Numa e a Ninfa** está aquém de qualquer obra de ficção de Lima Barreto, apesar de algumas passagens serem bem típicas de sua maneira despachada e vívida. O repórter leva a melhor aí que o romancista, o que de resto acontece numa parte nada reduzida de sua ficção (COUTINHO, 2004, p. 224-225).

Barbosa (2001), na obra **Lima Barreto, precursor do romance moderno**, afirma:

Em **Numa e a Ninfa**, inspirado na trama política que levaria à Presidência da República o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, o romancista pintou uma galeria tragicômica de figurões, civis e militares, todos sequiosos de poder e dinheiro. Entre eles, aparece o protótipo do bom mocismo, o genro feliz, mistura de parvoíce e cinismo, que é o deputado Numa Pompílio de Castro. A galeria é extensa, ressaltando o cabo eleitoral Lucrecio Barba de Bode, tipo caracterizado da República Velha, além do simpático aventureiro que se chama Doutor Bogóloff, aliás Gregori Petrovich Bogóloff. Russo de nascimento, diplomado em línguas orientais pela Universidade de Kazan, tornar-se-ia peça importante da burocracia, como diretor da Pecuária Nacional. Pelo nome, poderia ser identificado como cáften ou anarquista. Mas se soubesse tirar partido do título universitário, chegaria a administrador preeminente. E foi o que aconteceu. Louro, doutor e estrangeiro, preenchia todos os requisitos para merecer a consideração e o respeito da classe dominante. O Senador Sofonias e o Ministro Xandu tanto se impressionaram com a extraordinária cultura do Doutor Bogóloff que lhe deram a chefia de uma das mais importantes diretorias do Ministério da Agricultura. Bogóloff apresentou então um programa de soerguimento da pecuária, segundo o qual, mediante um tratamento especial, os porcos ficariam do tamanho de bois e os bois maiores do que elefantes (BARBOSA, 2001, p. 92).

Todos os estudiosos selecionados nesta abordagem registraram suas impressões sobre o Romance **Numa e a ninfa**, estabelecendo-se uma fortuna crítica sobre a obra. A maioria estabeleceu vínculo positivo da produção de Lima Barreto, enquanto Coutinho (2004), ao contrário, criticou a obra e o próprio autor.

Em uma breve retomada, Coutinho (2004, p. 224-225) conclui que a obra **Numa e a ninfa** é “novela simplesmente circunstancial, elaborada esbaforidamente” e que está “aquém de qualquer obra de ficção de Lima Barreto”. Para além da obra, o autor atribui juízo de valor também ao autor com a seguinte transcrição: “o repórter leva a melhor aí que o romancista”.

Esta dicotomia enriquece a investigação da pesquisa e a torna possível para uma avaliação particular de cada leitor. A unanimidade só é possível quando há imposição, desconsiderando toda e qualquer diferença entre os semelhantes. Mesmo que a minoria decida menosprezar esta obra e seu autor, torna-se instigante buscar dados que podem ser estímulo à nova postura diante de fatos, provocando sedução à leitura e exposição do conteúdo e da forma.

Figueiredo (1995, p. 64), relativamente à recepção da obra, esclarece que, em **Numa e a ninfa**, o Romance, o autor Lima Barreto “repete temas, situações e procedimentos literários anteriormente explorados, que já, então, caracterizavam seu estilo”. A estudiosa enumera cinco assuntos que são recorrentes na obra: os

habitantes do subúrbio; a situação da mulher; a mentalidade do alto funcionalismo, militares e políticos; a falsidade e desonestidade dos doutores e as mazelas do governo republicano.

A seguir, serão expostos os itens recorrentes na obra de Lima Barreto, devidamente exemplificados com fragmentos do hipertexto. Ressalta-se, entretanto, que as transcrições textuais comprobatórias podem demonstrar mais de um dos assuntos abordados, pois eles não são estanques, configurando um encadeamento das denúncias apontadas pelo escritor.

4.4.1 Subúrbio ou guetos pobres

Resende (1988, p. 108-111), no artigo “A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto”, apresenta as seguintes observações:

[...] E é por aí que chegamos a Lima Barreto. A questão do espaço público é a questão básica em toda a literatura deste “homem das multidões”.

A cidade é matéria de sua literatura, e é sua representação do espaço que (re)constrói seu Rio de Janeiro.

[...]

O romance e o conto aparecem no conjunto da obra de Lima Barreto com uma forte tarefa documental, mapeando a cidade, descrevendo-a (sobretudo através da visão do *flâneur*¹² que atravessa a cidade de **Recordações do Escrivão Isaías Caminha a Clara dos Anjos**, num percurso que vai, paulatinamente, se deslocando de forma expressiva, do centro para o subúrbio).

Lima Barreto contemplou a margem do espaço urbano, ou seja, não privilegiou apenas o centro da cidade, como também enfocou a periferia ou o subúrbio. O local de encontro dos amantes Edgarda e Benevenuto, por exemplo,

¹² O termo “*flâneur*” vem do francês e tem significado de vagabundo, vadio, preguiçoso. Contudo, Charles Baudelaire desenvolveu um significado derivado do *flâneur* – O de “uma pessoa que anda na cidade, a fim de experimentá-lo”. Devido ao uso do termo e teorização por Baudelaire e muitos pensadores nos domínios econômico, cultural, literário e histórico, a ideia do *flâneur* acumulou significado importante como um referencial para a compreensão de fenômenos urbanos e modernidade”. Disponível em: <<http://fernandacomparth.wordpress.com/2011/03/28/investigando-conceitos-28-03-%E2%80%93-flaneur-baudelaire/>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

é a casa de uma costureira, localizada no subúrbio carioca. O autor detalhou os acessos e a ousadia da mulher casada ir ao encontro extraconjugal. Para comprovar a descrição minuciosa, segue o fragmento abaixo:

A esposa de Numa ainda olhava a cidade que a esperava lá em baixo. O bonde caminhava e agora o esforço para detê-lo na descida que o fazia guinchar nos trilhos.

O acaso que traçou a cidade, parece ter deixado aqui e ali pequenas ruas, travessas, becos, próprios aos amores que não querem ser suspeitados.

Ao lado das ruas principais, ficam o seu sossego e discrição para asilar os amorosos, evitando-lhes grandes rodeios e afastando as suspeitas de quem os vê por elas.

[...]

Quem visse Dona Edgarda, após descer um pequeno trecho da Ladeira de Santa Tereza, tomar um bonde do Rossio Pequeno, havia de julgar que ia apanhar condução que a levasse ao Rio Comprido ou à Tijuca, para fazer alguma visita. O seu ar natural, a sua atitude de inteira tranqüilidade davam a entender que continuava a cumprir os seus deveres sociais de grande senhora; entretanto, antes que o veículo começasse a trepar a ladeira que existe quase ao fim da velha azinhaga de Mata-Cavalos, ela saltou muito naturalmente, apanhou a calçada, dobrou essa e aquela rua e entrou com segurança em uma casa modesta, muito pobre de aparência.

[...]

Encontravam-se há quase um ano naquela casa discreta, graças à complacência de uma velha conhecida, quase pessoa da família de sua mãe, que lhe prestava aquele serviço mais por dedicação do que por interesse de outra ordem (BARRETO, 1989, p. 86-90).

A altivez da esposa do senador Numa Pompílio de Castro e suas atitudes sempre nobres não levantariam suspeitas de suas idas ao subúrbio, quer seja para visitas sociais ou de contratação de serviços, quer seja para seus encontros amorosos com Benevenuto. A fim de evitar comentários da população, suburbana ou não, Lima Barreto, conhecedor de pessoas e suas habilidades em tomar conta da vida alheia, preveniu o leitor contra a bisbilhotice:

A nossa população é bisbilhoteira; os nossos vizinhos estão sempre a saber o que fazemos e nós o que eles fazem, de modo que é preciso precauções de estrategista, planos de peles-vermelhas para despistar a vigilância gratuita dos curiosos e fazer calar as suspeitas de sua bisbilhotice idiota (BARRETO, 1989, p. 87).

Destaca-se, no Romance, uma personagem oriunda do subúrbio: Lucrécio Barba-de-Bode, que não fazia parte da aristocracia política, mas era necessário à sua atividade, recebendo benefícios por seus eventuais trabalhos. O autor descreve a personagem e seu espaço com as seguintes palavras:

Lucrécio, ou melhor: Lucrécio Barba-de-Bode, por alcunha [...] não era propriamente um político, mas fazia parte da política e tinha o papel de ligá-la às classes populares. Era um mulato moço, nascido por aí, carpinteiro de profissão, mas de há muito que não exercia o ofício. Um conhecido, certo dia, disse-lhe que ele era tolo em estar trabalhando que nem um mouro; que isso de ofício não dá nada; que se metesse em política. Lucrécio julgava que esse negócio de política era para os graúdos, mas o amigo lhe afirmou que todos tinham direito a ela, estava na Constituição (BARRETO, 1989, p. 43).

Lucrécio morava na Cidade Nova, naquela triste parte da cidade, de longas ruas quase retas, com uma edificação muito igual de velhas casas de rótula, porta e janela, antigo charco, aterrado com detritos e sedimentos dos morros que a comprimem, bairro quase no coração da cidade, curioso por mais de um aspecto.

Muito baixo e comprimido entre as vertentes e contrafortes de Santa Tereza e a cinta de colinas graníticas – Providência, Pinto, Nheco – ainda hoje as chuvas copiosas do estio teimam em encontrar depósito naquela bacia, transformam as vias públicas em regatos barrentos, saltam dos leitos das ruas, invadem, por vezes, as casas: os móveis boiam e saem pelas janelas ainda boiando, para se perderem no mar ou irem ao acaso encontrar outros donos.

Irregular como é o Rio, não se pode dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigado de passagem para a Tijuca e adjacências, São Cristóvão e subúrbios (BARRETO, 1989, p. 65).

A família de Lucrécio, habitante do limiar da zona suburbana, tinha por hábito a leitura de “**O Talismã**, famoso jornal de palpites do ‘bicho’”, pois “é o mensageiro da abundância, é a esperança de salvar compromissos e poderosamente concorre para a realização de casamentos e batizados” (BARRETO, 1989, p. 70). Os integrantes dessa família são Ângela, a esposa, Lúcio, o filho, e a irmã do patriarca, assim caracterizados pelo autor:

O primeiro cuidado da mulher de Lucrécio e da irmã era comprar o jornal e, muitas vezes, sem dinheiro para jogar, compravam-no por prazer e devoção.

A mulher de Lucrécio, Ângela, era mulata como ele, mas franzina, um pouco mais clara, feia, avelhantada precocemente e docemente triste; a irmã era forte, mas pesada de corpo, um rosto curto e nariz grosso e uns

olhos empapuçados. Era casada, mas do marido não tinha notícias e perdera os filhos em pequena idade (BARRETO, 1989, p. 70).

O que se segue a esta apresentação é uma reflexão de Lucrécio sobre Lúcio, seu filho. Após um breve diálogo, contudo, o pai constata que o destino do garoto já está definido. O escritor conduziu a cena do seguinte modo:

Ele acabou de vestir-se e sentou-se logo à mesa do almoço. O filho voltou com o jornal; e, um instante, Lucrécio olhou a criança com o olhar mais preocupado.

– A bênção, papai?

– Deus te abençoe, meu filho.

O pai viu os olhos luminosos da criança, carbunculando nas escleróticas muito brancas, e pensou de si para si: que vai ser dele? Lembrou-se de dar-lhe dinheiro para os sapatos com que fosse à escola, mas estava atrasado na casa. A desordem de sua vida; antigamente... Que vai ser dele? Bem, arranjar um emprego, fá-lo-ia estudar e havia de tomar caminho. Que vai ser dele? E logo lhe veio e ceptismo desesperado dos imprevidentes, dos apaixonados e dos que erraram; há de ser como os outros, como eu e muita gente. É sina! (BARRETO, 1989, p. 70-71).

Semelhante a Lucrécio, os antigos escravos, que pouco ou nada haviam conseguido desde a Abolição, eram marginalizados. Somavam-se a eles os imigrantes europeus, que chegavam para trabalhar nas lavouras ou nas indústrias recém-criadas, contudo, estes eram submetidos às condições de trabalho humilhantes.

Acostumados a viver à margem, é no subúrbio onde moram os “de cor” e os tais imigrantes que vieram tentar riquezas no Brasil. O autor do romance mostra a exclusão social dessas categorias:

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as águas trouxessem das alturas a quantidade necessária de sedimento; mas ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas para estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas afloram com evidência. Ela desfez muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca da riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar e excitar esses sonhos.

[...]

As mesmas razões que levaram a população de cor, livre, a procurá-la, há sessenta anos, levou também a população branca necessitada, de imigrantes e seus descendentes, a ir habitá-la também.

Em geral, era e ainda é, a população de cor, composta de gente de fracos meios econômicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha e veio daí a sua procura pelas cercanias do aterrado; desde, porém, que a ela se vieram juntar os imigrantes italianos ou de outras procedências, vivendo de pequenos ofícios, pelas mesmas razões eles a procuraram.

[...]

É de ver aquelas ruas pobres, com aquelas linhas de rótulas discretas em casas tão frágeis, dando a impressão de que vão desmoronar-se, mas, de tal modo, umas se apóiam nas outras, que duram anos, e constituem um bom emprego de capital. Porque não são tão baratos assim aqueles casebres e a pontualidade no pagamento é regra geral. A não ser os domingos, a Cidade Nova é sorumbática e cismadora, entre as suas montanhas e com a sua mediocridade burguesa (BARRETO, 1989, p. 66-67).

Levando-se em consideração que o subúrbio não era local digno das pessoas ilustres, muito menos das poderosas, Lima Barreto serviu-se dele para descentralizar o espaço e inserir os habitantes marginalizados na literatura. Pode-se inferir que essa atitude provocou reações em seus contemporâneos que, provavelmente, julgaram os enfoques do autor como menores ou menos importantes.

Assim, por meio da descrição humana e geográfica realizada pelo escritor, torna-se possível traçar um perfil fidedigno da população e da cidade do Rio de Janeiro, capital federal no início do século XX.

4.4.2 A situação da mulher

Ribeiro (2001, p. 32), no artigo intitulado “Numa e a ninfa”, revela que “há no romance de Lima Barreto um grande número de tipos interessantes, sempre verdadeiros. Edgarda, adúltera e talvez mais canalha que o marido, é a sua Ninfa Egéria, a encher-lhe a cornucópia de inspirações geniais”. Ainda nesse artigo, há uma de nota de referência com a seguinte informação:

Lima Barreto, em carta, defende Edgarda: “Não costumo discutir as críticas aos meus livros, nem devo. Mas permita, como todo o romancista que se preza, eu tenho amor e ódio pelos meus personagens.

Por isso eu pedia licença para protestar contra o qualificativo de velhaca que o senhor apôs à minha Edgarda. Eu não a quis assim. Ela é vítima de uma porção de influências sociais, de terrores em tradições familiares, quando aceita o casamento com o Numa. Depois... Nós, dado a fraqueza do nosso caráter, não podemos ter uma heroína de Ibsen e, se eu a fizesse assim, teria fugido daquilo que o senhor tanto gabou em mim: o senso da vida e a realidade circundante” (RIBEIRO, 2001, p. 32).

O fragmento supracitado é parte integrante da obra **Correspondência ativa e passiva** – Tomo II (BARRETO, 1961a, p. 32-33), que contém a correspondência pessoal de Lima Barreto. Esta carta foi enviada por Lima Barreto para João Ribeiro, datada de 3 de junho de 1917, e está integralmente transcrita no Anexo B.

A filha de Neves Cogominho, esposa do deputado Numa Pompílio de Castro, possuía cultura e inteligência superiores ao marido. No Conto, Gilberta estudou com “as irmãs de caridade de um colégio de Petrópolis” (BARRETO, 2010, p. 296), enquanto que, no Romance, Edgarda foi “educanda das irmãs de Botafogo” (BARRETO, 1989, p. 39).

Vale lembrar que, naquela época, somente as moças que pertenciam à classe rica podiam ter sua educação custeada pelos pais ou responsáveis. Segundo Barbosa (2001, p. 96-97), são “as personagens femininas, todas discretas, mas altivas e dignas, ainda que marcadas pela condição de inferioridade do sexo, na sociedade do tempo, fossem brancas ou negras”. Ainda sobre as mulheres, o autor afirma:

Se quisessem trabalhar, as pobres tinham poucas alternativas: emprego nas casas de famílias ricas, como domésticas, ou nas fábricas, como operárias. As mais beneficiadas chegariam a professoras públicas ou de piano, se não conseguissem um casamento rico (o que era quase impossível) ou resvassem para a prostituição (o que era a norma quase geral). Professora pública fora a mãe do escritor. Professora de piano será a única irmã, Evangelina (BARBOSA, 2001, p. 97).

Relativamente à educação, as moças podiam frequentar a “escola normal” com a finalidade de tornarem-se professoras. Praticamente, outras profissões

eram proibidas ou inadequadas e, raras vezes, alguma moça ousaria estudar para aventurar-se profissionalmente. Acrescenta-se que as escolas, que eram confessionais e seletivas, não absorviam toda a demanda de estudantes. Analisando este ato, Lima Barreto, na crônica “País rico”, parte integrante da obra **Marginália** (1961c), afirma:

Anualmente cêrca de duas mil mocinhas procuram uma escola anormal ou anormalizada, para aprender disciplinas úteis. Todos observam o caso e perguntam:

– Se há tantas mōças que desejam estudar, por que o govêrno não aumenta o número de escolas a elas destinadas?

O govêrno responde:

– Não aumento porque não tenho verba, não tenho dinheiro.

E o Brasil é um país rico, muito rico... (BARRETO, 1961c, p. 140).

Nesse fragmento, o escritor critica a educação direcionada às moças, sugerindo que elas deveriam “aprender disciplinas úteis”, não apenas querendo que o ensino fosse baseado em “aquilo que as irmãs ensinam; por exemplo: que o rio São Francisco nasce na serra da Canastra” (BARRETO, 2010, p. 297). Também, no Romance, o narrador registra o seguinte:

[...] Dona Edgarda costumava a velar, a animar a carreira política do marido, maternalmente.

Era a sua ambição que se realizava na celebridade do marido. Educanda das irmãs de Botafogo, ela não queria ficar atrás das outras e lembrava-se do que lhe dissera certo dia a irmã Tereza, com sua voz macia e aquele olhar inteligente que dava tanta vida à sua cútis de pergaminho:

– Veja só Edgarda, quase todos os homens importantes do Brasil têm se casado com moças educadas aqui. A mulher do Indalécio, o ministro da Justiça, foi nossa discípula; a Rosinha, que se casou com o Castrioto, do Supremo Tribunal, também; e a mulher do Almirante Chavantes? E a Laurentina? Como era bonita, meu Deus! Coitada! Essa morreu cedo, mas o marido foi longe. É rara, minha filha, a educanda nossa que não leva o marido longe.

Nunca se havia esquecido do que lera naquele palimpsesto debaixo de tais palavras; e casara, certa de que Numa ia fazer o seu nome ecoar por todo o país (BARRETO, 1989, p. 39-40).

Especificamente, em **Numa e a ninfa**, o Conto e o Romance, a personagem feminina Edgarda/Gilberta é, antes de tudo, uma articuladora que

providencia a escalada do marido na política, a fim de obter benefícios próprios e manter a “dinastia dos Cogominhos” (BARRETO, 2010, p. 295). Como exemplo do poder que ela exercia sobre o marido, veja-se a seguinte transcrição:

[...] Doutor, outra cousa: preciso do seu voto para serem rejeitadas as tais desaccumulações. Manuel não pode viver sem os vencimentos de professor...
 – Minha senhora...
 – Olhe, doutor, nós ficamos inimigos...
 – O povo...
 – Que tem o senhor com o povo? O povo não vale nada... Não vê como ele não quer Bentes, como se pudesse ter opinião dessas cousas. Não acha, Edgarda?
 – Olha, Anita, eu não sei bem se ele pode ter ou não.
 – Você é socialista. Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pode ter idéias tão estrambólicas. Então, doutor, como vota?
 – Minha senhora...
 – Seja franco: como vota?
 – Depende.
 – Edgarda, como vai votar o marido de você?
 – Isso é lá com ele; não tenho nada com isso.
 – Pois olhe, minha filha, não é o que dizem por aí.
 Numa e Edgarda entreolharam-se e Mme. Forfaible insistiu:
 – Quero uma resposta, doutor.
 – Minha senhora, voto com o *leader* (BARRETO, 1989, p. 151-152).

No diálogo transcrito, Mme. Ana Forfaible, jovem esposa do General Forfaible, buscou resposta à sua indagação e, ainda, expôs sobre a fama de Edgarda, ou seja, de que ela determinava as ações e palavras de Numa Pompílio, exercendo a função de uma verdadeira ninfa.

Cury (1981, p. 96) apresenta a seguinte consideração a respeito das mulheres no Romance **Numa e a ninfa**: “As mulheres do romance, quase todas de um estrato social elevado, movimentam-se num ambiente de corrupção e jogo de interesses, tentando conseguir para os maridos posições elevadas, cargos públicos, prestígio político”.

Vasconcellos (1999, p. 129), na obra **Entre a agulha e a caneta**: a mulher na obra de Lima Barreto, sobre algumas mulheres no Romance, assim se expressa:

Não é só Edgarda que se preocupa com o lugar ocupado pelo marido. Mariquinhas e Anita Forfaible, personagens de **Numa e a ninfa**,

conversavam sobre a situação política do país, não por serem mulheres politizadas, mas sim porque ansiavam saber a sorte profissional de seus respectivos cônjuges. A primeira desejava que ele fosse promovido e a segunda, apesar de já usufruir do cognome de 'general', queria o esposo ocupando o lugar de ministro ou qualquer outro de igual importância, uma vez que ambicionava receber as glórias correspondentes ao posto dele. Fazia tudo que estava ao seu alcance para que tal fato se concretizasse.

A autora afirma ainda:

Dona Alice, mãe do Senador Macieira, quase nada se sabe sobre sua viuvez, a não ser que, quase aos setenta anos, apaixonou-se por um jovem de vinte e poucos anos. [...] Carlota conhecera a personagem central do romance, Edgarda, quando menina, e “encontrara na moça uma amiga, uma protetora para os seus tristes dias de viúva pobre”. A viúva do Doutor Lopo Xavier requereu ao Congresso uma pensão, mas diziam-na rica: “O que ela quer é luxar... Não precisa... O que tem dá e sobra” (VASCONCELLOS, 1999, p. 157-158).

Algumas outras mulheres são relacionadas no Romance como, por exemplo: Dona Romana, tia de Edgarda; Ângela, esposa de Lucrécio Barba-de-Bode; Dona Florinda Seixas, fundadora da Sociedade Comemorativa do Falecimento do Almirante Constâncio, “após os trabalhos preliminares e obter auxílios dos poderes públicos, organizou o préstito mais votivo e comemorativo dentre os muitos que tem visto o Rio de Janeiro” (BARRETO, 1989, p. 187).

Evidencia-se que duas mulheres tinham especial ligação com Edgarda. A primeira, Dona Romana, sua tia-avó, cuidava do interior de sua casa, enquanto a esposa de Numa investia no exterior, configurando-se uma arrumação a ser exibida para os de fora. Esta característica estava presente também na sua relação com o marido, pois arranjava seus discursos para que os outros o promovessem.

A segunda personagem que se aproximava de Edgarda era a velha de 70 anos, Dona Alice, apaixonada por um jovem de 20 e poucos anos, estudante de Engenharia, que “recebia da família tudo de que necessitava: roupa, livros, dinheiro e corria que isso obtivera devido à paixão que inspirara à velha Dona Alice, mãe de Macieira Galvão, de quem se fizera amante” (BARRETO, 1989, p. 79). A aproximação das duas, Dona Alice e Edgarda, deu-se em função de serem

provedoras, respectivamente, para Felicianinho e Numa Pompílio, e ambas possuíam amantes.

Vasconcellos (1999), no que tange aos papéis tradicionais de condução do lar, esclarece que Edgarda, a esposa, conduzia seu lar e a carreira do marido, enquanto este, mansamente, sorvia e vivia sob as ordens e decisões dela. As transcrições abaixo trazem a análise de Vasconcellos e uma comprovação textual do Romance:

Neste relacionamento os papéis encontram-se trocados: indiretamente, ela o domina, é a dona da situação. Aborrecida com a obscuridade do cônjuge, estimula-o a falar em público, mesmo reconhecendo-o incompetente. Propõe-se a preparar o discurso, e este será posteriormente decorado e lido por ele (VASCONCELLOS, 1999, p. 123).

– É preciso aparecer, Numa!

Com preguiça e mansidão, o marido objectou:

– Para que, Edgarda? Para que? Há lá tanta gente inteligente que não preciso incomodar-me.

– Eu, fez ela, se estivesse no caso de você, por isso mesmo é que incomodava. Você tem vergonha?

– Não, ao contrário; sou até desembaraçado, mas... mas... preciso estudar.

– Pois então estude! Que dificuldade há? Você porque não experimenta? Não se discute a tal questão do novo Estado?

[...]

A peça oratória foi assim composta; e, na redação final, Numa ficou muito contente com a habilidade da mulher. [...]

Obtida a aprovação do sogro, Numa estudou o discurso como se fosse um papel de teatro. Não era sem antecedentes o processo; e ele o soube empregar magnificamente, pois a Câmara admirou-o e o seu sucesso foi grande e notado em toda a cidade (BARRETO, 1989, p. 26-27).

De maneira contundente, Edgarda estava à frente de seu lar e do marido Numa Pompílio. Ela mantinha a ordem do casarão de sua família, promovia visitas sociais, providenciava os discursos do marido e exibia-se como mulher de político vencedor.

Enquanto Edgarda, já casada, mantinha um relacionamento com seu primo, Lima Barreto observou que, generalizadamente, as moças enamoradas eram controladas pelos pais e, muitas vezes, vigiadas pelos bisbilhoteiros da população. Em relação ao controle obsessivo da família, o fragmento a seguir mostra essa imposição:

[...] O namoro, como em toda a parte, impera; é feito, porém, com tantas precauções, é cercado de tanto mistério, que fica tendo o amor, além da sua tristeza inevitável, uma caligem de crime, de cousa defendida. Por parte dos pais, dada a sua condição, há o temor de sedução, da desonra e a vigilância se opera com redobrado vigor sobre as filhas; e, para vencê-la, há os processos avelhantados da linguagem das flores, dos meneios do leque e da bengala, e o geral aos bairros do “abarracamento” (BARRETO, 1989, p. 67).

Naquela época, as moças eram cortejadas e os namoros aconteciam. Os cuidados familiares tentavam protegê-las para que não fossem enganadas, não ficassem com fama de muito namoradeiras, nem ficassem velhas demais para o casamento. O risco, contudo, de tornarem-se amantes não era descartado.

O grande amor no Romance foi revelado entre Edgarda e Benevenuto, que eram parentes, mas somente descobriram a atração recíproca após o casamento dela com Numa Pompílio. A situação era irreversível, pois Edgarda não sairia de um casamento que lhe rendia reconhecimento, situação aliada à condição de Benevenuto, que “não fazia versos nem cousa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada” (BARRETO, 1989, p. 58), como se pode observar a seguir:

[Benevenuto] pudera ter-se casado com a prima; teria evitado aquele amor às furtadelas; mas não só, quando solteira, passou por junto dela e não a notou, como também percebia que, se o houvesse feito, não teria por ela a ternura de hoje. Não seria a mesma; o casamento tirou-lhe ou lhe deu alguma cousa, e isso que lhe tirou ou lhe deu, é que o atraía para ela (BARRETO, 1989, p. 191).

Benevenuto, apesar de não ter profissão definida, foi descrito de maneira singular para justificar a sua facilidade em escrever os discursos para Numa Pompílio, marido de Edgarda, com as seguintes palavras:

Não tinha isso [não fazer nada] como sistema e até estimava que os outros fizessem. Era o seu modo de viver, modo seu, porque se julgava defeituoso de inteligência para fazer qualquer cousa e inútil fazê-la desde que fosse defeituoso. Gastara uma parte da fortuna em prodigalidades e ações vulgares e ganhara a fama de extravagante. Moço, ilustrado, ao par de tudo, rico ainda, podia bem viver fora do Rio, mas dava-se mal fora dele, sentia-se desarraigado, se não respirasse a

atmosfera dos amigos, dos inimigos, dos conhecidos, das tolices e bobagens do país. Lia, cansava-se de ler, passeava por toda a parte, bebia aqui e ali, às vezes mesmo embebedava-se, ninguém lhe conhecia amores e as confeitarias o tinham por literato (BARRETO, 1989, p. 58).

Se, por comodidade, o casamento de Edgarda e Numa Pompílio não poderia ser desfeito, também ela e Benevenuto não sobreviveriam longe um do outro, sem a prática do adultério.

No Romance **Numa e a ninfa**, há alguns casos extraconjugais, mas o mais impactante acontecia entre Edgarda e Benevenuto, que mantinham um relacionamento discreto e sigiloso. Vasconcellos (1999, p. 266-267), sobre o tema, enfatiza:

A personagem [Edgarda] não encontrou em seu marido [Numa Pompílio] nada do que procurava. Numa não era inteligente nem ambicioso e se não fosse o desejo de notoriedade de Edgarda, ele não ambicionaria ser mais que um deputado. Não era isto que ela queria. O seu empenho em fazê-lo progredir politicamente era tão visível que – dizia-se no ambiente em que circulavam –, ele não tomava nenhuma decisão sem consultá-la. [...] Decepcionada com o casamento, tem a ousadia de ir procurar em outro homem aquilo que não havia encontrado no marido. Com Benevenuto, sente-se mais feminina; em nada é superior a ele, homem inteligente, independente, que realmente a amava e lhe dedicava ternura. Talvez, nesse relacionamento o narrador de Lima Barreto represente o ideal de uma união para o intelectual. Edgarda era instruída, inteligente, saberia compreender seu companheiro e lhe proporcionar o ambiente doméstico necessário para que ele pudesse produzir, sem contudo ser superior a ele.

A autora afirma ainda que:

O adultério, por parte da esposa, não constituía somente uma violação a padrões morais e religiosos. Expressava também um ato de rebeldia. Edgarda, em âmbito geral, vingava as mulheres oprimidas em seus casamentos onde normalmente o que encontram é a decepção; em âmbito particular, rompe com as estruturas sociais e vingava-se da mediocridade de Numa, ferindo-o naquilo que era considerado na sociedade de então fator de importância fundamental na vida do homem – sua honra. Numa era tão mesquinho e oportunista que, ao saber do fato, prefere ignorá-lo, pois, caso o adultério de sua mulher se tornasse público, ele teria de tomar uma atitude, o que o levaria a perder seu prestígio social e brilho político, já que seus discursos e suas opiniões em plenário tinham sido sempre orientados por Edgarda, melhor

dizendo, toda a sua carreira política tinha sido feita por meio dos conselhos que Edgarda recebia de Benevenuto.

[...]

A moral da época aceitava o relacionamento extramatrimonial masculino, mas condenava inapelavelmente a mulher adúltera. Lima Barreto, ao fugir a este padrão, denuncia esta assimetria comportamental e assegura igualdade a Edgarda (VASCONCELLOS, 1999, p. 269, 271).

Com a descoberta e confirmação do adultério entre Edgarda e Benevenuto, Numa Pompílio deveria ou poderia tomar uma atitude de denunciar e sair-se como o traído, o coitado, o enganado. Ao contrário, decidiu calar-se para continuar sendo beneficiado em sua carreira política.

Para finalizar o assunto relacionado à mulher, sem, contudo, esgotá-lo, Edgarda tornou-se a personagem símbolo, que participou desde o título até a cena final do Romance, sobressaindo-se como mentora de Numa, assumindo, definitivamente, seu papel de perfeita ninfa.

4.4.3 A mentalidade do alto funcionalismo

Numa Pompílio de Castro, os militares e os funcionários burocratas são os representantes do alto, que buscavam, insistentemente, manter-se no poder. Numa Pompílio, bacharel em Direito, galgou posições políticas, desde sua formatura, apoiado em indicações de pessoas influentes. Inicialmente, foi nomeado chefe de polícia, depois, passou pelo cargo de deputado estadual até chegar a deputado federal; contudo, sonhava com o ministério e a presidência, pois, para ele, não havia impedimentos que o bloqueassem na escalada do poder.

Beiguelman (1981, p. 102-103) analisa os bastidores da política denunciada no Romance e, na obra **Por que Lima Barreto**, afirma:

Toda a alvoroçada sessão é descrita de maneira estupendamente hilariante com o discurso do deputado Júlio Barroso perturbado pelo pipocar de “apartes políglotas”, em meio seja a risadas, seja a palmas e vivas da claque disposta nas galerias e obediente a sinais convencionados. [...] A certa altura, Júlio Barroso, protestando contra a contínua interrupção a que o submetiam, alude aos “parentes das influências poderosas” que podiam recitar livremente seus discursos. O

deputado Numa sente-se atingido e pede a palavra para uma explicação pessoal. Contudo, depois de breves frases, alega mal-estar, como no conto, e segue para casa. O desenlace é, em essência, igual ao do conto. Neves Cogominho, o sogro, provavelmente conseguiu, através de acordos, ser um dos raríssimos que, na sua região, sobrenadaram na avalanche das salvaçãoes. Garantira, pois, o futuro político do pusilânime genro – que, por isso mesmo, não podia ser poupado da punição romanesca.

As arrumações ajeitadas, a segurança da manutenção do *status*, o apoio incondicional de poderosos, bem como a ausência da capacidade pessoal e as providências especialíssimas de Edgarda, faziam Numa Pompílio triunfar em sua carreira, mantendo-se no cenário político do início do século XX.

Quanto aos militares, Lima Barreto denunciou o protecionismo na concessão de benefícios, a extensão deles para seus familiares, bem como o “jeitinho” de sua continuidade, apesar de se burlar a legislação. Há denúncia incisiva, sobretudo, recaindo sobre os militares políticos e suas amplas convicções. Estas observações podem ser verificadas nos seguintes fragmentos do Romance:

[...] Haveria uma revolução? Mas não podia haver! Deviam estar satisfeitos os militares. A recomendação era dar-lhes tudo. Não tinham? O montepio das filhas que deviam perder ao casar, não ficava com elas depois do matrimônio? Queriam mais postos? A reforma não se fizera? As suas viúvas não viviam em casas do Estado sem pagar aluguel? Os seus filhos não tinham um luxuoso colégio de graça? Mas seria mesmo revolução?... Quem seria vencedor, se houvesse uma? Era preciso adivinhar. Mas como adivinhar, meu Deus? Quem estava garantido em um país desses? Quem? (BARRETO, 1989, p. 47).

[...] Há, porém, entre os militares uma corrente mais forte que a daqueles que querem um exército adestrado, automático, garboso e eficiente; é a dos políticos. Não que eles sejam eleitores ou deputados; o que eles são é crentes nas virtudes excepcionais da farda para o governo e para a administração. A farda, a longa e pesada tradição que representa e evoca, promete muito a todos que a vestem; e os militares não pesam os meios de que dispõem para realizar esse muito que lhes é prometido. Para eles, o uniforme dá qualidades especiais; todos são honestos, todos são clarividentes, todos são enérgicos. A tradição de Floriano, sempre mal analisada e sempre falseada em grandeza e poder, muito concorre para isso e faz repercutir no povo a concepção quarteleira (BARRETO, 1989, p. 140).

A personagem Raimundo Costale, ou Xandu, era o ministro do Fomento Nacional (BARRETO, 1989, p. 118), um dos representantes do alto funcionalismo.

Ele ouviu de Bogóloff toda a sua proposta para a pecuária no Brasil. Antes, porém, valorizou suas atividades ou expedientes, enumerando-os do seguinte modo:

Acolheu-o Xandu com uma certa frieza, mas, desde que leu a carta, fez-se prazenteiro e amável:

– Oh, doutor! Desculpe-me! Desculpe-me! Já me havia esquecido do senhor... Não sabe como ando atarefado. Hoje já assinei 1.557 decretos... Sobre tudo! Sobre tudo! Neste país tudo está por fazer! Tudo! Em dias, tenho feito mais que todos os governos deste país! Já assinei 2.725.832 decretos, 78.345 regulamentos, 1.725.384.671 avisos... Um trabalho insano! Fala inglês?

– Não, Excelência.

– Eu falo. Desde que o falei com desembaraço, as minhas faculdades mudaram. Penso em inglês, daí me veio uma salutar reação que me interessou todo inteiro. Gosto muito do inglês, com o sotaque americano. Experimente... Nascimento! (gritou para o secretário) já temos aquele regulamento sobre a ‘postura’ de galinhas? (BARRETO, 1989, p. 133).

Outra significação assume a palavra na expressão “viver de expedientes”. Lucrécio Barba-de-Bode foi identificado pelo autor como seu legítimo representante, que, mais tarde, também influenciou o Dr. Bogóloff. As transcrições que se seguem comprovam, respectivamente, o viver de expedientes dessas duas personagens:

Vivia de expedientes, de pedir a este ou àquele, de arranjar proteção para tavolagens em troca de subvenções disfarçadas. Sentia necessidade de voltar ao ofício, mas estava desabitado e sempre tinha a esperança de um emprego aqui ou ali, que lhe haviam vagamente prometido. Não sendo nada, não se julgava mais operário; mesmo os de seu ofício não o procuravam e se sentia mal no meio deles. Passava os dias nas casas do Congresso; conhecia-lhes o regimento, os empregados; sabia dos boatos políticos e das chicanas eleitorais. Entusiasmava-se nas cisões por ofício e necessidade. Era este o Lucrécio (BARRETO, 1989, p. 44).

[...] Faça o orçamento.

Não se demorou muito Bogóloff em organizá-lo com todo o capricho. Nele, além de muitas cousas, exigia dez auxiliares hábeis, práticos e sabidos na bioquímica, os quais deviam ser contratados na Europa; exigia também um numeroso pessoal subalterno; pedia uma fazenda e uma grande verba para material e aparelhos. [...] da Estação Experimental de Reversão Animal e Quadruplicação dos Bois (BARRETO, 1989, p. 153-154).

Diferentemente de Lucrécio, o doutor Bogóloff participava do alto funcionalismo, pois tornara-se Diretor da Pecuária Nacional e precisava orçar um vultuoso plano, fato que confirma a permissividade governamental em gastar com ideias extravagantes, desde que desse crédito à autoridade que as tornaram públicas.

Sobre os políticos do início do século XX, Sevcenko (1983) afirma que estavam em busca de benefícios particulares, não se importando com a coletividade. As seguintes transcrições mostram a teoria de Sevcenko e a comprovação textual no Romance:

[...] as “elites políticas”, entregues a uma luta brutal pelos cargos, à farta distribuição de “comissões” aos seus apaniguados, ao cultivo desvelado do nepotismo [...] Para Lima Barreto, a política nacional tinha dois objetivos exclusivos: “1) fazer fortunas; 2) não ter nenhum propósito de favorecer a comunhão geral” (SEVCENKO, 1983, p. 188-189).

[...] enquanto Numa sentado à cadeira de balanço, fumava, vendo desfazer-se a mesa do almoço. Essas reviravoltas, essas contramarchas na política, ele ainda não sabia adivinhar. Às vezes estava na votação de um projeto; outras vezes, na notícia de um jornal; outras vezes em um boato, de forma que não sabia se à sua inexperiência ou outra qualquer coisa devia atribuir essa falta de acuidade para descobri-las.

Ainda ontem saíra da Câmara e nada vira, nada notara de extraordinário, a não ser um tenente do seu Estado a conversar à parte com um deputado veterano. Vira-os, lembrava-se de que quase sempre confabulavam; mas agora é que notava os reiterados encontros de ambos e o cuidado que tinham em falar baixo, quando se acercava deles. Haveria uma revolução? Mas não podia haver! Deviam estar satisfeitos os militares. A recomendação era dar-lhes tudo. Não tinham? O montepio das filhas que deviam perder ao casar, não ficava com elas depois do matrimônio? Queriam mais postos? A reforma não se fizera? As suas viúvas não viviam em casas do Estado sem pagar aluguel? Os seus filhos não tinham um luxuoso colégio de graça? Mas seria mesmo revolução?... Quem seria vencedor, se houvesse uma? Era preciso adivinhar. Mas como adivinhar, meu Deus? Quem estava garantido em um país desses? Quem? O imperador, um homem bom, honesto, sábio, sem saber porque, não foi de uma hora para outra tocado daqui pelos batalhões? Quem podia contar com o dia de amanhã? Ele, Numa? Julgara isto até ali, mas via bem que não. Só havia um alvitre; ir para fora e esperar que as cousas se decidissem, aderindo, então, ao vencedor. Seria bom.

A sua vontade era esta, mas... o seu sogro havia de indicar-lhe o caminho. Tinha experiência dessas cousas (BARRETO, 1989, p. 47).

Numa Pompílio, os militares e o alto funcionalismo confirmam que tudo servia para a manutenção cômoda de poder, instalada junto aos poderosos da

política que asseguravam seus mandatários coligados, ou seja, o jogo do poder fazia-se presente em detrimento de melhorias para a população.

4.4.4 A falsidade dos doutores

Doutor poderia ser qualquer possuidor de diploma do ensino superior ou alguém que gozasse de prestígio e fosse autoridade sobre os demais. Sevckenko (1983, p. 180) esclarece que “os agraciados, investidos dos papéis, dotados dos objetos ou possuidores dos títulos, convenciam-se de compartilhar de uma existência superior”. Comprovadamente, cada “doutor” sentia-se superior aos demais e exibia sua titulação com a finalidade de obter benefícios próprios.

Cury (1981, p. 173), sobre o critério de utilização do tema na obra, menciona que “a crítica aos doutores e bacharéis comumente na obra de Lima Barreto vem ligada à facilidade com que estes, com a titulação, conseguem um lugar à sombra do poder, honrarias, prestígio, dinheiro”.

Nas obras sob análise, vários doutores e/ou bacharéis povoam as obras. O mais famoso e que denomina os títulos homônimos é Numa Pompílio, o primeiro a ser apresentado, expondo suas raras habilidades no seguinte fragmento:

Numa Pompílio de Castro, a recente glória da tribuna política nacional, [...] fizera-se bacharel em Direito, à custa das maiores privações. [...] Viu a formatura, o doutorado isto é, ser um dos brâmanes privilegiados, dominando sem grande luta e provas de valor, pois, com ele, afastava uma grande parte dos concorrentes.

O filho do escriturário, desprezado pelos doutores, percebeu que era preciso ser doutor fosse como fosse.

[...]

O jovem Numa não separava o conceito das disciplinas do da formatura; Economia Política, Direito Romano, Finanças e Medicina Legal não respondiam a certas necessidades da comunhão humana; e, se tais matérias foram criadas, descobertas ou inventadas, o foram tão-somente para fabricar bacharéis em Direito. Com as outras carreiras, acontecia o mesmo (BARRETO, 1989, p. 17-18).

Pereira (2001, p. 52-53), no artigo intitulado “A máscara do Dr. Bogóloff”, tece comentários a respeito da obra **Aventuras do Dr. Bogóloff**, bem como da personagem Dr. Bogóloff, inclusa em **Numa e a ninfa**, o Romance:

Estas Aventuras teriam sido redigidas em forma de memórias, na primeira pessoa. Gregory Petrovich começa a narrativa recordando a sua juventude em Kazan, as leituras na loja do pai, o curso na Universidade, as trapalhadas do atentado e da sua prisão, as caminhadas de cidade em cidade, a morte do pai, o embarque em Odessa para o Brasil, as peripécias da viagem até o Rio de Janeiro e a ida e permanência no colonial. Daí por diante, desde o diálogo com o intérprete até à sua nomeação para o diretor da Pecuária Nacional, é tudo reprodução literal, com uma ou outra ligeira modificação, daquilo que se encontra em **Numa e a Ninfa**.

E ainda:

Em **Numa e a Ninfa** há certo personagem que me parece muito importante, não tanto pela sua participação ativa no desenvolvimento do romance, mas sobretudo por aquilo que a sua figura nos mostra de típico na tendência satírica e caricatural por vezes tão acentuada na obra de Lima Barreto. Trata-se de um estrangeiro, um russo, chamado Gregory Petrovich Bogóloff (a grafia é do romancista), ou simplesmente Dr. Bogóloff. [...] Gregory Petrovich, misterioso doutor de Kazan, cultivador perdido nas brenhas brasileiras, ia sendo modelado pela garra do caricaturista, que pretendia fazer grandes coisas com ele. De nada valeu, com efeito, a sua obstinação em permanecer no amanho da terra. Desprezando no momento os maus conselhos do outro, ele prosseguiu afincadamente a plantar e a colher, com sorte vária, um ano, dois, três anos... Na verdade, não era tanto o gosto da terra que o movia a tamanho esforço; o que ele antes de tudo desejava era anular-se. Mas, fosse porque fosse, o caso é que por fim desistiu mesmo de tudo (PEREIRA, 2001, p. 52-53).

A personagem Grégory Petróvich Bogóloff, presente em **Aventuras** e no Romance, também é doutor formado em seu país de origem e foi apresentado em **Numa e a ninfa**, o Romance, com as seguintes palavras:

Nascera em Cazã, na Rússia, onde seu pai tinha um ‘sebo’ que lhe dava poucos recursos necessários à subsistência de ambos. Aquele contacto com os livros, desde quase o seu nascimento, dera-lhe ‘fumaças’ e a inaptidão do intelectual de origem obscura para o esforço

seguido, quando se choca com o meio naturalmente hostil. Fez o seu curso na Faculdade de Línguas Orientais, da universidade em que Lobatchévski afirmou, com rara coragem intelectual e grande vigor, que, por um ponto fora de uma reta se podiam tirar várias paralelas a essa reta (BARRETO, 1989, p. 156).

Retomando a citação de Pereira (2001), ou seja, que Bogóloff queria anular-se, coube ao romancista situá-lo no Rio de Janeiro, próximo a Lucrecio Barba-de-Bode. Este hospedeiro, “instrumento cego do destino, ia abrir-lhe as portas da grande aventura” (BARRETO, 1989, p. 54). Em princípio, quando de sua chegada ao Brasil, teve a sentença do homem da polícia marítima que “estes nomes em ‘itch’, em ‘off’, em ‘ski’, polacos e russos, quando não são de ‘caftens’ são de anarquistas” (BARRETO, 1989, p. 115). Ciente de que não era *caften*, restou-lhe a condição de ser anarquista e, por causa dela, fugiu da Rússia.

O doutor Bogóloff, já instalado no Brasil e trabalhando em plantio, teve auxílio de um intérprete, orientando-o na vida brasileira. O diálogo que se segue, para além de demonstrar a crítica aos doutores, assume, também a valorização do importado e, conseqüentemente, denuncia o nacional, que aceita tudo e todos:

- És tolo, Bogóloff; devias ter-te feito tratar por doutor.
- De que serve isso?
- Aqui, muito! No Brasil, é um título que dá os direitos, toda a consideração... Se te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferramentas e sementes. Louro, doutor e estrangeiro, ias longe! (BARRETO, 1989, p. 73).

O doutor Bogóloff sobreviveu de expedientes no Brasil, conquistando um alto cargo no funcionalismo público, ou seja, foi nomeado diretor da Pecuária Nacional. Valendo-se de sua posição de destaque, conseguia privilégios, conforme demonstra o fragmento a seguir:

O doutor Bogóloff não podia deixar de aceitar o convite. Lançara-se nas altas camadas, esperava tirar delas os melhores proveitos e o momento era azado para estreitar o conhecimento com aquela alta autoridade (doutor Chaveco, o chefe de polícia) que tão obsequiosa se mostrava (BARRETO, 1989, p. 113).

A personagem doutor Bogóloff foi caricatural, demonstrando, exageradamente, suas ideias e tendências, com a finalidade de provocar e estabelecer a sátira, bem como denunciar os recursos desonestos que movimentaram suas aventuras. Marginalizado socialmente por ser imigrante pobre, passou a viver de expedientes, por necessidade de sobrevivência, como se pode verificar nos fragmentos a seguir:

Não se demorou muito Bogóloff em organizá-lo (o orçamento) com todo o capricho. Nele, além de muitas cousas, exigia dez auxiliares hábeis, práticos e sabidos na bioquímica, os quais deviam ser contratados na Europa; exigia também um numeroso pessoal subalterno; pedia uma fazenda e uma grande verba para material e aparelhos (BARRETO, 1989, p. 153-154).

– Estudei sempre as experiências feitas para reproduzir artificialmente o protoplasma e as figuras carioquinéticas, a ação dos agentes físico-químicos sobre a estrutura e os movimentos das plastidas; as relações do núcleo e do citoplasma; as modificações experimentais da mitose e a segmentação do óvulo (BARRETO, 1989, p. 200).

Ainda a respeito da personagem doutor Bogóloff, Pereira (2001, p. 57) assinala que “o seu problema pessoal consistia simplesmente em vencer-se a si mesmo, anulando-se, isto é, anulando e apagando dentro de si toda inquietação inútil e toda a filosofia”. Aprendeu nos livros do sebo paterno, estudou em Universidade, que era foco de revolucionários, e frequentou os meios subversivos que o levaram à cadeia, junto com os outros, por suspeitas de conivência em um atentado terrorista. Foi solto, porém, por falta de provas, então decidiu mudar-se da Rússia. O autor, sobre a caricatura em Bogóloff, afirma:

No fim das contas, vamos descobrir que a caricatura em Bogóloff é menos uma deformação ridícula da sua própria fisionomia do que uma máscara afivelada na sua cara. Por baixo da máscara percebe-se facilmente que há uma cara de traços regulares, marcados apenas pelo sofrimento e pelo desgano precoce (PEREIRA, 2001, p. 57).

Outro doutor mencionado no Romance, com graduação diferente de bacharel em Direito, tinha uma coleção de batráquios e, “em matéria de amor, era

curioso. Não conquistava, não namorava, não ‘flirtava’, não amava: comprava” (BARRETO, 1989, p. 85). O médico e ex-ministro Martinho foi apresentado pelo autor com algumas características de poder. O fragmento que se segue comprova a exposição:

Martinho era uma das culminâncias da política republicana. Não era só a sua fama de talento e a grande reputação de clínico que lhe davam um grande prestígio; concorria também para isso a estranheza de sua vida e dos seus gostos.

[...]

Moço, trabalhara muito: e feio, vivera sempre à parte das mulheres. Chegando à grandeza, à riqueza, vingava-se, tratando a metade da espécie com mais desprezo que os sapos dos seus tanques.

Por vezes, sentia nervoso do seu proceder e o arrependimento vinha todo carregado de ingênuas manifestações sentimentais. Foi talvez em uma dessas crises que, quando ministro, o fez determinar que o busto da República, mandando esculpir para o seu gabinete, tivesse a feição de uma das suas amantes mortas (BARRETO, 1989, p. 85-86).

Alguns outros bacharéis e doutores são mencionados, como o Dr. Francisco Cutiaçu (BARRETO, 1989, p. 130-131), que esperava uma oportunidade de ser colocado no cenário político. O Dr. José Dias Chaveco (BARRETO, 1989, p. 104), que foi nomeado chefe de polícia, apesar de sua maneira caipira de falar. Respectivamente, os fragmentos a seguir podem comprovar a denúncia de arranjos, inclusive para os denominados doutores:

– Pobre Chiquinho! Tão amigo, tão dedicado, tão leal! Quer ser deputado e eu lhe prometi que o faria; mas não sei por onde! Pelo meu Estado não é possível, o Chico diz que a vaga que vai haver, é para o Nunes. O Chico é muito caprichoso e eu não gosto de contrariá-lo.

[...]

Ele conhecia muito pouco o Chiquinho, ou, antes: o doutor Francisco Cutiaçu, bacharel em Direito, com um emprego qualquer, e mais nada (BARRETO, 1989, p. 130-131).

Com a resignação do presidente, houve grande mudança nos altos cargos políticos; essa mudança, porém, não se deu imediatamente.

[...]

Quanto à de chefe de polícia, o novo executivo reservara a nomeação para si. Escolheu entre os seus amigos um velho compadre roceiro, arruinado, que precisava dos proventos do cargo para resgatar hipotecas. Era o doutor José Dias Chaveco, mais conhecido por Juca Chaveco, que, naquele instante, expunha a Bogóloff as suas doutrinas policiais:

– Quá retrato, doutô! Quá nada! Se arguém viu, o marvado pode sê preso, mas se não viu – quá! só se outro vié contá (BARRETO, 1989, p. 103-104).

A falsidade dos doutores é uma denúncia de que estes não eram detentores do saber, mas sabiam tirar proveito de situações, oportunidades, cargos ou pessoas.

4.4.5 As mazelas do governo

Antes de apontar algumas mazelas no hipertexto, será inserido o texto “A política republicana”, escrito por Lima Barreto e publicado em **Marginália** (1951c). Nesse artigo, houve a retomada do tema política, poucos anos após a escrita de **Numa e a ninfa**, o Romance. Apresenta-se a transcrição do artigo em que se pode verificar a “comilança” generalizada:

Não gosto, nem trato de política. Não há assunto que mais me repugne do que aquilo que se chama habitualmente política. Eu a encaro, como todo o povo a vê, isto é, um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados que exploram a desgraça e a miséria dos humildes.

Nunca quereria tratar de semelhante assunto, mas a minha obrigação de escritor leva-me a dizer alguma coisa a respeito, a fim de que não pareça que há medo em dar, sôbre a questão, qualquer opinião.

No império, apesar de tudo, ela tinha alguma grandeza e beleza. As fórmulas eram mais ou menos respeitadas; os homens tinham elevação moral e mesmo, em alguns, havia desinterêsse.

Não é mentira isto, tanto assim, que muitos que passaram pelas maiores posições morreram pobríssimos e a sua descendência só tem de fortuna o nome que recebeu.

O que havia nêles, não era a ambição de dinheiro. Era, certamente, a da glória e de nome; e, por isso mesmo, pouco se incomodariam com os proventos da ‘indústria política’.

A república, porém, trazendo à tona dos podêres públicos, a bôrra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os ‘arrivistas’ se fizeram políticos para enriquecer.

Já na Revolução Francesa a coisa foi a mesma. *Fouché*¹³, que era um pobretão, sem ofício nem benefício, atravessando tôdas as vicissitudes da Grande Crise, acabou morrendo milionário.

Como êle, muitos outros que não cito aqui para não ser fastidioso.

Até êste ponto eu perdôo tôda a espécie de revolucionários e derrubadores de regimens; mas o que não acho razoável é que êles queiram modelar todas as almas na fôrma das suas próprias.

A república no Brasil é o régimen da corrupção. Tôdas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja dêles e, para que não haja divergências, há a 'verba secreta', os reservados dêste ou daquele ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência.

A vida, infelizmente, deve ser uma luta; e quem não sabe lutar, não é homem.

A gente do Brasil, entretanto, pensa que a existência nossa deve ser a submissão aos Acácios e Pachecos, para obter ajudas de custo e sinecuras.

Vem disto a nossa esterilidade mental, a nossa falta de originalidade intelectual, a pobreza da nossa paisagem moral e a desgraça que se nota no geral da nossa população.

Ninguém quer discutir; ninguém quer agitar idéias; ninguém quer dar a emoção íntima que tem da vida e das coisas. Todos querem 'comer'.

'Comem' os juristas, 'comem' os filósofos, 'comem' os médicos, 'comem' os advogados, 'comem' os poetas, 'comem' os romancistas, 'comem' os engenheiros, 'comem' os jornalistas: o Brasil é uma vasta 'comilança'.

Êste aspecto da nossa terra para quem analisa o seu estado atual, com tôda a independência de espírito, nasceu-lhe depois da república.

Foi o novo *regímen* que lhe deu tão nojenta feição para os seus homens públicos de todos os matizes.

Parecia que o império reprimia tanta sordidez nas nossas almas.

Êle tinha a virtude da modéstia e implantou em nós essa virtude; mas, proclamada que foi a república, ali, no Campo de Sant'Ana, por três batalhões, o Brasil perdeu a vergonha e os seus filhos ficaram capachos, para sugar os cofres públicos, desta ou daquela forma.

Não se admite mais independência de pensamento ou de espírito.

Quando não se consegue, por dinheiro, abafa-se.

É a política da corrupção, quando não é a do arrôcho.

Viva a República! (BARRETO, 1961c, p. 78-80).

O tema "política" é recorrente na obra de Lima Barreto, que, insistentemente, desabrochava em uma linguagem acessível à população e, ao mesmo tempo, debochava de toda a situação narrada, na tentativa de levar ao

¹³ Joseph Fouché (1763-1820) viveu todo o processo da Revolução Francesa. Para Napoleão Bonaparte, Fouché era o "único e verdadeiro traidor". "Em 1792, Fouché foi eleito para a Convenção Francesa, pelos burgueses de Nantes. Era um moderado, mas à última hora votou pela morte do Rei e foi o mais radical dos comissários jacobinos, recebendo, por seu fervor revolucionário à frente do pro-consulado, a sugestiva alcunha de 'carniceiro de Lyon'. Dois anos depois, foi um dos maestros, se não o principal deles, do 9 Termidor e do fim de Robespierre. Depois de algum tempo no ostracismo, em que tratou de enriquecer, tornou-se embaixador e ministro da polícia do Diretório, conduzido por Barras, a quem depois trairia. Neste período, fecha em definitivo o clube dos jacobinos, do qual fora presidente" Disponível em: <<http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=177>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

leitor a informação dos acontecimentos presentes no poder. Apesar da passagem de tempo – **Numa e a ninfa**, o Romance, de 1915, e o artigo “A política republicana”, de 1918 –, o quadro de permissividades parecia inalterado e, desta maneira, também comprovava a denúncia do autor.

Retomando o Romance **Numa e a ninfa**, Tristão de Ataíde (2001, p. 62), no artigo intitulado “Lima Barreto”, assevera:

No mesmo ano em que vinha a lume o **Policarpo Quaresma** escreveria para **A Noite** novo romance – **Numa e a Ninfa**. É o menos pessoal de seus livros, e por isso o mais frio e desinteressante. Impiedoso como os demais, traça aí uma áspera e vigorosa caricatura de nossos meios políticos, em outro momento capital de nossa vida republicana – a candidatura militar. A figura de Numa, aliás, é fixada com extrema veracidade, com esse poder incomparável que teve de reviver em seus tipos a mediocridade irremediável do homem comum, que é em geral o vencedor nessa comédia que vivemos.

A respeito das mazelas do governo republicano, Sevckenko (1983, p. 169) salienta que “Lima Barreto não se cansa de causticá-las por toda a sua obra” uma vez que o autor “não perde a oportunidade de denunciar o grau desmoralizante de corrupção política e econômica que empesteava o regime”. Em um governo, que proporcionava escalada política dos “apaniguados”, as nomeações eram fartas e promovidas por quaisquer figurões, direta ou indiretamente, uma vez que a troca de favores era comum. Os fragmentos que se seguem comprovam a observação:

[...] Tola, disse ele (Benevenuto), beijando-a (Edgarda): ele quer é deslocar teu pai.
 – Como?
 – É muito simples. Quem dá prestígio a teu pai?
 – O partido... Os eleitores...
 – Que eleitores! É o governo federal! Que faz Salustiano? Adere a Bentes, desde já; blasona influência; Bentes fica amigo dele; faz-se presidente e transfere o apoio a Salustiano. Admira de que não tenhas visto isto logo!
 – Desconfiava, mas...
 – Pensavas que Bentes tinha que contar com teu pai?
 – Era isso.
 – Tinha, não há dúvida; mas não tem. Teria se fosse candidato normal, então trocariam favores; mas Bentes, de qualquer modo, sobe por uma revolução. Dispensa eleição, Congresso, etc. É o que diz Inácio Costa e é o que se está passando.
 [...]

– Precisa manha, meu amor. O que teu pai deve fazer e os outros também é fingirem grande dedicação a Bentes, fazê-lo prisioneiro, simular admiração, pelos seus talentos e convencê-lo de que é normal a sua ascensão. Mas, para isso devem exagerar, exagerar tudo, o prestígio que têm.

– Como?

– Com telegramas, retratos nos jornais, artigos, manifestações... Queres saber de uma cousa?

– Que é?

– Desde já vocês devem tratar de organizar uma manifestação a teu pai (BARRETO, 1989, p. 91-92).

Com a resignação do presidente, houve grande mudança nos altos cargos políticos; [...] Davam-se vagas e era uma dificuldade preenchê-las. Acontecia que nem sempre o candidato de Bastos era de Bentes; e, às vezes, o de Bastos era inimigo de Bentes e o de Bentes era inimigo de Bastos, cousa vulgar. Um único obtivera a concommitância dos dois poderosos padrinhos, fora Xandu que estava à espera de deixar o antigo a pasta para ocupá-la. Quanto à de chefe de polícia, o novo executivo reservara a nomeação para si. Escolheu entre os seus amigos um velho compadre roceiro arruinado, que precisava dos proventos do cargo para resgatar hipotecas (BARRETO, 1989, p. 103-104).

Consequentemente, o nepotismo pôde prosperar à época, tornando-se um dos itens denunciados pelo autor e, até os dias atuais, não foi extinto. A característica da perpetuidade no poder e a corrupção política estão, intrinsecamente, ligadas ao governo. Como exemplo de nepotismo no Romance, o velho Gomes, avô de Edgarda, deixou o genro Neves Cogominho como herdeiro da dinastia, pois “a política ofereceu-lhe campo mais vasto e menos trabalhoso para a vida abundante” (BARRETO, 1989, p. 35). As transcrições seguintes exemplificam o assunto:

Lembrou-se (velho Gomes) de que era republicano, e seu tio, o Coronel Fortuna, amigo íntimo de Deodoro, tomou conta do seu Estado natal e ele foi feito deputado, enquanto os seus primos, concunhados, sobrinhos, aderentes e afins ocuparam outros cargos no Estado, implantaram o domínio dos Cogominhos de que se fez chefe por morte do venerando Fortuna (BARRETO, 1989, p. 35).

Numa não insistiu com o colega de bancada. Ele o sabia mordaz na familiaridade, fácil em aguçadas ironias e encarniçado no cinismo resignado. Fora eleito porque, tendo publicado um trabalho histórico de valor, Neves quisera mostrar que a sua oligarquia sabia aproveitar os talentos humildes. Era o *leader* da bancada, em que havia um tio de Cogominho, um cunhado, ele, Numa, genro, e outros que não eram propriamente parentes (BARRETO, 1989, p. 101).

Segundo Schwarcz (2010, p. 44): “Em **Numa e a Ninfa** (conto e livro) o escritor escancara a prática dos políticos que teriam aberto mão de qualquer idealismo, sendo movidos apenas por interesses práticos, materiais e imediatos”.

Seixas (2012, p. 90), no artigo intitulado “Numa e a Ninfa, um retrato da Primeira República: a obra de Lima Barreto e suas relações com a História”, esclarece que:

Numa e a Ninfa mostra a corrupção na política; a ambição desmedida; a falta de oportunidade e educação para a população mais pobre; a busca, ainda atual, por condições de moradia, saúde, alimentação e emprego mais dignas; a ‘falta de lei’ no interior dos Estados; a violência das eleições, a anti-democracia; a presença militar na administração pública; a falta de perspectiva para um futuro profissional de sucesso fora das abas do governo; enfim, todo um conjunto de elementos que caracterizaram o primeiro período da nossa República, o que só faz confirmar a sensibilidade à flor da pele de Lima Barreto para com as transformações ocorridas à sua volta e seu esforço crítico de observar a realidade de maneira atuante e não passiva.

[...]

Apesar de esta obra ser a menos divulgada dentre as compostas por Lima Barreto, creio não ser, por isso, menos importante ou valiosa. Neste romance, a observação do autor é crítica no ponto certo, movendo os personagens num círculo que acaba por definir o próprio Rio de Janeiro republicano do início do século XX. Sem dúvida, ao mostrar um Estado com todas as suas peculiaridades políticas, econômicas e culturais, Barreto conseguiu fazer uma obra completa.

Gileno (2003), no artigo intitulado “Numa e a ninfa: dilemas e impasses da formação da sociedade republicana”, expõe sobre o oportunismo da ascensão da personagem Numa, que aproveitou todas as chances de promover-se, afiançado por grandes figurões. O seguinte fragmento menciona a política do “favor”:

[...] por intermédio do “favor” de uma alta autoridade da República, Numa Pompílio de Castro assume o posto de “promotor de uma comarca de Estado longínquo”, demonstrando o espírito arrivista que norteia as suas ações, uma vez que o protagonista não poupa esforços e artimanhas para realizar a sua escalada social. Assim, a ascensão social patrocinada pelo casamento também é um meio utilizado por Numa Pompílio de Castro de forma pragmática (GILENO, 2003, p. 126).

Retomando o início dessa transcrição, “por intermédio do favor”, Gileno (2003, p. 128) afirma que “o ‘apadrinhamento’ transformou-se em um elemento importante para a reprodução da vida social da elite, tanto no que se refere a prosperidade econômica como nos arranjos políticos”. Comprovadamente, Numa Pompílio ocupou cargos por indicação de político influente, querendo, sempre, somente crescer. A população, em contrapartida, era desconsiderada, uma vez que os políticos tinham como objetivos a sua manutenção no poder e acumulação de todos os benefícios advindos dos cargos:

Em **Numa e a Ninfa**, Lima Barreto antecipa a denúncia dessa falta de amparo à sobrevivência da população – que é apenas um dos elementos que impulsionam a economia brasileira com base em objetivos exógenos –, mostrando-a como uma característica tão marcante na sociedade brasileira que ela acabaria por conformar a psique do próprio Bogoloff. A um ponto, que o imigrante russo passaria a viver, ele também, de “expedientes” – ou seja, de “meios ilícitos” –, tornando-se conivente com as formas corruptoras da administração republicana (GILENO, 2003, p. 133-134).

A política, então, tornou-se a característica mais contundente na obra. Apesar de toda armação de Numa Pompílio para manter-se no poder, Lima Barreto denunciou a luta política de Bentes, que, – na realidade, era Hermes da Fonseca.

Historicamente, Barbosa (1988, p. 161) esclarece que, Hermes da Fonseca candidatou-se à presidência e deixou a pasta da Guerra. Com a morte do presidente Afonso Pena, o vice-presidente Nilo Peçanha assumiu o governo. Hermes da Fonseca não era político, mas militar e “sua candidatura trazia assim o vício da origem. Fora levantada pela solércia de um grupo e aceita pela pusilanimidade da maioria dos chefes políticos dos Estados”.

A personagem Bentes, candidato da maioria dos chefes de Estado, tinha altos propósitos e “é difícil de dizer todas as belas cousas que Bentes prometeu no seu programa. [...] Se valiam ouro nem todos podiam garantir, mas prometiam despesas avultadas é fácil de afirmar” (BARRETO, 1989, p. 164). Os fragmentos abaixo, além de confirmarem a preferência da sua candidatura, mostram a manipulação de cargos:

Popular entre os militares a doutrina, pondo na ascensão de um deles ao poder grandes esperanças de solver pequenas dificuldades, não é de espantar que Bentes, prestigiado pelos diplomatas, gabado nos jornais, se fizesse em pouco tempo o chefe primacial que não existia.

[...] Sob o pretexto de reorganização, alargaram-se os quadros, fizeram-se centenas de promoções e esse alargamento dos quadros era justificado pelo sorteio militar.

[...]

Feitas as promoções, criadas as repartições em que os militares se fizeram plácidos burocratas, a popularidade e prestígio de Bentes no Exército foram os de um general vitorioso que tivesse repellido o invasor.

[...] O despeito dos políticos com a candidatura de Xisto foi ao encontro da apocalipse militar; e Bentes pesou na escolha do sucessor presidencial com uma revolução na retaguarda (BARRETO, 1989, p. 141-142).

A candidatura de Bentes à presidência causou burburinho nos bastidores da política. Com receio de que os votos fossem decisivos, algumas articulações foram veiculadas, e, até mesmo os batalhões continuavam a sair à rua para dar maior respaldo. Nos fragmentos a seguir, o narrador mostra parcela dessas artimanhas:

A reação da opinião pública à candidatura de Bentes era tão forte, tão geral e tão intensa, que o aparelho de compressão governamental não se julgava suficiente para vencê-la. Num país, em que nunca os votos foram contados para a eleição dos seus representantes, os adeptos de Bentes temiam que o fossem pela primeira vez e derrotado o candidato do sindicato. Por todos os processos, procuravam obter aderentes e estes podiam contar com os favores mais inesperados do poder e da administração (BARRETO, 1989, p. 162).

[...] Neves Cogominho não aceitara a candidatura de Bentes com muita satisfação. O processo pelo qual o general se impusera, tirava a força e o valor políticos dele, Cogominho. Compreendia perfeitamente que ele e os seus colegas não tinham feito mais do que ratificar uma escolha de quartéis e imposta sob disfarçada ameaça de uma revolução. Bentes estaria sempre disposto a apelar para a violência, para a coação da força, e desprezar, portanto, os conchavos de votos, as compensações políticas. Sentia como certo que o bastão de chefe ia escapar-lhe das mãos; sentia também que lhe escaparia da mesma forma se se tivesse recusado a homologar a imposição. Aderindo, simulando admirador de Bentes, ao menos podia salvar alguma coisa, se não de toda a sua autoridade política, ao menos amparar o genro que começava agora a carreira (BARRETO, 1989, p. 174).

Os sequazes de Bentes acharam que o melhor meio de fazê-lo presidente do Brasil era impedir que houvesse eleições na capital do país. Todas as tendenciosas passeatas de batalhões, a inundação da cidade por valentões e capangas, as ameaças de perda de emprego não lhes deram segurança de vitória; e houve neles, tal era o vigor da população, temor que se a compressão se efetivasse, redundasse ela

em trabalho mecânico, inesperado, abrupto, uma erupção contra o sindicato que se acovardara diante das baionetas e iludia a própria consciência fingindo entusiasmo (BARRETO, 1989, p. 205).

Os partidários de Bentes promoviam as condições ideais para que a sua candidatura fosse vitoriosa. Quanto às suas promessas de governo, não precisava cumpri-las “porque bastava inspirar-se nos grandes antecedentes históricos de Benjamim, Tiradentes e Floriano, para fazer um bom governo” (BARRETO, 1989, p. 166). Lembrando que as personagens literárias estavam relacionadas com famosos políticos contemporâneos, a personagem Bastos (na realidade, Pinheiro Machado) “poderoso e temido chefe, que detinha o domínio político do país” (BARRETO, 1989, p. 11), por ocasião do grande debate na Câmara sobre a formação de um novo Estado, intermediava opiniões:

Em torno do projeto, interesses de toda a ordem gravitavam. Um grande número de cargos políticos e administrativos iam ser criados; e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, sub-chefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados.

De resto, além desse resultado palpável do projeto, havia nele outro alcance que só os profissionais da política entreviam. Com a criação do novo Estado nasceria naturalmente uma nova bancada da representação nacional no Senado e na Câmara; e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade dela (BARRETO, 1989, p. 11).

A personagem Fuas Bandeira, de nacionalidade portuguesa, proprietário de jornal e inteirado sobre vários assuntos, “era inculto e a sua leitura ia pouco além dos jornais; mas diariamente sondava este ou aquele mais ilustrado e calcava os seus imponentes artigos nas opiniões deles” (BARRETO, 1989, p. 105). Certa vez, conversou com Numa sobre Bastos e expôs o seguinte:

- Qual é a opinião de Bastos?
- A mim, meu caro doutor, ele já me disse que não tinha opinião firmada. Dá mesmo a entender que é questão aberta...
- Mas não disse claramente?
- Não, não disse. O doutor sabe como é o doutor Bastos. Ele não costuma dizer, quando se trata de insignificâncias, penso assim ou não. Parece-lhe que dizer a tal respeito a sua opinião é insinuar que os seus

amigos votem com ele. O doutor Bastos já está tão farto de ouvir dizer que ele violenta a consciência dos seus amigos, que é um ditador, que é a sua vontade que domina a dos outros, que é o partido. Ora, doutor, quando se trata dessas cousas de nonada, ele abstém-se de falar para que os republicanos votem como entendam (BARRETO, 1989, p. 38).

Cumprido ressaltar que, no Romance, há outras personagens que fazem parte das mazelas. Estas podem e devem ser mencionadas neste trabalho: Benevenuto, fiel representante daqueles que sobrevivem sem trabalhar, mas amam e entregam-se à pessoa amada; Inácio Costa, o defensor ferrenho da ditadura, e Macieira, político que mantinha duas casas, uma para a família e outra para a amante estrangeira.

Benevenuto, primo de Edgarda por parte da mãe dela, conhecia-a desde criança, mas o “amor só brotou neles depois do casamento da prima” (BARRETO, 1989, p. 89). Ele, “por temperamento e pelo sangue, era completamente estranho às competências políticas dos Cogominhos” (BARRETO, 1989, p. 191). De acordo com o narrador do Romance, “A sua preocupação era mesmo não fazer nada” (BARRETO, 1989, p. 58) e mantinha sempre indiferença pelos políticos:

Benevenuto, que sempre fora totalmente infenso aos conluios políticos, que mesmo duvidara da pátria, sentia dentro de si energias até agora sopitadas. Aquele espetáculo de subserviência geral, aquele amordaçamento da opinião, aquela série de delictos de toda a natureza, reagiram sobre ele e tiraram-no do seu quietismo (BARRETO, 1989, p. 157).

Apesar de ser louvado por Mme. Anita Forfaible com a observação de que “bem fez o doutor Benevenuto que não quis ser nada” (BARRETO, 1989, p. 29), ele auxiliou, definitivamente, Edgarda na lavratura de discursos para que Numa Pompílio fosse triunfante. No fragmento abaixo, o narrador faz uma reflexão do sentimento de Benevenuto em relação à Edgarda. Ele a amava e fazia tudo por ela, inclusive, não compreendia a decisão da prima em continuar ajudando o marido a prosperar:

Benevenuto deixou o Catete e dirigiu-se vagarosamente ao encontro de Edgarda. Ela lhe havia escrito cheia de desolação. A situação se obscurecia e pedia-lhe o seu auxílio com mais insistência. Verdadeiramente amava-a, tinha necessidade dela na sua vida e no seu pensamento; mas, sempre lhe foi difícil compreender por que razão íntima Edgarda teimava em fazer figurar o marido como um orador, um orador ilustrado. Por meio do marido, parecia, ela dava expansão à sua necessidade de domínio; era ingênuo, porém, fazê-lo, portanto Numa com a sua irremediável preguiça mental nem ao menos os autores que citava, lia e deles compreendia alguma coisa. A sua atonia de inteligência requeria uma artificial alimentação intelectual e esta ainda não havia sido inventada (BARRETO, 1989, p. 190-191).

Inácio Costa, que “escrevia nos jornais e era ouvido com atenção pelo poderoso chefe Bastos” (BARRETO, 1989, p.17), estava ciente das manobras e das intrigas. Ele “passara pelo florianismo e essa concepção nacional de governo traz no bojo, no fim de contas, um grande desprezo pela vida humana” (BARRETO, 1989, p. 60-61). Esta personagem, que tinha mania pela política, foi assim apresentada e apresentou Floriano Peixoto a Bogóloff, conforme as transcrições que se seguem:

Esse Costa era funcionário público e fora da Escola Militar, donde trouxera umas fórmulas positivistas e uma forte crença nos efeitos milagrosos da palavra república. Havia no seu feito mental uma grande incapacidade para a crítica, para a comparação e fazia depender a toda a felicidade da população em uma simples modificação na forma de transmissão da chefia do estado. Passara pelos jacobinos florianistas e tinha a intolerância que os caracteriza, e a ferocidade política que os celebrizou.

Feroz e intolerante, com o apoio do positivismo autoritário, a sua concepção se consubstanciava na ditadura e daí resvalava para o despotismo militar (BARRETO, 1989, p. 16-17).

– Que fez Floriano?

– Não sabe? Foi o maior estadista que tivemos.

– Quais são as suas obras?

– Manteve a forma republicana federativa com uma energia verdadeiramente republicana. Era um estadista moderno... Quer saber de um ato dele?

– Quero.

– Você (Bogóloff) vai ouvir. Como o marechal precisasse de dinheiro para fazer face às urgentes despesas que a revolta acarretava, mandou que o Tribunal de Contas registrasse um crédito de que ele tinha necessidade. O presidente do tribunal negou-se formalmente a dar a sua assinatura ao tal pedido. O ministro da Fazenda, ao saber dessa resolução, foi comunicá-la imediatamente ao marechal. Floriano não gostou; mas, sorridente, pediu ao ministro que conseguisse do presidente do tribunal ir ter com ele uma conferência. Na manhã seguinte, muito cedo, estava no Itamarati o presidente do Tribunal de Contas. Floriano recebeu-o muito amável e mostrou a situação do

governo e a urgente necessidade que havia de tal crédito. O presidente, inabalável, disse que não assinava o pedido, pois era ilegal, inconstitucional, que era isto, que era aquilo. Floriano ouviu tudo muito calmo e, em meio ao discurso do presidente, bateu na testa e perguntou: O senhor é o doutor fulano de tal? Sim senhor, respondeu o presidente. – Ora, doutor, queira me desculpar. Esta minha cabeça anda tão cheia de atrapalhões!... Não era com o senhor que eu queria falar, era com o seu sucessor. – Como? Perguntou surpreso o ministro do Tribunal. – É verdade, doutor; o senhor está aposentado desde ontem. E assim foi. Nessa mesma tarde, com data do dia anterior, era publicado um decreto que declarava aposentado o presidente recalcitrante. Era assim Floriano! Isso é que é um estadista, Bogóloff (BARRETO, 1989, p. 166-167).

O doutor Bogóloff, ao ouvir as conversas políticas, percebeu que Inácio Costa queria a ditadura, pois “o seu desejo era entregar todos os poderes a um só, a um tirano [...] Inácio se supunha ilustrado, culto; entretanto, desprezava todo o ensinamento, todo o esforço dos homens de pensamento em restringir a autoridade, o poder total de um só” (BARRETO, 1989, p. 167-168).

Naquela época, as eleições estavam prestes a acontecer e, como garantia de sucesso nas urnas, uma emboscada foi armada: “Só o mandonismo republicano, com a sua concepção estupidamente cruel da política, é que podia lembrar-se de transformar comícios eleitorais em emboscadas de salteadores, com um médico entre eles” (BARRETO, 1989, p. 122). No seguinte fragmento do Romance, pode-se perceber a manobra política:

Aproximando-se o dia da eleição dos vereadores, Liberato verificou que, apesar das ameaças, muitas secções do seu distrito não lhe registrariam votos de que precisava para a vitória total. Convém não esquecer que as eleições são as mais das vezes simuladas, que os mesários as fazem ao sabor de suas conveniências partidárias e raro se consegue apurar a votação que as urnas recebem efetivamente.

Sabendo de que algumas secções resistiriam às suas ameaças e ao suborno governamental, [...]

O velho coronel julgou melhor armar uma emboscada. Apossou-se com antecedência do edifício público em que ia funcionar o colégio eleitoral, estudou-lhe os aposentos, organizou seteiras e, no dia do comício, estava lá o seu bando por trás das portas e paredes, gatilho no dedo, canos em seteiras invisíveis sobre os eleitores descuidados.

Em dado momento, em hora aprazada, a descarga foi feita; caíram feridos e mortos e o médico que Liberato tinha alugado, não tivera serviço porque aqueles foram só entre os adversários do velho coronel.

Esta manobra de alta política indignou a cidade e a opinião, mesmo sem conhecer perfeitamente a forma atroz com que fora armada a tocaia; mas Liberato não se incomodou muito, pois o inquérito policial nada apurou, não se sabendo mesmo se tinha sido feito (BARRETO, 1989, p. 162-163).

Para que o sucesso das eleições fosse assegurado, segundo Beiguelmam (1981, p. 76), “havia políticos que mantinham bandos de arruaceiros a seu serviço, encarregando alguns deles de recrutar eleitores e desordeiros entre os moradores”. Comprovadamente, no Romance, Lucrécio Barba-de-Bode arregimentava pessoas para as manifestações e, certa vez, seu nome “ficara famoso em todo o âmbito da cidade e subúrbios [...] ele destruiu cartazes, apreendeu boletins, rasgou jornais, desafiou rapazes, e, de onde em onde, dava um tiro de revólver” (BARRETO, 1989, p. 206-207). Essas atitudes de vandalismo eram acobertadas pela polícia, como se pode verificar a seguir:

Lucrécio foi acusado de dar tiros, a polícia pôs-se em campo e afirmou que não era possível que ele tivesse feito semelhante cousa, a não ser com os pés, pois não tinha as mãos. Barba-de-Bode apareceu durante alguns dias com os braços dentro do casaco, pedindo, nos botequins, que lhe levassem a bebida aos lábios.

Lucrécio, dissimuladamente, esquivava-se das consequências de seus atos em prol do seu envolvimento com a política. Sua esposa, contudo, “é que continuava a temer pela sorte do marido” (BARRETO, 1989, p. 207). Assim, o narrador captou suas preocupações:

Conhecia-lhe o gênio irascível, habituado agora às violências, sem temor; sentia a injustiça da causa a que servia, e via bem em torno dela a indignação, a fúria do povo, de toda a gente, contra Bentes, contra Campelo, contra os valentões assalariados como o marido. [...] Ela sempre quisera que voltasse ao ofício, que trabalhasse com regularidade, que contasse unicamente com o salário exíguo da oficina; mas o marido, às vezes com bons, outras vezes com maus modos, resistia e metia-se na tal política, no jogo, nas desordens (BARRETO, 1989, p. 207).

Macieira Galvão era político influente. “Prosperou e foi fazendo a sua carreira na política e nos arredores da política: gorjetas em concessões, advocacias duvidosas e o mais semelhante” (BARRETO, 1989, p. 126). Arlete, sua amante, “ficou na vida do senador como um amuleto de felicidade; e a família a teve do mesmo modo, conformando-se a mulher com a existência da francesa

nos hábitos do marido” (BARRETO, 1989, p. 126). Macieira é assim apresentado no Romance:

Macieira era um dos grandes magnatas da República. Graças à população do seu Estado natal, a sua representação na Câmara era volumosa; e, em todos os conchavos, tinha que ser pesada a sua colaboração de chefe dirigente. Como grande chefe, não podia nunca declarar-se em franca oposição; e, a veleidade que teve disso, tinha-o enfraquecido um pouco. Entre os dirigentes da política, há um curioso equilíbrio que precisa de um mais audaz para se fazer: e surgindo esse audaz, nenhum outro pode tomar-lhe o lugar porque sempre o rebelde teme que os colegas não o sigam. O governo é sempre contado como elemento preponderante e o audaz nunca se separa do governo.

[...]

Certamente, Macieira imaginava cousas poderosíssimas para a grandeza do Brasil; certamente pensava em algum problema nacional, atinente à agricultura, à indústria, ou mesmo às relações internacionais do país; certamente, naquele instante, passavam no seu pensamento as condições de felicidade de toda uma população (BARRETO, 1989, p. 123-129).

As mazelas levantadas e comprovadas formam, na verdade, um discurso de denúncia que Lima Barreto teve a coragem de pronunciar e, antes de qualquer outra característica, ousadia em apontá-las, identificando personagens e pessoas, ocorrências na obra e fatos históricos, cargos públicos e políticos influentes, a corrupção e outros elementos perniciosos à administração de um país democrático.

4.5 ELEMENTOS DA NARRATIVA SOB O OLHAR DA NOVA CRÍTICA

A escritura de Lima Barreto tem propensão à análise sociopolítica e cultural nos primórdios da República no Brasil, porém, não há impedimentos de que se realize uma análise textual, buscando evidenciar os elementos da narrativa nos escritos selecionados.

Esta abordagem de investigação puramente textual não invalidará o caráter de denúncia contra as injustiças, apresentadas na obra genuína de Lima Barreto. Assim, o *corpus* em estudo é analisado por meio da teoria literária da Nova

Crítica, amparada nos pressupostos de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2007), que registram, na obra **Dicionário de narratologia**, os conceitos de enredo, personagem, espaço e tempo a serem utilizados nesta abordagem. Estes se somarão aos conceitos de Genette (1982), para narrador e, Candido (1989) e Sevcenko (1983), para linguagem.

A Nova Crítica, também denominada Neocrítica, é um movimento de teoria de análise literária que avalia a obra em si mesma. Surgiu nos anos 1920 do século XX, nos Estados Unidos, opondo-se à teoria dos formalistas russos. É considerada uma abordagem objetiva, que propõe separar o texto do autor, rompendo com o biografismo da crítica. Predominantemente, ela rejeita a análise a partir de contextos sociais ou culturais e privilegia, em sua abordagem literária, a materialidade do texto e seus limites. É, portanto, uma corrente textualista de teoria e de crítica literária, que explora o texto por meio de vários dispositivos com a finalidade de diferenciá-lo do discurso comum.

O primeiro elemento a ser apresentado é chamado “enredo” ou intriga, que, segundo Reis e Lopes (2007, p. 205):

Conceito elaborado pelos Formalistas Russos e definido por oposição a fábula, a intriga corresponde a um plano de organização macroestrutural do texto narrativo e caracteriza-se pela apresentação dos eventos segundo determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias. Nesta acepção, pode dizer-se que a intriga comporta motivos livres, que traduzem digressões subsidiárias relativamente à progressão ordenada da história, e derroga frequentemente a ordem lógico-temporal, desvios intencionais que apelam para a cooperação interpretativa do leitor.

A partir da conceituação apresentada, os enredos serão brevemente condensados e retomados, uma vez que já foram expostos anteriormente, no item intitulado “Enredos em desfile”.

No Conto e Romance **Numa e a ninfa**, Numa Pompílio de Castro, deputado por duas legislaturas, casou-se com a filha de Neves Cogominho para obter vantagens e viver da política. Numa, porém, não tinha facilidade para elaborar seus discursos e dependia de sua esposa para prepará-los. Certa vez, Numa descobriu que era o primo da esposa quem os escrevia, mas não se importou, para manter-se na visibilidade política, pois almejava a Presidência da

República. Se houvesse escândalo por causa do adultério descoberto de sua esposa com o primo, poderia perder os triunfos alcançados pela astúcia da ninfa.

As **Aventuras do Dr. Bogóloff** compartilham a trajetória do imigrante russo, que desistiu do trabalho honesto em terras brasileiras para viver de expedientes e planos mirabolantes.

Os teóricos Reis e Lopes (2007, p. 314) definem o segundo dispositivo, denominado “personagem”, do seguinte modo:

Categoria fundamental da narrativa, a personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos. Na narrativa literária [...] a personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa.

Os autores apresentam a seguinte classificação para personagem:

Personagem plana é acentuadamente estática: uma vez caracterizada, ela reincide nos mesmos gestos e comportamentos [...] Personagem redonda reveste-se da complexidade suficiente para construir uma personalidade bem vinculada (REIS; LOPES, p. 322-323).

Para ilustrar a conceituação de personagem e a classificação em plana ou redonda, destacam-se Numa Pompílio de Castro e Gilberta/Edgarda nos textos **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), enquanto que Grégory Petróvitch Bogóloff é a personagem das **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Estas personagens principais são seres fictícios e, nestes textos, os homens são classificados como personagem plana, ou seja, estática, sem evolução, sem grande vida interior, comportando-se da mesma forma previsível ao longo de toda a narrativa, enquanto ela (Gilberta, no Conto e Edgarda, no Romance) é classificada como personagem redonda, ou seja, que age surpreendentemente e não de maneira previsível, conforme a Teoria de Reis e Lopes (2007). A fim de exemplificar a conceituação sobre personagens planas e redondas, os fragmentos textuais aplicam-se às personagens barretianas, de acordo com o que se segue:

Personagens planas – no Conto e no Romance, é Numa Pompílio e, em Aventuras, é Dr. Bogóloff. O Quadro 7 apresenta fragmentos dessas personagens no Conto, nas Aventuras e no Romance:

Quadro 7: A personagem plana no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Os governistas esperavam que (Numa Pompílio) tomasse a palavra e logo esmagasse o adversário; mas não fez isso. Pediu a palavra para o dia seguinte e o seu pretexto de moléstia não foi bem aceito. [...]</p> <p>Pela primeira vez, a mulher lhe pareceu com pouca disposição de fazer o discurso.</p> <p>– Mas, Gilberta, se eu não o fizer amanhã, estou perdido!... E o ministério? Vai-se tudo por água abaixo... Um esforço... É pequeno... De manhã, eu decoro... Sim, Gilberta? (BARRETO, 2010, p. 298).</p>	<p>Após os cumprimentos e sentar-me, encolhi-me em respeitosa reserva, temendo perturbar a marcha dos pensamentos daquele guia de povos. Certamente, ele imaginava coisas poderosíssimas para a grandeza do Brasil; certamente, pensava em algum problema nacional, atinente à agricultura, à indústria, ou mesmo às relações internacionais do país; certamente, naquele instante, pesavam no seu pensamento as condições de felicidade de toda uma população, e eu me calei para que as minhas parvas palavras não fossem de qualquer forma estragar a maravilhosa solução que ele ia encontrar. Fiquei assim alguns minutos, olhando os dois quadros que havia na sala. Eram duas oleogravuras baratas em molduras caras, representando o 'Nascente' e o 'Poente' no alto-mar (BARRETO, 2001, p. 48-49).</p>	<p>Entre as revelações parlamentares que surgiam no momento, uma causou espanto. Era quase desconhecida da Câmara e completamente do público, a existência do Deputado Numa Pompílio de Castro.</p> <p>Apesar de nome tão auspicioso para o ofício de legislador, os próprios contínuos não lhe guardaram com facilidade nem o nome nem os traços fisionômicos. [...] – “o genro do Cogominho”. Era o deputado ideal; já se sabia de antemão a sua opinião, o seu voto, e a sua presença nas sessões era fatal (BARRETO, 1989, p. 12-13).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

Personagens redondas – no Conto, é Gilberta e, no Romance, é Edgarda. Em Aventuras, não há a presença dessa categoria de personagens. O Quadro 8 apresenta fragmentos dessas personagens no Conto e no Romance.

Quadro 8: A personagem redonda no Conto e no Romance.

CONTO	ROMANCE
<p>[...] Em começo, o seu (Gilberta) desprezo foi grande; achava até ser injúria que aquele tipo (Numa Pompílio) a olhasse; mas vieram o aborrecimento da vida de província, a falta de festas, o tédio daquela reclusão em palácio,</p>	<p>A mulher (Edgarda) descansou o garfo, serviu-se de vinho e disse com vagar:</p> <p>– Em política, nessas cousas, a gente não tem muito que escolher. Se uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e</p>

<p>aquela necessidade de namoro que há em toda a moça, e ela deu-lhe mais atenção. [...]</p> <p>Pobre Gilberta! Trabalhar até àquela hora, para o nome dele, assim obscuramente! Que dedicação! E – coitadinha! – moça ter que empregar o seu tempo em leitura árduas! [...] A porta estava fechada [...] (Numa) Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura [...] Olhou ainda mais um instante e viu que os dois (Gilberta e o primo) acabavam de beijar-se (BARRETO, 2010, p. 296 e 299).</p>	<p>as cousas vão passando. Você (Numa) deve saber disso. [...]</p> <p>– Olhe, papai diz sempre: ninguém cospe no prato em que comeu; e papai já é antigo na política, é muito considerado... O que você deve fazer é aparecer, é falar, dar pareceres... [...]</p> <p>A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. [...] Eles (Edgarda e Benevenuto) se beijavam, deixando de beijar, escreviam (BARRETO, 1989, p. 43, 224).</p>
---	--

Fonte: Do Autor (2012).

O nome da personagem Numa Pompílio de Castro é uma referência satírica à figura lendária de Roma. O Numa Pompílio, político romano, recebia os conselhos da ninfa Egéria, e o deputado Numa Pompílio, insignificante genro do senador Neves Cogominho, acolhia os conselhos de sua esposa Gilberta/Edgarda.

O terceiro elemento da narrativa a ser apresentado é o “espaço”, definido por Reis e Lopes (2007, p. 135) como:

O espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Entendido como domínio específico da história, o espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das personagens [...] em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translato, abarcando então tanto as atmosferas sociais como até as psicológicas.

O espaço das obras em estudo (Conto, Romance, Aventuras) é a capital federal, Rio de Janeiro, por onde circulavam deputados, senadores e demais políticos. É certo que Numa Pompílio de Castro e Bogóloff aventuraram-se por regiões interioranas, mas mantiveram o foco no centro dos acontecimentos da Primeira República. A aplicabilidade da conceituação pode ser demonstrada por meio das transcrições apresentadas no Quadro 9:

Quadro 9: O espaço no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Numa não queria fazer mediocrementemente uma carreira de justiça de roça. Sonhava a Câmara, a Cadeia Velha, a rua do Ouvidor, com dinheiro nas algibeiras, roupas em alfaiates caros, passeio à Europa; e se lhe antolhou, como meio seguro de obter isso, aproximar-se do novo governador, captar-lhe a confiança e fazer-se deputado (BARRETO, 2010, p. 295).</p> <p>No casarão de São Clemente, ele vivia só, calado a um canto; e Gilberta, afastada dele, mergulhada na leitura; e, não fosse um acontecimento político de certa importância, talvez a desarmonia viesse a ser completa. (BARRETO, 2010, p. 296).</p>	<p>Ao chegar ao Rio, tive notícia da minha demissão, a bem de tudo. Não deixava de ser um acontecimento bem importante na minha vida. Ganhava quase dois contos de réis e nada fazia, a não ser despachar licenças para as vacarias e estábulos da cidade. [...] A minha casa, nas Laranjeiras, era um primor e, tendo bem forte o sentimento da miséria e das necessidades, tive a bolsa sempre aberta aos grandes e pequenos pedidos de dinheiro que me faziam (BARRETO, 2001, p. 90-91).</p>	<p>Irregular como é o Rio, não se pode dizer que fique bem ao centro da cidade; é, porém, ponto obrigado de passagem para a Tijuca e adjacências, São Cristóvão e subúrbios (BARRETO, 1989, p. 65).</p> <p>A casa do Deputado Numa Pompílio ficava pelas bandas de Humaitá, por aqueles lados de Botafogo [...] Tinha uma certa imponência; e, demais, com fundo para a escarpa verde-negra dos contrafortes do Corcovado, o casarão ressaltava, saía adquiria certa distinção solarenga entre as jovens e acanhadas edificações dos arredores (BARRETO, 1989, p. 34-35).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

O quarto dispositivo da narrativa é o “tempo”, definido pelos estudiosos Reis e Lopes (2007, p. 406) da seguinte maneira:

O tempo da história constitui um domínio de análise em princípio menos problemático do que o tempo do discurso. Ele refere-se, em primeira instância, ao tempo matemático propriamente dito, sucessão cronológica de eventos susceptíveis de serem datados com maior ou menor rigor. [...] O tempo da história pode, entretanto, ser objetos semânticos que atestam o seu valor semiótico, valor a que não são estranhos dois fatos: a condição eminentemente temporal que preside à narratividade e a importância de que se reveste, para a existência humana, a vivência do tempo.

As transcrições dos fragmentos no Quadro 10 mostram o tempo abordado, ou seja, o início da República:

Quadro 10: O tempo no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Esse Numa, que ficou, daí por diante, considerado parlamentar consumado e ilustrado, fora eleito deputado, graças à influência do seu sogro, o senador Neves Cogominho, chefe da dinastia dos Cogominhos que, desde a fundação da República, desfrutava empregos, rendas, representações, tudo o que aquela mansa satrapia possuía de governamental e administrativo (BARRETO, 2010, p. 294-295).</p>	<p>- Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéias. São originais e engenhosas e o que tisna um pouco essa minha admiração é que elas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós não temos desses arrojos! Vivemos terra a terra, sempre presos à rotina. Pode ir descansado que o governo da República vai aproveitar as suas idéias, que não de enriquecer a pátria (BARRETO, 2001, p. 43).</p>	<p>Seria difícil a Bogóloff explicar ao amigo as diferenças existentes entre o mecanismo político da Rússia e o do Brasil; uma diferença, porém, logo notou naquela procura de um médico para pleitear eleições de vereadores. Só o mandonismo republicano, com a sua concepção estupidamente cruel da política, é que podia lembrar-se de transformar comícios eleitorais em emboscadas de salteadores, com um médico entre eles. Curiosa piedade! [...]</p> <p>- Os conselheiros tinham banido esse santo dístico, mas agora... Estamos na República... Implicam também com – Ordem e Progresso. Porque? Vocês não querem ‘ordem’? Vocês não querem ‘progresso’? A ordem é a condição do progresso (BARRETO, 1989, p. 121-122).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

Relativamente ao tempo, Reis e Lopes (2007, p. 29) também definem o recurso analepse ou *flash-back* do seguinte modo:

Correspondendo genericamente ao conceito designado também pelo termo *flash-back*, entende-se por analepse todo o movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação e mesmo, em alguns casos, anteriores ao seu início. A analepse constitui, deste modo, um signo técnico-narrativo do âmbito da representação discursiva do tempo.

Os teóricos, sobre os termos analepse ou *flash-back*, afirmam:

A analepse pode constituir um processo de ilustração do passado de uma personagem relevante, no quadro de uma estratégia ideológica de tipo naturalista e determinista; pode caber-lhe a função de recuperar eventos cujo conhecimento se torne necessário para conferir coerência interna à história (REIS; LOPES, 2007, p. 31).

As analepses estão presentes nas três narrativas que envolvem este *corpus*, descrevendo-se parte do passado das personagens que compõem o nome das obras. Em relação à **Numa e a ninfa** (Conto e Romance), é resgatada a trajetória da personagem Numa Pompílio, desde estudante até tornar-se genro de Neves Cogominho e político com visibilidade, por intermédio dos discursos triunfantes. Ao iniciar ambas as narrativas homônimas, o Conto e o Romance, Numa já está graduado, buscando as melhores oportunidades de lançar-se em seu projeto para a obtenção dos privilégios.

Quanto às **Aventuras do Dr. Bogóloff**, há a recordação e o registro de toda a viagem do imigrante Grégory Petróvitch Bogóloff, que partiu da Rússia e decidiu fixar moradia no Brasil.

Fragmentos ilustrativos de analepse ou *flash-back*, presentes em Conto, Aventuras e Romance, estão transcritos no Quadro 11:

Quadro 11: A analepse no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Não que houvesse nele (Numa) um estranho amor ao estudo ou às letras jurídicas. Não havia no pobre estudante nada de semelhante a isso. O estudo de tais coisas era-lhe um suplício cruciante; mas Numa queria ser bacharel, para ter cargos e proventos; e arranjou os exames da maneira mais econômica. Não abria livros; penso que nunca viu um que tivesse relação próxima ou remota com as disciplinas dos cinco anos de bacharelado. Decorava apostilas, cadernos; e, com esse saber mastigado, fazia exames e tirava distinções (BARRETO, 2010, p. 295).</p>	<p>Pouco antes de romper a guerra russo-japonesa, um operário com quem me dava, perguntou-me se eu queria vir para o Brasil. Não sabia bem onde ficava tal país; sabia-o vagamente na América, mas, na minha imaginação geográfica, o colocava no lugar do México e este no lugar dele.</p> <p>Não lhe disse logo que sim e ele, para que me resolvesse, deu-me a ler umas brochuras escandalosamente apologéticas da desconhecida república da América do Sul. Nelas se dizia que era um país onde não havia frio nem calor; onde tudo nascia com a máxima rapidez; que tinha todos os produtos do globo; era, enfim, o próprio paraíso. Descontei cinquenta por cento, descontei ainda mais e resolvi-me a emigrar (BARRETO, 2001, p. 14-15).</p>	<p>(Numa), desprezado pelos doutores, percebeu logo que era preciso ser doutor fosse como fosse.</p> <p>Arranjou daqui e dali os preparatórios; e, durante o curso, levou a mais miserável vida que se pode imaginar. Alimentava-se dias inteiros de café e pão, dormia em cima de jornais, mas não deixava jamais de ir às aulas, de sentar-se ao banco da música, de fazer perguntas ao lente e prestar exames.</p> <p>[...] No seu entender, o máximo escopo da vida era formar-se e formou-se com grande esforço e tenacidade.</p> <p>Não que houvesse nele um alto amor ao saber, uma alta estima às matérias que estudava e das quais fazia exame. Odiava-as até. Todas aquelas complicações de direitos e outras disciplinas pareciam-lhe vazias de sentido, sem substância, puras aparências e mesmo sem grande utilidade e significação, a não se a de constituírem barreiras e obstáculos,</p>

		<p>destinados à seleção dos homens. [...] Instantes depois de acabado o exame Pompílio esquecia a disciplina.</p> <p>Demais, pode dizer-se que nunca vira um livro. Todo o seu curso fora feito estudando nas apostilas, cadernos e pontos, organizados por outrem. Decorava aqueles períodos mastigados, triturados e os repetia palavra por palavra ao lente. Prevenia-se para a prova, imaginando as perguntas do professor, e organizava as respostas, citando autoridades de vários países (BARRETO, 1989, p. 18-19).</p>
--	--	--

Fonte: Do Autor (2012).

O quinto elemento de análise do texto é o “narrador”, que não participa da trama, apenas a apresenta. De acordo com os teóricos Reis e Lopes (2007, p. 257), assim é definida a sua conceituação:

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, não raro suscetível de ser confundido com aquele, mas realmente dotado de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa.

[...] a expressão narrador autodiegético, introduzida nos estudos narratológicos por Genette, designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história (REIS; LOPES, p. 259).

[...] a expressão narrador heterodiegético, introduzida no domínio da narratologia por Genette, designa uma particular relação narrativa: aquela em que o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão (REIS; LOPES, p. 262-263).

Os narradores no Conto e Romance são heterodiegéticos, enquanto o das Aventuras é homodiegético. Eles utilizam-se de linguagem irônica, mostrando questionamento das estruturas da época, como ilustram os fragmentos transcritos no Quadro 12:

Quadro 12: O narrador no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
[...] e não lhe pouparam elogios. O José Vieira escreveu uma crônica; e a glória do representante de Sernambi encheu a cidade. Nos bondes, nos trens, nos cafés, era motivo de conversa o sucesso do deputado dos Cogominhos: – Quem diria, hein? Vá a gente fiar-se em idiotas. Lá vem um dia que eles se saem. Não há homem burro – diziam –, a questão é querer... (BARRETO, 2010, p. 298).	Não quero transformar a narração das minhas aventuras em ataque sistemático a essa boa terra do Brasil; e se falo nisso é para lhes mostrar quais os fatos que determinaram o mecanismo psíquico que me levou a abandonar a vida honesta de trabalho (BARRETO, 2001, p. 35).	O genro de Cogominho deixou a Câmara apreensivo. Ele mesmo tinha provocado aquele incidente, ele mesmo tinha levantado a luva e fora ele mesmo, portanto, quem criara aquele fiasco. Julgou em começo poder pronunciar a sua defesa; não havia estudo a fazer, não havia argumento a responder, entretanto, o hábito que adquirira de discursar depois de estudo apurado, tinha-o traído no momento crítico (BARRETO, 1989, p. 222).

Fonte: Do Autor (2012).

O sexto dispositivo de análise do texto é a “linguagem”. Segundo Candido (1989, p. 39-40):

Para Lima Barreto a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as idéias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência [...] é um autor vivo e penetrante, uma inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade e a análise das próprias emoções, por meio de uma linguagem cheia de calor.

Desta maneira, a citação de Antonio Candido possibilita concluir que o autor Lima Barreto escreveu em prosa seus sentimentos e ideias com linguagem coloquial, que se aproxima mais da fala do povo, contrariando a retórica que caracterizou a literatura de sua época. Apresentam-se, no Quadro 134, os fragmentos dos textos que exemplificam a simplicidade das palavras e a constituição da linguagem do escritor sob análise:

Quadro 13: A linguagem no Conto, nas Aventuras e no Romance.

CONTO	AVENTURAS	ROMANCE
<p>Ela lhe havia descoberto a simulação do talento e o seu desgosto foi imenso porque contava com um verdadeiro sábio, para que o marido lhe desse realce na sociedade e no mundo. Ser mulher de deputado não lhe bastava; queria ser mulher de um deputado notável, que falasse, fizesse lindos discursos, fosse apontado nas ruas (BARRETO, 2010, p. 296).</p> <p>E foi daí em diante que a união do casal começou a ser admirada nas ruas. Ao passarem os dois, os homens de altos pensamentos não podiam deixar de olhar agradecidos aquela moça que erguera do nada um talento humilde; e as meninas olhavam com inveja aquele casamento desigual e feliz (Barreto, 2010, p. 298).</p>	<p>Se em Odessa não me vieram esses desejos, é porque lá ainda estava moço e tinha dentro de mim essa horrorosa esperança que nos faz escravos desses exploradores todos, disfarçados sob os mais pomposos rótulos. No Brasil, não; já tinha mais de trinta anos e estava vendo a minha vida escorrer sem satisfação, sem sossego e sem ventura. Demais, lá, se bem que não quisesse, tinha um resto de respeito pelas instituições pátrias; mas aqui o meu desprezo era total, era completo e por mais que me esforçasse por ter alguma veneração pelos senadores, deputados e autoridades restantes não me era possível. Eu as tinha visto por assim dizer no nascedouro e sabia perfeitamente como se faziam, o que representavam de fraude, de compressão e corrupção. Conhecia-lhes, além do mais, a sua ignorância, a sua falta de inteligência e a nenhuma sinceridade deles todos (BARRETO, 2001, p. 110-111).</p>	<p>Esse Estado, como se sabe, não é dos maiores do Brasil, nem dos menores; é dos médios. Tem uma população de cerca de um milhão de habitantes e uma lavoura de cana de açúcar que se arrasta através de dolorosas crises, como a indústria de que ela é base.</p> <p>A sua capital, a cidade de Tatuí, tem uns cinqüenta mil habitantes e é uma desgraciosa cidade de casas baixas, quase sem calçamento, sem esgotos e com uma péssima iluminação pública.</p> <p>Espanta logo a quem chega, com a sua quantidade de mendigos e pobres que possui, além da grande porção de gente que exerce ofícios miseráveis, como baleiros, carregadores, vendedores de água, pois não há a encanada. [...]</p> <p>Pelo tempo que Bogóloff partiu, construía-se um teatro majestoso, num estilo compósito e abracadabrante (BARRETO, 1989, p. 201).</p>

Fonte: Do Autor (2012).

Ainda em relação à linguagem, Lima Barreto utilizou-a de maneira próxima à oralidade em algumas personagens, registrando, inclusive, afastamento do padrão culto da língua e aproximação da linguagem oral. Em Aventuras e no Romance, essa utilização da linguagem é aferida na personagem doutor Chaveco, conforme as transcrições apresentadas no Quadro 14:

Quadro 14: A proximidade com a linguagem oral nas Aventuras e no Romance.

AVENTURAS	ROMANCE
<p>[...] O doutor Chaveco foi entrando, batendo com a sua bengala no assoalho, ao jeito do báculo de um pastor bíblico. – D. Lalá – disse ele – mi esqueceu uma coisa...</p>	<p>[...] O doutor Chaveco entrou de novo, batendo com a bengala no assoalho, ao jeito do báculo de um pastor bíblico: – Dona Romana – disse ele – me esqueceu uma coisa...</p>

<p>– Que é, doutor? – A mode que não levei um rebuçados pros meninos. – Pois não, doutor. – Tem de artea, sinhá dona? O Zeca tá com tosse. [...] – Então, doutor, já vai? – Já moço. Drumo sempre c'us pinto. É mais bom pra saúde. – Mas, no seu cargo, nem sempre pode... – Quá, moço! Tenho os auxiliar que faz minhas vez. [...] A dona da casa voltou com o embrulho, Chaveco agradeceu, despediu-se e disse-me: – Qué i cô nós, moço? Não paga nada... Intomóve ta na porta (BARRETO, 2001, p. 153-154).</p>	<p>– Que foi doutor? – A modo que não levei um rebuçados pros meninos. – Pois não, doutor. – Tem arteia, siá dona? O Juca tá cum tosse. [...] – Já vai, doutor? – Já moço. Drumo cos pintos. É mais bom para saúde. – Mas, no seu cargo, nem sempre é possível, doutor. – Quá, moço! Tenho os auxiliá que faz minhas vez. [...] Dona Romana voltou com o embrulho, Chaveco agradeceu, levantou-se, despediu-se e disse para Bogóloff: – Qué i cô nós, moço? Não paga nada. Intomove ta na porta (BARRETO, 1989, p. 112-113).</p>
---	---

Fonte: Do Autor (2012).

As transcrições apresentadas aparecem nas obras **Aventuras do Dr. Bogóloff** e no hipertexto **Numa e a ninfa**, novamente confirmando-se a transtextualidade das Aventuras no Romance.

Sevcenko (1983, p. 168-169), sobre a linguagem utilizada por Lima Barreto, assim se expressa:

[...] Concluindo, verifica-se que há uma evidente e profunda conexão entre os conteúdos e a linguagem de sua obra. Adotando como recursos literários a mistura de estilos e a linguagem despojada, o autor garantia a seus textos a eficiência pretendida. Por um lado, revestia os personagens populares e as vítimas da abominação social de uma dignidade superior e universal, e de outro, assegurava a mais ampla difusão de sua obra e de seus ideais. Os conteúdos temáticos eram portanto nobilitados pelos recursos de linguagem e está modelada pela realidade que veiculava, o conjunto constituindo uma totalidade harmoniosa e votada à máxima viabilidade comunicativa. Daí a força de penetração e impacto perfeitamente calculada de seus textos, ajustados de forma notável ao papel crítico atuante e inconformista a que o autor os destinava.

Na escritura de Lima Barreto, a avidez de sua linguagem foi oposição à retórica vigente e, ao mesmo tempo, um escudo de proteção à sua criação. O autor, de forma contundente, deixou registradas suas ideias e inquietações em todos os seus textos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa confirmou a importância das obras barretianas **Numa e a ninfa**, em suas versões Conto e Romance, **Aventuras do Dr. Bogóloff**, no que concerne à leitura das obras sob os olhares teóricos da transtextualidade e a da teoria da Nova Crítica, proposta desta pesquisa. Tanto os textos de partida quanto o texto de chegada permitiram o aproveitamento do contexto sociopolítico em que se pôde constatar que as denúncias afirmadas no Conto foram reafirmadas no texto intermediário (Aventuras) e efetivadas no Romance. O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto se firmou, pois, como contestador e crítico da situação social, política, econômica e cultural de sua época, deixando registrada sua escritura para reflexão do leitor, podendo-se afirmar que sua literatura, inquestionavelmente, provocou ruptura com a tradição.

Tomando-se a premissa de que nenhum texto é definitivo, enquanto vive o autor, Lima Barreto valeu-se da reescrita e rearranjo em função dos temas de sua preferência, com a finalidade de expor ao leitor a sua visão da realidade. Assim, o vislumbre da obra barretiana permite o olhar descortinador do leitor às interfaces interpretativas que o texto oferece.

Apesar de as obras **Numa e a ninfa**, o Conto e o Romance, aliado às **Aventuras do Dr. Bogóloff** serem produzidas no século passado, a temática desenvolvida nelas é similar à experienciada na atualidade, pois, à maneira de Numa Pompílio, muitos políticos buscam prestígio, recompensa, favores e triunfos obscuramente, não se importando com a punição que a maioria acredita não ser aplicável ao seu mandato ou à sua pessoa.

Um palco descortinado está sempre pronto para a ação das personagens. Nas versões de **Numa e a ninfa**, o Conto e o Romance, apesar de Numa Pompílio de Castro ser reconhecidamente bom de discurso, um transeunte, sem identificação, no hipertexto, o Romance, “disse perceptivelmente: O triunfo é dele, mas a glória é dela” (BARRETO, 1989, p. 28). Contemplada a teoria da Nova Crítica, os elementos da narrativa avaliados confirmaram que um desfile de personagens com máscaras ocorreu no palco da exibição literária barretiana. Dessa forma, o título das versões **Numa e a ninfa** (Conto e Romance) é perfeito quando une Numa e a ninfa, pois seria incompleto, caso faltasse Numa ou a ninfa.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. Lima Barreto, pingente. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 64-66.

ATAÍDE, Austregésilo. O moderno conto brasileiro. **Letras de hoje**, Porto Alegre, n. 18, p. 7-8, dez. 1974.

ATAÍDE, Tristão de. Lima Barreto. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 58-64.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto 1881-1922**. 7. ed. São Paulo: Itatiaia & USP, 1988.

_____. Lima Barreto, precursor do romance moderno. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 72-103.

BARRETO, Lima. **Numa e a ninfa**. São Paulo: Brasileira, 1950.

_____. **Correspondência ativa e passiva**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 2.

_____. **Diário íntimo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.

_____. **Marginália**. 2. ed. Paulo: Brasiliense, 1961c.

_____. **Numa e a ninfa**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961d.

_____. **Numa e a ninfa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

BARRETO, Lima. **Os melhores contos de Lima Barreto**. Seleção Francisco de Assis Barbosa. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção Os Melhores Contos, v. 9).

_____. **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

_____. Numa e a ninfa. In: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 294-299.

BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BÍBLIA SAGRADA: edição revista e atualizada no Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1960.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania**. São Paulo: FTD, 2011.

BRAGA, Cibele et al. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 39-50.

_____. A personagem do romance. In: _____. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva. 2009. p. 51-80.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 4.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um mulato no reino de jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto**. São Paulo: Cortez, 1981.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Disponível em:
<http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 30 jul. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Maria C. L. Numa e a ninfa. In: _____. **O romance de Lima Barreto e sua recepção**. Belo Horizonte: Lê, 1995. p. 59-67.

FREIRE, Zélia Nolasco. **Lima Barreto: imagem e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2005.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

GILENO, Carlos Henrique. Numa e a ninfa: dilemas e impasses da formação da sociedade republicana. **Perspectivas**, São Paulo, n. 26, p. 125-136, jan./jun. 2003.

GOTLIB, Nádia B. **A teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRIECO, Agrippino. Lima Barreto. In: _____. **Vivos e mortos**. 2. ed. São Paulo: José Olympio. 1947. p. 82-89.

GUIMARÃES, Luciene. Cinco tipos de transtextualidade, dentre os quais a hipertextualidade. In: BRAGA, Cibele et al. **Palimpsestes: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010. p. 11-19.

IMPRENSA NACIONAL. Disponível em:
<<http://pt.io.gov.mo/Links/record/41.aspx>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Alceu A. **Quadro sintético da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

LINS, Osman. Lima Barreto: o romancista & Lima Barreto: os romances. In: _____. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976. p. 31-61.

LUCAS, Ricardo J. L. Resenha – Genette, Gérard. Paratexts – thresholds of interpretation. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1-2, n. 23, p. 116-118, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art19.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

MARTHA, Alice A. P. A gênese híbrida de Numa e a ninfa. **Unimar**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 95-102, out. 1988.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NOMES. Disponível em: <<http://www.significado.origem.nom.br/nomes/numa.htm>>. Acesso em: 9 set. 2011.

OLIVER, Nelson. **Dicionário de nomes**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

PEREIRA, Astrojildo. A máscara do Dr. Bogóloff. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 52-58.

PLUTARCO. Vida de Numa Pompílio. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/plutarco-vida-de-numa-pompilio>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007.

RESENDE, Beatriz. A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de Pesquisas. Setor de Filologia. **Sobre o pré-Modernismo**. Rio de Janeiro: FCRB, 1988. p. 107-114.

RIBEIRO, João. Numa e a ninfa. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 31-34.

RUIZ, Eliana M. S. D.; FARIA, Melissa B. A intertextualidade no gênero resenha. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v.12, n. 1, p. 99-128, jan./abr., 2012.

SCHWARCZ, Lília M. **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEIXAS, Mariana E. S. Numa e a ninfa, em retrato da Primeira República: a obra de Lima Barreto e suas relações com a História. **Revista de História**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 74-90, 2009. Disponível em: <http://www.revistahistoria.ufba.br/2009_1/a05.pdf>. Acesso em: 10 maio, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHIMIDT, Joël. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Lisboa: Edições 70, 2011.

SIMIAN-YOFRE, Horacio (Coord.). Glossário. In:_____. **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 196-197.

TELES, Gilberto M. **A escrituração da escrita**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Para uma teoria do conto. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 18, p. 7-9, dez. 1974.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português**. 2. ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1982.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

_____. (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

A CARICATURA DE SETH¹⁴

Um romance que vae causar successo

A NOITE começará a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto



Charge publicada na 1.^a página de *A Noite* de 12 de março de 1915. Na legenda: "A Galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens de *Numa e a Ninfa*". Os retratos, tal como os identificou o próprio caricaturista, o desenhista Seth, são: 1 — Pinheiro Machado; 2 — Rivadávia Correia; 3 — Antônio Azeredo; 4 — Lauro Müller; 5 — Fonseca Hermes; 6 — Hermes da Fonseca; 7 — João Lage; 8 — Paulo de Frontin; 9 — Luís Bartolomeu; 10 — Leão Veloso; 11 — Sabino Barroso.

¹⁴ ANTONIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 68.

ANEXO B

CORRESPONDÊNCIA DE LIMA BARRETO A JOÃO RIBEIRO¹⁵

[Minuta]

3-6-1917.

Meu caro Senhor doutor João Ribeiro

Desde dias que tenho tencionado escrever-lhe a respeito da crítica que o senhor fêz do meu **Numa**. Mas sempre adio o propósito com medo. O senhor vai ver quais os motivos dessa minha timidez. De há muito que me tenho habituado a estudar nos seus livros. Em criança, no primeiro ano da sua gramática, mais tarde no segundo, depois no terceiro; em história da mesma forma e li tantas vezes a sua do oriente e Grécia, que ainda hoje tenho de cor certos trechos. A sua **História do Brasil** (eu já estava há três anos na Escola Politécnica), quando apareceu, logo a comprei e a li e reli; os seus artigos na **Revista Brasileira**, sobre “A Democracia na Alemanha”, foram muitas vezes lidos por mim e com diversos pensamentos, conforme os anos meus.

Dessa forma, sem que o senhor me haja dado a mínima lição, é o senhor de alguma forma meu professor; e quando um professor dêses diz de um seu discípulo emancipado o que disse dos meus livros, no **Imparcial**, o aluno fica balbuciante.

Acabo de vencer o espanto e a comoção; e queria o Senhor João Ribeiro acreditar que lhe fico sinceramente agradecido e procurarei seguir os seus conselhos, naquilo de que fôr capaz a minha pequena inteligência. Não costumo discutir as críticas aos meus livros, nem devo. Mas permita, como todo o romancista que se preza, eu tenho amor e ódio pelos meus personagens.

Por isso eu pedia licença para protestar contra o qualificativo de velhaca que o senhor apôs à minha Edgarda. Eu não a quis assim. Ela é vítima de uma porção de influências sociais, de terrores em tradições familiares, quando aceita o casamento com o Numa. Depois... Nós, dado a fraqueza do nosso caráter, não podemos ter uma heroína de Ibsen e, se eu a fizesse assim, teria fugido daquilo que o senhor tanto gabou em mim: o senso da vida e da realidade circundante.

Há de me desculpar essa tirada e, creia, mais uma vez quem lhe agradece aqui é o seu discípulo

Lima Barreto.

¹⁵ BARRETO, Lima. **Correspondência ativa e passiva**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 2. p. 32-33.